

Departamento de História

# Era uma vez...Estereótipos de Género nos Livros Infantis

Andreia Filipa Rebelo Nunes  
Número de aluna: 70992

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre  
em Empreendedorismo e Estudos da Cultura – Gestão Cultural

Orientadora  
Doutora Sandra Palma Saleiro, Investigadora  
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL)  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017

“ (...) Para que os autores que escrevem literatura para crianças aceitem este papel inovador quanto à mudança de papéis, é indispensável uma condição prévia: que eles próprios a reconheçam e aceitem. E é certamente por isso que grande parte da literatura infantil que inova em matéria de modelos e papéis sociais se deve a feministas”.

Leal, Ivone (1982: 61-62)

## **Agradecimentos**

Agradeço á minha orientadora, Sandra Saleiro, pelo companheirismo e pela forma empoderadora como me soube conduzir por este desafio.

Sábria e paciente recebeu-me sempre de sorriso aberto e de forma tranquila nos nossos vários encontros, dando muito de si e do seu conhecimento, ouvindo-me atentamente e partilhando as minhas conquistas ou desventuras sobre a tese e não só. Agradeço as várias e atempadas leituras e os sempre tão ricos e tão atentos comentários. Foi um privilégio ter-te como orientadora, pelo teu percurso, pelo teu reconhecimento na área dos Estudos de Género e por quanto te admiro como académica, pessoa e amiga. É um orgulho trabalhar e marchar ao teu lado. Conta comigo, sempre. Venham mais lutas, venham mais marchas e encontros!

À Dora Batalim Sottomayor, que não sendo orientadora “oficial”, foi guia, uma amiga e uma inspiração em tudo oficial. Agradeço por me facilitares a introdução no mundo da literatura infantil e por me desvendares a magia do livro no seu todo. Com um discurso apaixonado a rabiscar em guardanapos de café, muito me ajudaste a ultrapassar todos os medos e inseguranças de quem se aventurava no desconhecido, tantas dicas me deste, tantas reflexões e sonhos que ajudaste a pintar. Obrigada pelos almoços barulhentos e por todas as “andanças”.

À Dra. Elsa Conde e à Dra. Leonor Riscado, obrigada pelo tempo concedido em entrevista, pelo cuidado e atenção dispensada e pela conversa entusiasmada que aconteceu antes e depois, rodeadas daquilo que mais gostamos: livros. Parabéns pela vossa dedicação e que venham muito mais décadas de PNL!

Numa nota mais pessoal:

Ao meu Joãozinho, que tanto me apoiou e alimentou – a barriga, o coração e a alma. Tenho muito orgulho em ti e na tua música. Obrigada pela arte que criamos juntos.

Obrigada à família linda e amigxs com quem tenho estado em falta nos últimos tempos. Obrigada por terem orgulho em mim e, prometo agora compensar-vos!

À Valentina. E a todxs que sabem quem é a Valentina.

À Igualdade de Género e aos Livros infantis mais iguais.

## Resumo

Era uma vez... Estereótipos de Género nos Livros Infantis Premiados

O presente trabalho de investigação teve como objetivo analisar os estereótipos de género nos livros premiados pela SPA/RTP na categoria de “Melhor Livro Infanto-Juvenil” desde 2010 a 2017, num total de oito livros. Complementarmente pretendeu-se indagar sobre a presença da problemática de género nos critérios subjacentes à seleção dos livros. Para tal concebeu-se uma grelha de análise com quatro dimensões: Ficha Técnica dos livros; Representatividade de Género; Estereótipos de Género e Linguagem e Género e realizou-se uma entrevista conjunta a dois membros da equipa do Plano Nacional de Leitura. À semelhança de outros estudos nacionais e internacionais, constatou-se nesta investigação uma sub-representação feminina – não ao nível de autoria dos livros, mas das personagens femininas, bem patente na sua total ausência como personagens centrais. As desigualdades de género verificam-se para as várias dimensões, com destaque para as dimensões relacionadas com os *hobbies*, tempos de lazer e tarefas/responsabilidades domésticas, onde os tempos de descanso e “fazer nada” dos personagens masculinos contrastam com os encargos de cozinhar e limpar associados às personagens femininas. No entanto, a análise dos livros em estudo permite constatar a não linearidade das representações e mensagens de género, podendo um mesmo livro alternar entre mensagens estereotipadas, mensagens que contrariam o estereótipo e mensagens promotoras de igualdade.

**Palavras-chave:** Estereótipos de Género; Literatura infantil; Prémio SPA/RTP; Livro Recomendado pelo PNL.

## **Abstract**

Once upon a time ... Gender Stereotypes in Award Winning Children's Books

The present research aimed to analyze gender stereotypes in the books awarded by SPA / RTP in the category of "Best Children and Youth Book" from 2010 to 2017, in a total of eight books. In addition, it was sought to inquire about the presence of gender issues in the criteria underlying the selection of books. For this purpose, an analysis grid with four dimensions was conceived: Technical Data Sheet; Gender representativeness; Gender and Language and Gender stereotypes and a joint interview was held with two members of the National Reading Plan (Plano Nacional de Leitura – PNL) team. As with other national and international studies, this research revealed a female under-representation - not to the level of authorship of the books, but of the female characters, well evident in their total absence as central characters. Gender inequalities can be perceived in the various dimensions, with emphasis on the dimensions related to hobbies, leisure time and household tasks / responsibilities, where rest and "doing nothing" periods of the male characters contrast with the cooking and cleaning chores associated with the female characters. However, the analysis of the books under study allows to verify the non-linearity of the representations and messages of gender, having found that the same book can alternate between stereotyped messages, messages that oppose the stereotype and messages promoting equality.

**Keywords:** Gender Stereotypes; Children's literature; SPA / RTP Award; Book Recommended by PNL.

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	ii
Resumo .....	iii
ÍNDICE .....	v
Índice de quadros .....	vi
Índice de figuras .....	vi
INTRODUÇÃO .....	8
I – ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO NA LITERATURA INFANTIL – PRINCIPAIS CONCEITOS E ESTADO DA ARTE .....	11
1.1. Literatura infantil.....	12
1.2. Género.....	14
1.2.1. Estereótipos de género na infância.....	17
1.2.2 Como se forma a identidade de género e como se constrói o género - Género, brinquedos e livros infantis.....	19
1.3. Estereótipos de Género nos livros infantis – Estado da Arte.....	26
II – DESENHO DA PESQUISA .....	33
2.1. Objeto de Estudo.....	33
2.2. Objetivos.....	33
2.3. Estratégia metodológica.....	35
2.4. Constituição do Corpus de Análise .....	37
2.5. Definição das categorias de análise para codificação .....	40
III – OS LIVROS INFANTIS PREMIADOS PELA SPA/RTP – UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	41
a) Ficha Técnica dos livros .....	41
b) Representatividade de Género .....	44
c) Estereótipos de Género .....	49
c.1. Traços Físicos, Feições e Adornos .....	50
c.2. Corpo e relações de género .....	53
c.3. Saúde e Práticas Desportivas .....	56
c.4. Caracterização de Personalidade .....	61
c.5. Competências.....	65
c.6. Hobbies e atividades de lazer .....	71
c.7. Tarefas/responsabilidades domésticas .....	74
c.8. Profissões .....	78
c.9. Tipos de Família .....	80
c.10. Contexto .....	83
D. Linguagem .....	84
CONCLUSÕES, DESAFIOS E FOCOS DE ESPERANÇA .....	86
BIBLIOGRAFIA.....	90
ANEXO .....	I

## Índice de quadros

Quadro 2.1. Listagem de livros premiados	37
Quadro 3.1. Quadro de caracterização dos livros	42
Quadro 3.2. Contabilização de personagens, segundo o género e idade	47
Quadro 3.3. Tarefas associadas ao masculino	75
Quadro 3.4. Tarefas associadas ao feminino	75
Quadro 3.5. Profissões no masculino genérico	78
Quadro 3.6. Tipos de família	81

## Índice de figuras

Figura 3.1. Género e Composição do Júri	45
Figura 3.2. Género do/a Escritor/a	46
Figura 3.3. Género do/a Ilustrador/a	46
Figura 3.4. Género no título do livro	47
Figura 3.5. Género das Personagens Principais	47
Figura 3.6 – Personagem feminina de Cabelo curto e pintado no livro “Achimpa” (2015, s/p)	50
Figura 3.7 – Personagem no livro “De umas Coisas Nascem Outras” (2017:7)	51
Figura 3.8 – Personagem no livro “A Contradição Humana” (2016, s/p)	51
Figura 3.9 – Personagem no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	51
Figura 3.10 – Personagem no livro “Achimpa” (2015, s/p)	51
Figura 3.11 – Personagem de fato no livro “A Contradição Humana” (2016, s/p)	52
Figura 3.12 – Personagens de fato no livro “Achimpa”(2015, s/p)	52
Figura 3.13. – Personagem de fato no livro “De umas coisas nascem outras” (2017:15)	52
Figura 3.14 – Personagens de fato no livro “O Senhor Pina” (2013:20)	52
Figura 3.15 – Personagem <i>gender bender</i> no livro “Com o Tempo” (2015, s/p)	52
Figura 3.16 – Personagens <i>gender bender</i> no livro “A Palavra Perdida” (2014, s/p)	53
Figura 3.17 – Vários tipos de corpos nas personagens no livro “Com o tempo” (2015, s/p)	54
Figura 3.18 – Formas arredondadas na personagem no livro “Achimpa” (2015, s/p)	54
Figura 3.19 – Formas arredondadas na personagem no livro “A Contradição Humana” (2016, s/p)	54
Figura 3.20 – Personagem “Carlinha” do livro “A Contradição Humana” (2016, s/p)	55
Figura 3.21 – Personagem “Linguista” no livro “Achimpa” (2015, s/p)	57
Figura 3.22 – Personagem Avó “Estrela” no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	57
Figura 3.23 – Personagem Avô Gervásio no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	57
Figura 3.24 – Todas as personagens de pé menos o Avô Gervásio no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	57
Figura 3.25 – Várias personagens a nadar no livro “Com o Tempo” (2015, s/p)	58
Figura 3.26 – Várias personagens a dançar no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	58
Figura 3.27 – Personagens a fazer o pino no livro “O Senhor Pina” (2013:8)	58
Figura 3.28 – Personagem Eng. Quaresma a correr, no livro “O Senhor Pina” (2013:37)	58
Figura 3.29 – Personagens Albino e Albano no livro “A Casa Sincronizada (2011, s/p)	58
Figura 3.30 – Personagem Tomé no livro “A Casa Sincronizada, 2011 s/p).	59
Figura 3.31 – Personagem Valentim no livro “A Casa Sincronizada”, 2011, s/p).	59

Figura 3.32 – Personagem Isadora no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	60
Figura 3.33 – Personagem a andar de bicicleta no livro “O Senhor Pina” (2013:57)	60
Figura 3.34 – Caracterização de Personalidade Masculina	61
Figura 3.35 – Caracterização de Personalidade Feminina	63
Figura 3.36. – Amigos em cima da árvore, entre eles uma menina, no livro “O Tubarão na Banheira” (2016: 27)	64
Figura 3.37. – “Delicada” - personagem no livro “O Senhor Pina” (2013:49)	64
Figura 3.38 – “Delicada” e mais pequena que o homem ao centro da mesa. Personagem no livro “O Senhor Pina” (2013:50)	64
Figura 3.39 - Competências associadas ao Masculino	66
Figura 3.40 - Competências associadas ao Feminino	67
Figura 3.41 – Personagem no livro “Com o Tempo” a atar os atacadores (2015, s/p)	67
Figura 3.42 – Personagem no livro “De umas Coisas Nascem Outras” (2017:35)	67
Figura 3.43 – Personagem no livro “O Tubarão na banheira” (2016:10)	68
Figura 3.44 – Personagem no livro “Achimpa” a organizar os livros (2015, s/p)	68
Figura 3.45 – Personagem no livro “Achimpa” a pesquisar na biblioteca (2015, s/p)	68
Figura 3.46 – Personagem no livro “Com o Tempo” a consultar o dicionário (2015, s/p)	68
Figura 3.47 – <i>Hobbies</i> e Atividades de lazer no masculino	71
Figura 3.48 – <i>Hobbies</i> e Atividades de lazer no feminino	72
Figura 3.49 – Imagem da publicação da UNESCO, 1986. Tradução livre: o pai a ler, a mãe a tricotar	71
Figura 3.50 – Personagem Avó Estrela a tricotar no livro “Casa sincronizada” (2011, s/p)	72
Figura 3.51 – Personagem Avô a ler o jornal no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	72
Figuras 3.52 – Personagem no livro “Com o Tempo” a tricotar (2015, s/p)	73
Figura 3.53 – Personagens feminina e masculinas a ler o jornal no livro “Achimpa” (2015, s/p)	73
Figura 3.54 – Personagens femininas e masculinas a ler na toalha no livro “Com o Tempo” (2015, s/p)	73
Figura 3.55 – Personagem Artur (pai) a rachar lenha, no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	75
Figura 3.56 – Personagens no livro “Achimpa” a cozinhar (2015, s/p)	76
Figura 3.57 – Personagem Celeste no livro “A Casa Sincronizada” a varrer (2011, s/p)	76
Figura 3.58 – Ilustração de uma cozinha no livro” Com o Tempo” (2015, s/p)	77
Figura 3.59 – Ilustração de um carro de compras no livro” Com o Tempo” (2015, s/p)	77
Figura 3.60. Profissões associadas ao masculino	78
Figura 3.61. Profissões associadas ao feminino	79
Figura 3.62 – Taxista no livro “Achimpa” (2015, s/p)	79
Figura 3.63 – Personagem feminina no Parlamento, no livro “Achimpa” (2015, s/p)	80
Figura 3.64 – Personagem Celeste carinhosa com o filho no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)	82
Figura 3.65 – Personagens no livro “Achimpa” (2015, s/p)	83
Figura 3.66 – Personagens no livro “O Senhor Pina” (2013:49)	83
Figura 3.67 – Apenas Personagens masculinas nos elétrico e rua no livro “Achimpa” (2015, s/p)	83

## INTRODUÇÃO

O presente estudo resulta da confluência de três áreas de interesse: empreendedorismo, arte, mais especificamente literatura infantil, e cultura, particularmente sobre as questões de género, pretendendo contribuir para uma eficaz interação entre esses campos.

As metodologias ativas e participativas utilizadas para refletir sobre estereótipos de género junto de crianças são particularmente úteis, nomeadamente recorrendo à mediação e animação da leitura de livros infantis, seguindo-se pequenos debates e estratégias de história-dilema, na qual podem decidir o final, por exemplo.

Trabalhando com crianças as questões de género desde há vários anos, foi fácil identificar uma quase ausência de histórias infantis escritas por autores/as portugueses/as com personagens femininas protagonistas e que favorecessem a desconstrução de representações e papéis de género estereotipados.

Os estereótipos de género estão presentes em vários contextos e a literatura infanto-juvenil não é exceção, sendo visível a persistência de personagens femininas e masculinas estereotipadas, o uso do masculino universal como linguagem preferencial e mesmo o reforço de diferentes interesses e capacidades atribuídos a uns e outras.

Tendo decidido contribuir para alterar esta realidade, escrevi uma história infantil que será publicada em 2019 por uma das mais reconhecidas editoras no panorama nacional.

A frequência do Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura contribuiria ainda mais para a vontade de empreender em cultura, nomeadamente na literatura infantil e com uma orientação para as questões de género, nomeadamente de combate aos estereótipos de género.

Refletindo sobre o tema para a tese de mestrado afigurou-se como uma boa possibilidade canalizar energias e atenção para a temática das questões de género na literatura infantil, considerando o impacto que esta possui junto de crianças que estão a aprender sobre si e sobre o mundo e irão, também através dos livros aprender sobre o género e o que podem ser independentemente de serem meninas ou meninos.

Começou assim a desenhar-se um plano de investigação com o objetivo de analisar os estereótipos de género presentes em livros infantis, refletindo sobre a representatividade de género (se personagens masculinas e femininas são representadas em igual proporção) e analisando estereótipos de género na forma como são caracterizadas a nível físico e de personalidade, que competências lhes são

associadas, que profissões, que aspirações e ambições, onde se movem, com quem interagem.

Refletindo sobre a importância que têm os livros premiados e como esse destaque se constitui um mecanismo de validação e até canonização, optou-se por selecionar um *corpus* de livros premiados, à semelhança do que outros estudos internacionais têm realizado, com os prémios “Caldecott” ou “Newberry” cujo pioneirismo é atribuído a Weitzman *et al.* em 1972.

Pesquisando sobre os vários prémios e através de conversas informais com autores/as de livros infantis, o Prémio Sociedade Portuguesa de Autores em parceria com a Rádio Televisão de Portugal - SPA/RTP que distingue, entre outros, o “Melhor livro infanto-juvenil” surgiu como uma opção viável e reconhecida no meio.

O objetivo geral deste estudo consistiu, assim, em analisar estereótipos de género nos livros premiados pela SPA/RTP na categoria “Melhor livro infanto-juvenil” desde 2010 até 2017, procurando-se complementarmente, indagar em que medida a problemática de género estaria presente nas reflexões de equipa do júri SPA/RTP e nos critérios definidos para selecionar os livros premiados. Tendo-se constatado que grande parte dos livros premiados pela SPA/RTP eram também distinguidos como “Livro Recomendado pelo Plano Nacional de Leitura”, procurou-se ainda verificar se a problemática de género estaria presente nas reflexões e critérios da equipa responsável pelas listagens de Livros Recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (PNL).

Para a análise das representações e identificação de estereótipos de género, no conteúdo e nas ilustrações dos oito livros infantis premiados pela SPA/RTP foi construída uma grelha de análise com várias dimensões e categorias. Para indagar sobre a inclusão das questões de género nos critérios de seleção dos livros premiados/recomendados, realizou-se uma entrevista junto de duas representantes do Plano Nacional de Leitura – A Sub-Comissária do Plano, a Dra. Elsa Conde e a Dra. Leonor Riscado, membro da equipa de especialistas responsável pela elaboração das listagens de livros recomendados.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro apresentam-se os principais conceitos sobre a problemática em estudo: Literatura Infantil, Género, Estereótipos de Género, sua influência e como surgem na literatura infantil, apresentando também o estado da arte e outros estudos realizados nesta temática.

No segundo capítulo apresenta-se o desenho da pesquisa, explicitando-se sobre a metodologia escolhida e as técnicas de recolha e análise de dados. No terceiro capítulo apresentam-se e discutem-se os resultados da análise empreendida aos oito livros em estudo, nas categorias e dimensões definidas, recorrendo a citações de texto

e a imagens/ilustrações exemplificativas, comparando os resultados com os obtidos por outros estudos realizados a nível nacional e internacional.

Espera-se com este trabalho de investigação contribuir para a reflexão sobre o papel dos livros enquanto bens de cultura e “fazedores de cultura” e para a discussão sobre a importância dos livros infantis na socialização das crianças e na percepção dos papéis e normas de género.

## **I – ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO NA LITERATURA INFANTIL – PRINCIPAIS CONCEITOS E ESTADO DA ARTE**

O gosto e interesse pelo livro inicia, por norma, na etapa da infância, quer através da exploração autónoma pelas crianças, quer através das histórias que lhes são contadas pelo/a educador/a ou pelos/as pais/mães, constituindo um meio para despertar o desejo de aprender a ler e o desenvolvimento da linguagem, de informação, de transmissão do saber e da cultura, de desenvolvimento da sensibilidade estética e de expressão de emoções, tal como consta nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997).

Os textos literários, onde se incluem os livros infantis não são um mero objeto, os livros são capital simbólico (Bourdieu, 1982) pois contribuem para o acesso/fruição da cultura e à vida plena em cidadania.

Nos seus muitos ensinamentos os livros infantis veiculam mensagens e ensinamentos de género, sobre quem são e o que fazem homens e mulheres, proporcionando às crianças e jovens modelos de comportamento e papéis mais adequados a cada um/a, evidenciando as relações de poder que perpassam ambos e que se enquadram num determinado contexto e época histórica.

A preocupação subjacente à temática em estudo reside exatamente aqui: a literatura infantil possui um importante papel socializador, pela apresentação de modelos e valores numa fase crucial em que a criança desenvolve a sua personalidade, preparando-a para a escola/ competências escolares, mas também para interpretar o mundo, o corpo, as emoções, os laços afetivos, a realidade (Bastos 1999).

Como tal, seria de esperar que as crianças e jovens tivessem fácil acesso a livros e histórias que refletem uma sociedade igual para todos e para todas.

Os livros infantis, sendo poderosas armas de socialização de género, têm fortes impactos nas crianças: nas atitudes e comportamentos, no desenvolvimento da identidade e autoestima (Narahara 1998a; Gooden e Gooden, 2001; Anderson e Hamilton, 2005), promovendo, nesse processo, escolhas estereotipadas de brinquedos, o reforço dos sentimentos de poder dos rapazes, concomitantemente com a contenção das aspirações das raparigas (Hamilton *et al.*, 2006; Paynter, 2011).

Para o entendimento do poder dos livros infantis é útil aprofundar os significados de “Literatura Infantil”; bem como de “Género” e “Estereótipos de Género”.

## 1.1. Literatura infantil

A junção dos termos literatura e crianças parece, de certa forma, contraditória: se por um lado a literatura deverá ser *livre, dependente apenas da volátil inspiração*, sem ter a obrigação de agradar a ninguém, por outro lado, as crianças possuem características, vivências e interesses particulares próprias desta etapa (Bastos, 1999).

Posto isto, enquanto objeto literário específico e de destinatário/a particular, o conceito de “literatura infanto-juvenil” esteve, no seu despontar, envolto em vários debates e dúvidas e com particular questionamento sobre se seria válido na sua especificidade (Bastos, 1999).

Segundo Leonor Riscado (em entrevista)

Quando se fala de literatura...fala-se de literatura normalmente para adultos, a arte da palavra e não necessita de mais nada... reconhecemos o corpus sem necessidade de nenhuma adjetivação. Durante muito tempo a literatura para a infância foi uma espécie de terra de ninguém (...) uma espécie de para-literatura...”

Por mais debates e posições opostas que possam existir é inevitável reconhecer que este campo tem vindo a ganhar terreno, num contributo notável para o nosso património cultural e literário (Bastos, 1999).

Na tentativa de definição do que se entende por “literatura infanto-juvenil”, designação utilizada pelo Prémio SPA/RTP, é comum surgirem vários outros termos confluentes para esta mesma realidade: literatura infantil, literatura para crianças e jovens; literatura para crianças, livros para crianças, entre outros (Bastos, 1999).

Uma das primeiras propostas de definição deste conceito coube a Marc Soriano (1975) que salienta a literatura como um processo comunicativo e faz menção às estruturas e estádios de desenvolvimento das crianças e jovens:

A literatura para a juventude é uma comunicação histórica (quer dizer localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor adulto (emissor) e um destinatário criança (recetor) que, por definição, de algum modo, no decurso do período considerado, não dispõe senão de forma parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta. (citado por Bastos, 1999: 22).

Por seu turno, Juan Cervera (1991) salienta a importância de uma definição integradora e propõe que literatura infantil englobe “toda a produção que tenha como veículo a palavra com um toque artístico ou criativo e como destinatário a criança” (Bastos, 1999: 23).

Numa definição mais abrangente, integrando além do/a autor/a, outros/as emissores/as e colocando as crianças como principais recetores/as, mas não excluindo

outros/as – Leonor Riscado encara a literatura infantil como “o universo particular, criado por adultos – o autor, o ilustrador, o *designer* gráfico – e destinado a ser usufruído por recetores preferenciais que são as crianças” (2011: 233 citada por Silva, 2012: 43).

Judith Hillman em 1995 acrescentou ainda especificidades ao nível de dois ingredientes fundamentais: o conteúdo e a qualidade. No que concerne ao primeiro este deverá abarcar: experiências características da infância, escritas segundo a perspectiva da criança; personagens infantis ou semelhantes; intrigas diretas e focadas na ação, otimismo e ingenuidade e uma junção de realidade e fantasia. Quanto à qualidade, esta deverá estar presente para qualquer destinatário/a e deverá ter o poder de saciar pelo prazer do texto, pois “a literatura oferece-nos palavras para descrever e explorar os nossos pensamentos, sonhos e histórias” (Bastos, 1999:25).

Segundo Leonor Riscado (em entrevista):

(...) mais recentemente a tendência é para se falar de literatura de destinatário preferencialmente infantil, porque no fundo a criança ou adolescente são o último ponto da escala, são os adultos, sejam os pais, sejam os professores, sejam os bibliotecários que sugerem os livros destinados a esse público.

Bebendo das várias definições, a literatura infantojuvenil tem como destinatários/as primordiais as crianças, não menos merecedoras de um produto artístico de qualidade, que possa saciá-las e fazer sonhar.

Em Portugal, e à semelhança de outros países, a expansão da literatura para crianças esteve intimamente relacionada com o investimento na escolaridade e com a psicologia infantil que nos seus estudos demonstrava a importância do livro num contexto extraescolar, encarando a atividade de ler para lá da alfabetização e também como aprendizagem social (Rocha,1992).

Vários acontecimentos nacionais e internacionais contribuíram para o despoletar da literatura infantil, principalmente na década de 1970, podendo referir-se a título nacional a Revolução do 25 de Abril, com o incremento do acesso ao livro proporcionado pelo fim da censura e a liberdade de expressão (Rocha 1992; Bastos, 1999). Já na época anterior à revolução, os livros foram reconhecidos na sua função de agentes modeladores, como veículo primordial de transmissão de valores e condutas (Rocha, 1992; Basto, 2015).

Ao nível internacional e por recomendação da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), surgem também duas importantes comemorações: o Ano Internacional do Livro Infantil (1974) e o Ano Internacional da Criança (1979) que a par com o aumento da escolaridade e do aumento de consumidores/as de livros, fortaleceriam o crescimento da literatura infantil no nosso país (Rocha, 1992; Bastos, 1999).

Surgem, assim, coleções, estudos e uma nova geração de escritores e escritoras, destacando-se Luísa Dacosta, Luísa Ducla Soares, Maria Rosa Colaço, Matilde Rosa Araújo, Alice Gomes, Manuel António Pina (tendo sido analisado neste estudo um livro que lhe presta homenagem), Sidónio Muralha e muitos/as outros/as (Rocha, 1992).

Hoje em dia a Literatura Infantil Portuguesa tem um lugar cimentado e o seu mérito é amplamente reconhecido, somando prémios e elogios.

Exemplo disso é a sua presença assídua num dos maiores e mais reconhecidos pontos de encontro neste campo: a Feira Internacional do Livro de Bogotá. A somar prémios e menções honrosas desde há vários anos, vários nomes portugueses são já bem conhecidos no certame, entre eles: André Letria, Catarina Sobral, Maria Dias e Inês Rosário, Madalena Moniz, bem como as editoras Pato Lógico, Orfeu Negro, Planeta Tangerina – esta última considerada a Melhor Editora Europeia do Ano em 2013.

Em entrevista ao jornal Observador em 2016<sup>1</sup>, o diretor-geral da Booktailors, Paulo Ferreira, referiu que Portugal se destaca em matéria de literatura infantil, afirmando mesmo que “Mal apresento o livro de um autor português que represento, vendo-o. Na hora. Portugal está na ‘pole position’ da ilustração e do livro infantil”.

Vários são também os prémios e distinções que visam incentivar jovens escritores/as e ilustradores/as ou a celebrar obras de outros/as com provas dadas neste domínio, como é o caso do Prémio SPA/RTP em análise neste estudo.

De pedra e cal continua também a aposta no aumento da literacia para todos/as os/as portugueses/as de todas as idades com as várias iniciativas do governo nessa matéria, destacando-se o Plano Nacional de Leitura e as listagens de livros recomendados, iniciativa que foi também alvo de atenção neste trabalho.

## **1.2. Género**

As primeiras referências ao conceito “género” surgem no final dos anos 1960, nos Estados Unidos da América, em estudos conduzidos no âmbito da sexualidade por médicos e psiquiatras, associando-se a nomes como Alfred Kinsey e John Money. A descoincidência manifestada por algumas pessoas, a que agora denominamos de trans(género), entre as suas características biológicas e o modo como se sentiam e exprimiam em termos de masculinidade e feminilidade revelou a insuficiência da terminologia utilizada – “sexo” - para descrever o “sexo psicológico” (Amâncio, 2001; Pereira, 2012; Saleiro, 2013).

---

<sup>1</sup> Em: <http://observador.pt/2016/04/04/bologna-childrens-book-fair-portugal-esta-na-pole-position-da-ilustracao-do-livro-infantil/>

Destaca-se, neste processo, a contribuição do psiquiatra Robert Stoller (1968) a quem se reconhece uma das primeiras referências ao conceito “género”.

Surge assim, a distinção entre os conceitos sexo e género, considerando o primeiro do domínio da biologia<sup>2</sup> e o segundo do domínio da cultura, como defendeu Stoller e, mais tarde, Ann Oakley no âmbito das ciências sociais na sua obra *Sex, Gender and Society*, onde problematizou as diferenças culturalmente construídas entre homens e mulheres<sup>3</sup>) (Oakley, 1972).

Esta distinção, embora problemática e simplista, uma vez que se pode argumentar tal como o fizeram Kessler e McKenna (1978), que também o conceito de sexo está dependente para a sua interpretação de influências culturais<sup>4</sup>, veio revelar-se particularmente útil para distinguir entre estudos sobre sexo/sexualidade e estudos sobre os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres (género) – que embora podendo ter por base o sexo, são mais do que isso, entendidos como um sistema completo de relações (Scott, 1988).

Uma abordagem essencialista para explicar as diferenças de género prevaleceu na primeira metade do séc. XX, incidindo sobre as diferenças inatas: as características de e nos indivíduos - sem reflexão sobre as suas origens; a conceção da masculinidade e feminilidade como algo estável que as pessoas têm (Nogueira, 1999).

Mas na segunda metade do século XX, graças aos movimentos feministas, dá-se um impulso a este termo e sua adoção pelas ciências sociais com o objetivo de destituir a determinação biológica fixa na natureza de homem e mulher, disseminar informação sobre os processos de construção social das diferenças e alertar para o facto de que a sociedade lhes atribui separadas formas de ser (Pereira, 2012; Amâncio e Oliveira, 2014).

O conceito de “género” foi introduzido na história das mulheres e nos estudos sobre as mulheres nos anos 1970 para denunciar a subordinação, inferioridade e

---

<sup>2</sup> Numa definição simples “sexo” diz, neste contexto, respeito a características biológicas tais como os caracteres sexuais primários e secundários, características genéticas e hormonais (Glossário da Ilga Europe, 2015 (tradução livre) em: [https://www.ilga-europe.org/sites/default/files/glossary\\_october\\_2015\\_edition.pdf](https://www.ilga-europe.org/sites/default/files/glossary_october_2015_edition.pdf)

<sup>3</sup> Outras autoras de referência parecem ter-se aproximado do conceito de género, mesmo que não recorrendo ao termo em si e importa referir os seus contributos. Este é o caso de Margaret Mead, Joan Rivière, Simone de Beauvoir (ver Oliveira, 2012) e também de Kate Millett (ver Amâncio e Oliveira, 2014).

<sup>4</sup> As autoras defendem que embora as contribuições tais como: hormonas, os cromossomas, gónadas e genitais sejam biológicas, encará-las como dicotómicas e divisoras entre macho ou fêmea reflete uma construção social. Autoras como Sandra Harding (1991); Donna Haraway (1993), Judith Butler (1993), argumentam no mesmo sentido.

desigualdade de poder das mesmas, afirmando que essa condição não era ditada pela natureza, mas sim por construções sociais, culturais, políticas e históricas (Bock, 1991).

O género constitui-se como elemento fundador das interações sociais (que assentam nas diferenças visíveis de sexo), atravessadas por relações de poder desiguais para homens e mulheres, instalado ao nível individual, das instituições e organizações sociais (Scott, 1996).

Esta relação assimétrica em que assenta a construção social de “masculino” e “feminino” tem como consequência o encarar das suas diferenças não como riqueza, mas discriminação – sendo expetável que sigam caminhos separados, com comportamentos e papéis distintos e que variam de cultura para cultura e ao longo do tempo (Amâncio, 1994; Cardona *et al.*, 2015).

Após a “destituição” do determinismo biológico surgiu um outro determinismo, o cultural, que descarta a análise sobre o poder das instituições e estruturas na socialização de género.

Vários/as autores/as como, por exemplo, Miguel Vale de Almeida (1995) iriam denunciar esta prescrição de papéis femininos e masculinos e traços de personalidade de uns e outras em dada cultura, pois negavam as variações individuais e reforçavam padrões de masculinidade hegemónica.

As teorias essencialistas, tanto as biológicas, como as culturais, foram particularmente criticadas por não reconhecerem o papel da agência individual e do envolvimento ativo e criativo das mesmas (Connell, 2002)

A partir do final da década de 1980 despoletam perspetivas que encararam o género como algo que se faz e se “(per)forma na interação” (Pereira, 2012: 48).

O artigo *Doing Gender* de Candace West e Don Zimmerman (1987), é um dos pilares fundadores desta premissa colocando o género como resultante da interação social, um espaço de negociação, construção e de expressão do género, entendendo o género como algo que se faz e não algo que se tem.

*Fazer género* significa entender as diferenças entre meninos/meninas; homens/mulheres como formas de conduta que permitem aos outros avaliar-nos ou “ler-nos” e relacionar-se connosco não pelo que somos, mas com base no que fazemos e construímos juntos em interação (West e Zimmerman, 1987).

Também Judith Butler e a sua crítica à estabilidade dos traços de feminilidade e masculinidade, deu um contributo crucial para o entender do género como um aglomerado de performances, apelando mesmo a que se crie “*gender trouble*”, isto é, que se questionem e transformem os sistemas de significados e normas e se subverta a estabilidade e dicotomia masculinidade/feminilidade com performances disruptivas (1990).

Como definição de Género, e no seguimento do encarar do género como resultante da interação social, vamos tomar a avançada por Maria do Mar Pereira (2012) no âmbito do seu estudo etnográfico realizado numa escola. A autora define género como:

O conjunto de significados e valorizações associados, num certo tempo e espaço social e geográfico, às categorias 'feminino' e 'masculino', e os processos, discursos e estruturas através dos quais se (re)produzem e negociam, de forma contínua, mas variável, diferenciações e hierarquias entre pessoas e “coisas” com base nessas categorias (Pereira, 2012: 35).

A par com o conceito de género importa também clarificar o que se entende por “estereótipo de género” e como estes se relacionam com os livros infantis e com as crianças leitoras.

### **1.2.1. Estereótipos de género na infância**

Os estereótipos de género dizem respeito a um conjunto de crenças organizadas e comumente partilhadas sobre as características que identificam homens e mulheres (Golombok e Fivush, 1994; Cardona *et al.*, 2015; Wall, 2016).

Os estereótipos de género têm um papel prescritivo – apontando conjuntos de comportamentos que se acredita serem mais apropriados para mulheres ou para homens – materializando-se em papéis de género tradicionais atribuídos a uns e a outras, valorizados de forma desigual (Amâncio, 1994; Nogueira, 1999; Nogueira e Saavedra, 2007).

Desde os anos 1960 que a investigação em Psicologia Social procura mapear que características correspondem a estereótipos de género. As conclusões de diferentes estudos levados a cabo nos finais do séc. XX, nacionais e internacionais, revelam a concordância dos estereótipos de género: os homens são tidos como mais fortes, ativos, competitivos e agressivos, possuindo uma maior necessidade de realização pessoal, de controlo e autonomia; e as mulheres são encaradas como dependentes de ligações afetivas com as outras pessoas, mais carinhosas e prestadoras de cuidados, com baixa autoestima e mais facilmente prontas a ajudar (Cardona *et al.*, 2015).

Em Portugal, o destaque em estudos deste âmbito vai para Félix Neto em 1990 e para Lúcia Amâncio (1994) que revelaram também consenso intercultural e estabilidade temporal nos conteúdos estereotipados que identificaram: a dominância, independência e instrumentalidade a caracterizar o estereótipo masculino, e a submissão

e expressividade como constitutivos do estereótipo feminino (Amâncio, 1994; Neto *et al.*, 1999; Cardona *et al.*, 2015).

Susan Basow (1986) define quatro subtipos de estereótipos de género: estereótipos relacionados com os traços de personalidade (independência vs. docilidade); estereótipos relativos aos papéis esperados (provedor de família vs. cuidadora); às ocupações profissionais (médico vs. enfermeira) e às características e traços físicos (força vs. agilidade).

Lígia Amâncio (1994) concluiu ainda que os estereótipos associados ao homem englobam diversas e mais valorizadas características do que as associadas à mulher. Dos estereótipos masculinos constavam aspetos como audacioso, corajoso, forte, independente ou empreendedor e dos estereótipos femininos características como afetuosa, bonita, carinhosa, elegante, meiga, sensível.

Como iremos ver ao longo deste trabalho, analisando os livros infantis podemos comprovar a manutenção e reforço de alguns destes estereótipos.

Os estereótipos de género permitem que se formem generalizações muitas vezes injustas face às pessoas de determinado grupo, apenas pelo facto de pertencerem a esse – ocasionando preconceitos em relação não só aos grupos, como em relação às pessoas, desconsideradas na sua individualidade (Nogueira e Saavedra, 2007).

O que “fizemos do género” (Nogueira e Saavedra, 2007:20) e como definimos o que é ser mulher ou homem e quais deverão ser as suas trajetórias, terá impacto nas perceções individuais de cada um/a e também nas instituições sociais e sua organização, a níveis tão diversos como: a educação (limitando escolhas vocacionais, condições de acesso e sucesso); o trabalho (as carreiras, acesso a lugares de chefia, os salários, proteção contra assédio e direitos de parentalidade), cuidados de saúde (de reprodução e acesso a planeamento familiar), na esfera privada e de relacionamento interpessoal (de proteção individual contra a violência), na esfera familiar (os cuidados com as crianças, encargos familiares e divisão das tarefas domésticas) e no acesso aos espaços públicos e de cultura (ocupação, usufruto em segurança de transportes públicos, condições de habitabilidade e conhecimento dos direitos, o acesso e fruição de práticas culturais e de lazer).

Embora a existência de estereótipos tenha surgido com finalidades de proteção e adaptabilidade, a sua contribuição negativa manifesta-se sempre que alguém se afasta destas visões do que é suposto ser “masculino” ou “feminino”, sendo alvo de julgamentos discriminatórios (Cardona *et al.*, 2015), que impõe limites e barreiras prejudiciais ao desenvolvimento do potencial de rapazes e raparigas (Wall, 2016).

Com o avançar do tempo e todas as mudanças a nível político, nacionais e internacionais, parecem resistir ou mesmo regredir muitas das conquistas que fomos alcançando em matéria de igualdade de género. Ao nível do senso comum, os estereótipos parecem resistentes a estudos de investigação e evidências científicas e de mudança muito desafiante e morosa.

Refletir sobre os estereótipos e desigualdades de género é, pois, de crucial importância, não só pelo seu interesse enquanto exercício académico, mas porque estes têm consequências reais e fraturantes para as crianças desde tenra idade (Nogueira e Saavedra, 2007), pelo que na atualidade continua a ser de máxima importância falarmos em educação e formação para a igualdade de género, prevenção da violência de género e combate aos estereótipos de género. Os livros infantis poderão ter aqui um papel preponderante.

### **1.2.2 Como se forma a identidade de género e como se constrói o género - Género, brinquedos e livros infantis**

O processo de construção do género faz-se ao longo da vida, num acumular de momentos, contextos, experiências e de observação/interação com determinada realidade social e cultural (Wall, 2016).

Refletindo sobre com que idade as crianças começam a entender o conceito de género várias pesquisas demonstram que desde a idade pré-escolar as crianças conseguem já identificar o seu género, o dos/das outros/as e o que é próprio de cada um/a (que comportamentos, formas de estar, brincadeiras...).

Vários/as autores/as têm procurado identificar as idades <sup>5</sup> precisas correspondentes a determinado nível de compreensão do género, sendo importante frisar que as crianças não são todas iguais, pelo que as idades e níveis podem variar (Golombok e Fivush, 1994).

A formação da identidade de género é explicada por várias perspetivas que não se excluem mutuamente, sendo complementares na compreensão deste fenómeno.

Segundo o glossário *online* da “Transgender Europe”<sup>6</sup> (2016) “identidade de género” surge definida como o sentimento interno de uma pessoa de pertença a determinado género.

A formação da identidade de género explicada pela perspetiva cognitivo-desenvolvimentista assenta nos estudos de Lawrence Kohlberg em 1966 que defendeu

---

<sup>5</sup> Para uma compreensão mais aprofundada sobre as várias perspetivas de aprendizagem de género veja-se, por exemplo, Kessler e McKenna (1978) e Golombok e Fivush (1994).

<sup>6</sup> Em <http://tgeu.org/glossary/>

que a compreensão da criança sobre o género está ligada ao seu desenvolvimento cognitivo. Alargando as descobertas de Piaget estabeleceu algumas pontes entre os estádios deste e os que definiu: por volta dos dois/três anos a criança estará apta a categorizar corretamente o seu género e à medida que cresce, entre os dois aos sete anos de idade, acompanhando aquisição da noção de *conservação* e a transição para o *período das operações concretas*, irá formando a sua identidade de género (Kessler e McKenna, 1978; Golombok e Fivush, 1994)

Por volta dos quatro anos de idade muitas crianças têm já consciência das diferenças físicas entre meninos e meninas e saberão identificar a sua identidade, o “sentir-se menino/a” (American Academy of Pediatrics, 2015).

Esta fase é de extrema importância, pois é suficiente para associarem determinados traços e características a determinado género, estas relacionadas com a sua “expressão de género” - entendida como a manifestação externa do género, que influencia o facto de a pessoa ser “lida” como feminina ou masculina e que pode incluir: o seu nome, os pronomes que lhe são associados, as roupas, o penteado, os comportamentos, o tom/timbre de voz, o tipo de corpo, a forma como se movimenta (Transgender Europe, 2016).

Podemos ter diferentes expressões de género e mudá-las com frequência<sup>7</sup>, experimentando comportamentos mais tipicamente presentes no género oposto ao nosso, mudando o nosso cabelo, a forma de estar. Isso não implica mudar a nossa identidade (sentimento interno), são manifestações externas e é saudável que possamos experimentar agir e vestir o que quisermos, sem obedecer a regras binárias de género – do que é “de rapaz/homem” ou “rapariga/mulher”. O termo *gender bender*<sup>8</sup> por exemplo, refere-se a pessoas que misturam características de outro(s) género(s) na forma como se apresentam, questionando as barreiras rígidas do que está definido e invocando a diversidade (algumas personagens famosas como Prince ou David Bowie são associadas a esta forma de estar/de se apresentar) (TransPulse, 2017).

Para um desenvolvimento saudável da identidade de género as crianças e jovens deveriam ser livres para experimentar várias expressões de género, tanto em casa como na escola – os meninos deveriam poder vestir vestidos e pintar as unhas, se assim desejassem, e as meninas usar roupas mais “masculinas” ou a fazer desportos

---

<sup>7</sup> A expressão de género entendida como dois contínuos pode ser explicada recorrendo ao esquema explicativo “Gender Unicorn” da Trans Student Educational Resources em: <http://www.transstudent.org/gender>

<sup>8</sup> Também surge como sinónimo do termo *gender non-conforming* – alguém cuja expressão de género é inconsistente com as convenções sociais do que é expectável para determinado género (Greeni e Maurer, 2017).

mais tipicamente “masculinos” (râguebi, futebol). Os próprios brinquedos, materiais pedagógicos e, claro, as histórias infantis deveriam refletir esta diversidade e esta não-conformação com normas rígidas e limitadoras da criatividade e individualidade.

Para contrariar a apropriação de estereótipos (comportamentos, atitudes, atividades etc.) e o seu reforço é fundamental uma ação conjunta entre os/as vários agentes que funcionam como fortes influências junto das crianças leitoras, representando, na maioria das vezes, apenas as expressões de género binárias e convencionais para uns e outras.

As crianças aprendem sobre os comportamentos desejados para si pela observação, pelo que tenderão a imitar modelos do mesmo sexo – antevendo que esses comportamentos serão bem-recebidos, desejando ser aceites, e existem comportamentos mais prováveis de observar conforme o género: a mãe a cozinhar, a limpar, a coser; o pai a tratar do jardim, a fazer *bricolages*, a levar o lixo (Golombok e Fivush, 1994).

Para corresponder às expectativas e normas sociais a criança tende a imitar os modelos dominantes de masculinidade e de feminilidade (Cardona *et al.*, 2015) entre eles a família, os/as professores/as, a escola, os/as amigos/as, os *media* e claro, as personagens das histórias infantis: “As histórias que adultos e crianças leem juntos fornecem à criança uma grande quantidade de informações sobre o mundo, incluindo informações sobre o que significa ser “feminino” ou “masculino” (Golombok e Fivush, 1994:30, tradução livre).

Uma das teorias que mais se dedicou à importância da observação e “modelação” (imitação dos comportamentos) é a Teoria de Aprendizagem Social, associada a autores tais como Mischel em 1966, 1970 e Bandura em 1977. A par com a importância da observação destacaram também a importância do reforço diferenciado, como por exemplo o dirigido às raparigas por brincarem com bonecas e aos rapazes por brincarem com carros, defendendo que este tem como consequência o aumento da frequência destes comportamentos (Kessler e MacKenna, 1978; Golombok e Fivush, 1994).

De facto, desde o seu nascimento e muitas vezes ainda antes disso, os pais e as mães começam a construir o género da criança, com base no seu sexo: escolhem roupas diferentes, mobílias diferentes, brinquedos diferentes, livros diferentes, até mesmo as interações verbais e não-verbais, as músicas que cantam são diferentes, constroem expectativas diferentes e até antecipam trajetórias diferentes sobre quem virão a ser as crianças (Golombok e Fivush, 1994; Cardona *et al.*, 2015).

As meninas são vistas como mais doces e vulneráveis, assume-se que são mais comunicativas e interativas, pelo que se estimula mais a expressão das suas emoções;

já com os meninos entende-se que as brincadeiras podem ser mais brutas (Golombok e Fivush, 1994)

Também um estudo realizado por Rubin *et al.* em 1974 evidenciou que os pais e/ou as mães de recém-nascidos descreviam as suas crianças de forma diferente conforme o género – as meninas eram suaves, de traços finos e delicadas e os meninos eram rijos e tinham bons reflexos (Golombk e Fivusk, 1994).

Estas interações entre pais/mães e filhos/filhas são o resultado de uma amálgama de fatores que incluem diferenças de base biológica entre meninas e meninos, as conceptualizações que as crianças vão desenvolvendo sobre o género e as expetativas dos/as próprios/as adultos/as (Golombok e Fivush, 1994). Apesar de não podermos descurar uma eventual influência de predisposições biológicas, existem muitas pesquisas e provas que sugerem que os pais e mães oferecem diferente reforço aos comportamentos dos/as filhos/as mostrando o impacto que esse tem na escolha de atividades, interesses e outros aspetos de comportamento (Golombok e Fivush, 1994).

Através da educação diferenciada de meninos e meninas – os meninos mais impelidos para a independência e estratégias práticas de resolução de problemas e as meninas mais incitadas à imitação, dependência e conformidade com as regras - os pais e mães reforçam estereótipos de género e as crianças seguem adquirindo valores, significados, competências sociais e culturais construindo a sua identidade de género (Wall, 2016) não de forma livre, mas moldando-se ao que é expectável.

Assim que nascem e tão cedo como aos 12 meses as crianças são encorajadas a expressar o seu género de forma adequada e a brincar com brinquedos e brincadeiras apropriadas a cada uma/a<sup>9</sup> - as meninas são encorajadas a dançar, vestir roupas femininas, brincar com bonecas, pedir ajuda quando necessitam, acompanhar os seus pais e mães e são desencorajadas de correr, saltar, subir coisas e manipular determinados objetos; os meninos são desencorajados a brincar com bonecas, de pedir ajuda e encorajados a brincar com blocos de construção e outros (Golombok e Fivush, 1994).

Jeanne Block (1984) alertou para o facto de que a exposição a brinquedos diferenciada pelo género tem graves consequências. De facto, os brinquedos habitualmente manipulados por meninas, tais como bonecas, panelas e tachos, eletrodomésticos em miniatura, estojos de cabeleireira, *kits* de maquilhagem, entre outros, fomentam menor criatividade, encorajam a imitação, o cuidar e uma compreensão interpessoal do mundo. Já os brinquedos habitualmente manipulados por

---

<sup>9</sup> Ver estudo “Baby X” levado a cabo por Seavey, Katz e Zalk (1975) sobre as diferentes interações com bebés e brinquedos mediante o género “percebido”.

meninos tais como: pistas de carros, legos e outros objetos para construções, bolas, transportes em miniatura, etc.- por não terem uma utilidade tão óbvia e pré-definida, fomentam mais a criatividade, o uso e ocupação do espaço circundante, a exploração e aprendizagem do mundo à sua volta. Esta desigualdade espelha-se num desenvolvimento da sua personalidade e diferente estimulação cognitiva, evidente em ações como a capacidade de resolução de problemas, o enfrentar de desafios, a autoconfiança, entre muitos outros aspetos.

Em relação às histórias infantis e hábitos de leitura na família, podemos também identificar vários comportamentos de género entre os pais e as mães, que influenciam a experiência das crianças e a sua relação com os livros e as histórias, como apresentamos de seguida.

Num estudo realizado sobre “Acompanhamento Parental e Promoção de Hábitos de Leitura”, Isabel Rosado analisou as preferências de pais e mães de 24 crianças em idade pré-escolar e constatou, quanto às preferências de leitura, que as mães privilegiam a leitura de romances/contos (83,3%) e jornais (37,5%), enquanto os pais privilegiam leitura de jornais (66,7%) e livros técnicos (58,3%) (Rosado, 2011).

Analisando quem lê mais livros, a autora constatou que os pais são quem leu um maior número de livros (cerca de 25% dos pais leram mais de 10 livros no ano anterior ao estudo, em contraste com 12,5% das mães), o que poderá estar relacionado com a posse de mais de tempo livre por parte do pai. Mas em relação à mediação de leitura junto da criança - quem conta histórias, são as mães que maioritariamente assumem essa tarefa (66,7%), para (45,8%) dos pais (Rosado, 2011).

Sobre as mães e a forma como leem histórias o estudo conduzido por DeLoache, Cassidy e Carpenter (1987) revelou que ao lerem livros para crianças com dois ou três anos, tendiam a categorizar personagens de género neutro como sendo masculinas. Interessados por esta ideia construíram um livro cujos personagens eram ursos, de género indeterminado – alguns eram grandes/adultos, outros pequenos/crianças e surgiam revelando várias emoções, envolvendo-se em atividades de forma ativa ou de forma mais passiva, revelando mais carinho ou mais disciplina para com outras personagens. Verificaram que quando as mães liam a história, 62% dos ursos eram considerados masculinos e apenas 16% femininos – os que eram lidos como femininos estavam sempre próximos dos ursos mais pequenos, como que a guardá-los. As autoras concluíram ainda que o género masculino é sempre mais representado do que o feminino nas histórias infantis e quando não existe uma identificação de género, aparentemente as mães encarregam-se de lhe atribuir um. As personagens masculinas são sempre mais aventureiras e as femininas mais passivas e cuidadoras, o que

contribui para que as crianças, escutando estas histórias, adquiram/apreendam uma visão estereotipada dos papéis de uns e de outras na sociedade.

No que concerne ao acompanhamento à biblioteca, este é raro para pais e mães segundo o estudo acima mencionado. Mas apesar de uma percentagem grande da amostra nunca o ter feito (62,5% dos pais e 58,3% das mães), é a mãe que mais vezes realiza este acompanhamento (12,5% das mães para 8,3% dos pais), o que se poderá estar relacionado com o facto de esta ser mais comumente detentora de maiores habilitações académicas (Rosado, 2011) e pelo facto de serem as mães as mais responsáveis pela educação e realização de atividades com os/as filhos/as, como o demonstram os inquéritos ao uso dos tempos (Perista *et al.*, 2016).

Em relação aos critérios de escolha dos livros, pais e as mães revelaram como principal preocupação o conteúdo da história. Ambos seleccionam na grande maioria das vezes, histórias tradicionais (Rosado, 2011)

No que se refere à família, alertamos para a importância de investir em mais estudos sobre preferências, critérios e hábitos de leitura infantil no contexto da família/casa.

Mas também as **escolas** não são espaços imunes aos estereótipos de género, reproduzindo desde logo as representações de género dominantes: pela divisão sexual do trabalho entre cargos de chefia versus cargos operacionais; pelos discursos e ideologias oficiais (Pereira, 2012)

As crianças são expostas aos estereótipos de género através do currículo explícito e do currículo oculto (Cardona *et al.*, 2015), isto é, sofrendo influência dos materiais/recursos (livros escolares e outros materiais pedagógicos presentes nas salas e bibliotecas escolares) mas também das atitudes e de educadores/as e outros/ as que poderão não estar sensibilizados/as ou alerta para as questões de género, sequer conscientes de que os papéis de jogo e brincadeira, assim como os livros infantis e a forma como a leitura é mediada, estão imbuídos de negociações de poder, construções culturais nem sempre visíveis e estereótipos de género.

Segundo Margarida Faria, presidente da Associação AMPLOS, num artigo para a Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica <sup>10</sup>, os estabelecimentos de pré-escolar/1ºciclo continuam muito marcados por práticas binárias ao nível do género, visíveis nas cores dos bibes (rosa/azul), nos cantinhos de brincadeira e mesmo nas atividades organizadas com uma lógica “para meninos” ou “para meninas”, reforçando quotidianamente a normatividade. Curiosamente constata também que as meninas com

---

<sup>10</sup> Em <http://spsc.pt/index.php/2017/04/04/a-revolucao-de-genero-e-a-infancia/>

comportamentos mais aproximados dos “masculinos” têm maior facilidade de aceitação do que os meninos com comportamentos entendidos como “femininos”.

Refletindo sobre o dia-a-dia das escolas, nomeadamente no jardim-de-infância e considerando a importância deste período de zero aos seis anos na construção da personalidade e identidade de género, toda a intervenção educativa, incluindo materiais pedagógicos e jogos/brincadeiras deverá assentar numa base de igualdade e de livre expressão de género (Cardona *et al.*, 2015).

Narahara (1998b) no seu estudo *Gender Bias in Children's Picture Books: A Look at Teachers' Choice of Literature* procurou indagar sobre os livros escolhidos pelos/as educadores/as de pré-escolar na Gauer School, analisando os livros que liam às crianças provenientes quer das suas coleções pessoais quer da biblioteca da escola. Concluiu, em relação à autoria dos livros, que quase o dobro dos livros eram de autoras femininas, a contrastar com o número de personagens principais que eram maioritariamente masculinas num rácio de 3:1, surgindo também nas imagens mais do dobro das vezes do que as femininas.

Manifestando um largo interesse sobre as escolhas dos/as educadores/as, Narahara (1998a) menciona outros estudos como o de Patt e McBride em 1993 que se debruçam sobre a mesma temática e que realizaram uma investigação envolvendo quatro escolas do pré-escolar com cerca de 80 crianças, 11 professores/as e quatro estagiários/as. Concluíram que também os/as educadores/as adicionam pronomes masculinos não presentes/definidos no texto (para animais, por exemplo); ao mesmo tempo que escolhem livros contendo vários estereótipos de género, com pouca representatividade feminina nas personagens principais - em 129 livros (70%) tinham no papel principal uma personagem masculina.

Vários estudos e investigações reforçam a importância de trabalhar as questões de género e cidadania logo na educação pré-escolar (Cardona *et al.*, 2015) e um dos documentos norteadores dessa etapa, as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar fornece algumas pistas concretas dirigidas às escolas e profissionais sobre a importância de um ambiente onde as crianças cresçam em verdadeira igualdade de oportunidades (Ministério da Educação, 1997) a par com os Guiões de Educação, Género e Cidadania<sup>11</sup> elaborados pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e do Guia para a Integração a Nível Local da Perspetiva de Género na Educação<sup>12</sup>, disponíveis *online*, contendo imensos recursos e dinâmicas.

---

<sup>11</sup> Em: <http://www.dge.mec.pt/quioes-de-educacao-genero-e-cidadania>

<sup>12</sup> Em: [http://lge.ces.uc.pt/files/LGE\\_educacao\\_digital.pdf](http://lge.ces.uc.pt/files/LGE_educacao_digital.pdf)

Para uma educação mais igual, do ponto de vista do gênero, é crucial encararmos as crianças e jovens como “produtores ativos do gênero” (Pereira, 2012: 55), investindo na formação de educadores/as e assistentes operacionais, na organização de um ambiente educativo mais igualitário (símbolos, cores, linguagem, imagens, celebrações de dias temáticos), na aquisição de brinquedos e materiais educativos mais neutros do ponto de vista das suas funções (por exemplo uma tábua – que pode ser uma tábua de passar a ferro ou uma ponte entre aldeias), na criação de uma biblioteca escolar diversificada e com bons livros do ponto de vista literário e de igualdade, contando que existem já algumas listagens (como mencionamos mais à frente) que poderão ser muito úteis nessa tarefa, e na aposta de parcerias com mediadores/as e animadores/as para a leitura e animação de contos que versem sobre esta temática.

Tomem-se os bons exemplos de países como na Suécia e de escolas neutras do ponto de vista de gênero (nas atitudes dos/as educadores/as, brinquedos, atividades)<sup>13</sup>, pois segundo um estudo preliminar publicado no “Journal of Experimental Child Psychology” as crianças que frequentavam estabelecimentos de pré-escolar mais neutros revelaram ser menos propensas a estereótipos de gênero, em comparação com crianças de escolas menos neutras.

### **1.3. Estereótipos de Género nos livros infantis – Estado da Arte**

Presentes desde o nascimento, ou até mesmo ainda no ventre, os livros são o meio privilegiado para a interiorização de normas, papéis de gênero e hierarquia social dominante (Brugeilles *et al.*, 2002; Martinez e Torres, 2014).

Vários estudos indicam que a literatura infantil transmite modelos de masculinidade e feminilidade e modelos de comportamento genderizados (Hamilton *et al.*, 2006), reforçando estereótipos de gênero.

Outra conclusão preocupante é a de que os estereótipos de gênero nos livros infantis poderão influenciar não apenas as crianças como também os pais e/ou as mães, considerando que são estes que muitas vezes leem as histórias (Rachlin e Vogt, 1974 citados por Hamilton *et al.*, 2006).

A pesquisa nos anos 1960/70, impulsionada pelo clima político da altura e pelos movimentos feministas viria a demonstrar que as mulheres estavam sub-representadas nos títulos, papéis principais e ilustrações de variadas e populares histórias infantis

---

<sup>13</sup> Ver notícia aqui: <https://qz.com/1006928/swedens-gender-neutral-preschools-produce-kids-who-are-more-likely-to-succeed/> e o estudo aqui: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022096517302692>

(Weitzman *et al.*, 1972, citados por Golombok e Fivush, 1994; Narahara (1998a), Fisher, 1976, Nilsen, 1971, 1978, citados por Hamilton *et al.*, 2006).

Alguns estudos levados a cabo nas décadas seguintes dariam conta da mesma situação – na década de 1980 parece ter havido uma aparente melhoria na representatividade e forma como foram representadas as personagens femininas, mas com melhorias frugais, pois o sexismo mantinha-se através de aspetos mais subtis (Collins *et al.*, 1984; Dougherty & Engel, 1987; Kinman & Henderson, 1985; Williams *et al.*, 1987 citados por Hamilton *et al.*, 2006).

O pioneiro e um dos mais notáveis estudos neste âmbito foi realizado em 1972 por Lenore J. Weitzman, Deborah Eifler, Elizabeth Hokada, e Catherine Ross, que examinando livros premiados denunciaram a sub-representação das mulheres nos títulos, papéis, ilustrações (Golombok e Fivush, 1994; Hamilton *et al.*, 2006; McAdams, 2015).

Weitzman *et al.* em 1972 analisaram os livros vencedores da distinção “Caldecott Medal” e os livros nomeados (*honor books* ou *runners-up*) de 1938 a 1970, assim como os vencedores da distinção “Newbery Award”, os livros “Little Golden Books” e uma amostra de livros sobre etiqueta (*etiquette books*) do mesmo período. Concluíram que as personagens femininas estavam sub-representadas em todas as amostras. Quando depois se debruçaram sobre os vencedores da “Caldecott” e seus livros nomeados (*honor books*) repararam que os personagens masculinos eram muito mais representados em número e nos contextos em que surgiam (Hamilton *et al.*, 2006).

Weitzman *et al.* resumiram o seu estudo na seguinte frase “A maioria dos livros infantis são sobre meninos, homens e animais macho, e a maioria trata exclusivamente de aventuras masculinas” (Hamilton *et al.*, 2006: 758, tradução livre).

Nas décadas seguintes iriam multiplicar-se as replicações e extensões das suas pesquisas, focando-se nos vencedores da distinção “Caldecott” e denunciando que a representatividade feminina ainda não estava conseguida, mantendo-se a reprodução de estereótipos de género nas profissões, contextos onde se movem as personagens, adjetivos, interações e expressões de afetos familiares (Paynter, 2011; McAdams, 2015).

As questões de género podem estar mais ou menos escondidas ou surgir de forma muito clara nos livros em elementos tais como: a trama da narrativa, os diálogos, a linguagem utilizada, as imagens e ilustrações, os comportamentos das personagens, os espaços onde são retratadas e onde se movem (Martinez e Torres, 2014; Fraga, *et al.*, 2015)

O leitor ou leitora identifica-se com as personagens, aprofunda as suas emoções, transporta-se para outros mundos, numa experiência estética que ativa novas formas

de percepção e suscita até fenómenos de transferência e projeção (Manzano, 1987, citada por Bastos, 1999).

No caso dos contos de fadas, e analisando os fenómenos psicológicos que despertam nas crianças, Bettelheim (1996:20) afirmava que “enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade (...)”.

As crianças e jovens identificam-se também com as decisões dos personagens perante determinada situação, atentas à forma como resolvem os vários conflitos (Martínez e Torres, 2014), o que denota a importância de *role-models* diversos do ponto de vista do género.

Se analisarmos as ações dos personagens masculinos facilmente constatamos que são quem toma a iniciativa, os heróis que salvam o mundo e muitas vezes as mulheres; por seu turno as personagens femininas são muitas vezes secundárias e passivas, ficando à espera que alguém as salve. Mesmo quando são as personagens principais parecem ter falta de autonomia e poder de decisão (Martínez e Torres, 2014). Evans realizou em 1998 um estudo com crianças onde estas tinham a oportunidade de adivinhar que papéis um príncipe, uma princesa e um dragão desempenhariam numa história; concluiu que todas responderam estereotipadamente que a princesa é fraca e precisa ser salva (McAdams, 2015).

As meninas surgem descritas como bonitas, doces, delicadas, ingénuas e os meninos como fortes, valentes, astutos, ambiciosos e, curiosamente, muitas das vezes em que as personagens femininas surgem como valentes têm algum defeito ou são retratadas como feias; assim como os personagens masculinos que se mostram vulneráveis são imediatamente ridicularizados (Leal, 1982; Martínez e Torres, 2014).

Assim se transmite apenas uma forma de correta ou “aceitável” de ser menino ou menina, passando a mensagem que as meninas contam sobretudo com a sua beleza para vingar, invisibilizando o facto de que também são aventureiras e autónomas e de que os rapazes também choram e sentem medo (Martínez e Torres, 2014).

Mas se histórias sexistas parecem reforçar os estereótipos de género junto das crianças, a exposição a histórias não sexistas e a bons exemplos de igualdade também parece revelar um impacto positivo nas crianças e até à alteração de atitudes e comportamentos.

Por exemplo Scott em 1986 constatou uma diminuição das atitudes estereotipadas em crianças e jovens depois de ouvirem histórias sobre igualdade (Paynter, 2011); Berg-Cross e Berg-Cross em 1978 demonstraram que as crianças em idade pré-escolar poderão mudar as suas atitudes estereotipadas após ouvirem certas histórias e que até as crianças mais velhas são também suscetíveis de mudar, sendo

fundamental debater com as mesmas essas histórias (Paynter 2011); Narahara (1998a) concluiu que livros não sexistas parecem alcançar mudanças positivas ao nível do auto-conceito e da mudança de determinadas atitudes e comportamentos; Barclay em 1974 comprovou que as crianças em contacto com histórias não sexistas durante determinado período de tempo demonstram uma redução dos estereótipos (Naharara, 1998a); e McArthur e Eisen em 1976 realizaram uma investigação onde mediram a persistência das crianças na realização de algumas tarefas, revelando que tanto rapazes como raparigas demonstraram maiores níveis de persistência numa tarefa após ouvirem uma história sobre alguém do seu género que foi bem-sucedido/a na mesma tarefa (Naharara, 1998a).

Em Portugal a investigação sobre estereótipos de género tem-se centrado mais no âmbito dos manuais escolares. Segundo Helena da Costa Araújo em 2002 estes constituem uma das temáticas mais investigadas em Portugal dentro do domínio de Género e Educação (Pereira, 2012).

Destacamos, de seguida, algumas investigações em contexto português, que vão ao encontro das conclusões de estudos internacionais acima mencionados.

O primeiro estudo em Portugal que incidiu sobre estereótipos de género em obras de literatura infantil foi conduzido por Ivone Leal (1982), intitulado “O Masculino e o Feminino em Literatura Infantil”, onde analisou alguns dos textos literários referidos nos manuais de aprendizagem da leitura procurando verificar se existiam retratos-tipo de rapazes e rapariga e outros elementos considerados sexistas. Alguns dos estereótipos que revelou, como por exemplo os traços de curiosidade, autonomia e decisão nos rapazes, verificaram-se também nos personagens em estudo, pelo que várias das suas conclusões foram bastante úteis para comparar com os dados em análise.

Já num estudo de 1999, “A narrativa na promoção da igualdade de género: contributos para a educação pré-escolar” de Ana Silva *et al.* corroboram a falta de representatividade feminina, alertando para o facto de que esta invisibilidade constitui um estereótipo de género (Pomar *et al.*, 2012).

Mais recentemente, em 2007, Cláudia Fernandes focou a sua pesquisa nos contos tradicionais: “A Figura Feminina como Protagonista de contos tradicionais portugueses”, mostrando que a mulher surge frequentemente no papel de “mãe” ou “madrasta”, “esposa”, “dona de casa” (Pomar *et al.*, 2012).

Numa ótica de esperança, Ana Maria Barbosa em 2009 afirmou que apesar de se verificar nas histórias infantis modelos estereotipados da mulher como “esposa” e “mãe”, por outro lado, assiste-se a um reforço sobre o papel feminino na esfera pública e da sociedade, registando-se uma evolução (Pomar *et al.*, 2012). Outros estudos

internacionais identificaram também alguns progressos, ainda que por vezes tímidos (Creany, 1995, 1993 e Powell *et al.*, 1998, citados por McCleary e Widdersheim, 2014; Gooden e Gooden, 2001).

Nos últimos tempos têm surgido bons exemplos de livros que desafiam a forma tradicional de retratar os géneros e cujas traduções estão disponíveis em português (Fraga *et al.*, 2015): “A princesa espertalhona” (Cole, 2004), “A princesa que queria ser rei” (Monteiro, 2007), “O livro dos Porquinhos” (Browne, 2006), “Rosa Caramelo” (Turín, 2012), “A Cinderela que não queria comer perdizes” (López Salamero e Camero, 2009); “Há algo mais aborrecido que ser uma princesa cor-de-rosa?” (Díez Reguera, 2010) e “As Mulheres e os Homens” (Luci Gutiérrez, 2016)

Recentemente foi também apresentada a coleção “AntiPrincesas” originalmente publicada por uma editora estrangeira e dedicada a mulheres latino-americanas, chegando-nos a sua tradução através da editora Tinta da China<sup>14</sup> numa colaboração com a EGEAC e que inclui livros sobre grandes mulheres como Frida Kahlo, Violeta Parra, Clarice Lispector e Juana Azurduy.

Também disponíveis *online* estão importantes listagens que recomendam livros que abordam o género de forma não estereotipada:

- *Colección a favor de las niñas*, de Adela Turín em <http://www.congresoed.org/wp-content/uploads/2014/02/Recomendaciones-de-Publicacionesen-Favor-de-las-ni%C3%B1as.pdf>
- Listagem da Asociación de Mujeres Politólogas de Granada: *La mochila violeta: guía gratuita de literatura infantil y juvenil no sexista* em <http://www.dipgra.es/uploaddoc/contenidos/11313/Gu%C3%ADa%20de%20lectura%20infantil%20La%20mochila%20violeta.pdf>
- *Blog Cuentos Infantiles por La Igualdad De Género* em <http://cuentosinfantileseigualdadgenero.blogspot.pt/>

Duas publicações da Associação L’Atelier des Merveilles:

- *Pour l’égalité entre filles et garçons: 100 albums jeunesse* (2009) <http://www.cndp.fr/crdp-grenoble/IMG/pdf/livret1fg.pdf>
- *Pour bousculer les stéréotypes fille garçon: 92 albums jeunesse* disponível em <http://www.lestroislunes.com/SelectionADM2013.pdf>
- Diversas listagens enumeradas no blog *Fille d’Album* em <https://filledalbum.wordpress.com/bibliographies/> e em <https://filledalbum.wordpress.com/albums/>

---

<sup>14</sup> Notícia em: <http://p3.publico.pt/cultura/livros/22881/tinta-da-china-edita-livros-anti-princesas-com-heroínas-reais>

Em língua portuguesa, encontramos *online*:

- A Listagem elaborada pela UMAR no âmbito do Projeto BIIG – Bibliotecas Itinerantes pela Igualdade de Género, disponível em <http://umarfeminismos.org/projectobig/images/contos.pdf>
- A Listagem no âmbito do Projeto Livros Viajantes Inclusivos, um projeto da Cooperativa SEIES disponível em <https://publicacoeslgbt.wordpress.com/livros-infantis/>

De autoras mais recentes que têm feito um trabalho notável na desconstrução de estereótipos de género temos o exemplo de Madalena Matoso com o livro “Todos Fazemos Tudo”, editado pela Planeta Tangerina e “Os Vestidos do Tiago” de Joana Estrela (edição de autora).

Várias escritoras feministas icónicas escreveram também contos infantis, tais como, Ana de Castro Osório, considerada a “mãe da literatura” ou Maria Lamas com o seu “Maria Cotovia” (1929), entre outros.

Reforçamos que está ainda em desenvolvimento pela autora deste trabalho uma listagem complementar às já existentes.



## **II – DESENHO DA PESQUISA**

### **2.1. Objeto de Estudo**

O objeto deste estudo são os estereótipos de género presentes nos livros infantis premiados pela Sociedade Portuguesa de Autores em parceria com a Rádio Televisão de Portugal (SPA/RTP).

O material empírico em análise são os livros premiados entre 2010 a 2017, na categoria “Melhor livro infanto-juvenil”, num total de oito livros.

A análise decorreu em torno dos seguintes eixos:

- a) Representatividade dada ao feminino e ao masculino (que equilíbrio entre os géneros – nos elementos do júri SPA/RTP, na autoria dos livros, nas personagens – verificando a sua ausência/presença e contabilizando a frequência com que surgem);
- b) Estereótipos de género associados ao feminino e masculino (como são representadas as personagens no texto e imagens – que traços – físicos e psicológicos lhes são associados, que profissões, que usos do tempo, entre outros).

Para a identificação de estereótipos de género analisaram-se três sub-dimensões (adaptado de Nunes, 2009):

- A dimensão pessoal (quem são as personagens - como se apresentam e o que fazem);
  - A dimensão relacional (sobre as suas interações e relações);
  - A dimensão circunstancial ou contextual (em que contextos e ambientes surgem as personagens masculinas e femininas);
- c) Como se relaciona a linguagem utilizada com as questões de género (se é predominante o uso de masculino genérico, se é usada linguagem inclusiva, entre outros fatores).

### **2.2. Objetivos**

O principal objetivo deste estudo consiste em analisar os estereótipos de género nos livros premiados pela SPA/RTP na categoria “Melhor livro infanto-juvenil” desde 2010 até 2017. Complementarmente pretendeu-se indagar se a problemática de género está presente nas reflexões de equipa do júri SPA/RTP para a categoria “Melhor livro infanto-juvenil” desde 2010 até 2017, bem como nas reflexões da equipa responsável pelas listagens de Livros Recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (PNL).

Mais especificamente, os objetivos passaram por:

- Analisar aspetos relacionados com a representatividade de género: nos elementos do júri SPA, na autoria, nos títulos e nas personagens dos livros em análise

- Analisar quem são e como são representadas as personagens masculinas e femininas: traços físicos, roupa e adornos e identificar padrões ao nível da igualdade/estereótipos de género e se existem personagens *gender bender*;
- Explorar aspetos da caracterização psicológica das personagens, bem como das suas competências, usos do tempo, profissões, tarefas/responsabilidades, diversidade étnica/cultural e identificar padrões ao nível da igualdade/estereótipos de género;
- Identificar os tipos de família, a sua composição, interações a destacar e relação destes aspetos com as questões de género;
- Mapear os contextos (privado ou público) em que se movem as personagens e a relação destes com as questões de género;
- Analisar a linguagem utilizada e a eventual utilização de linguagem inclusiva;
- Identificar quais os critérios utilizados por parte das equipas SPA/RTP e PNL e se incluem a operacionalização de questões de género (representatividade, igualdade de género, estereótipos de género, entre outros).

### **2.3. Estratégia metodológica**

Para responder aos objetivos delineados empreendeu-se uma estratégia metodológica de cariz qualitativo que passou pela construção de uma grelha de registo e análise de conteúdo dos livros infantis, complementada pela realização de uma entrevista a dois elementos da equipa do PNL, a Sub-Comissária do Plano, Dra. Elsa Conde e a Dra. Leonor Riscado, membro da equipa de especialistas responsável pela elaboração das listagens de livros recomendados pelo PNL.

A grelha foi construída em Excel utilizando-se os vários separadores (folhas) para as diferentes dimensões (ver anexo I). Foi escolhida esta ferramenta por ser fácil de manusear e por permitir acumular muita informação de forma esquemática e organizada. Sobre as dimensões da grelha falaremos mais à frente (no ponto 2.5). Contudo, podemos adiantar que um dos desafios na elaboração da mesma foi o facto de os livros serem muito diferentes entre si e o facto de se ter decidido realizar um registo livre de todos os elementos de interesse. Verificámos alguma dificuldade em garantir a validade interna de cada categoria, pois alguns elementos poderiam ser aparentemente inseridos em mais do que – o que obrigou a que o processo fosse mais moroso, pela necessidade de experimentar vários critérios até identificar os que poderíamos seguir para seleccionar a informação relevante em todos os livros.

Por sua vez, a entrevista realizada procurou indagar sobre os critérios de seleção dos livros recomendados pelo PNL e se incluem alguma reflexão sobre critérios relacionados com estereótipos/igualdade de género, uma vez verificado que grande parte dos livros premiados pela SPA/RTP eram também livros recomendados. Tendo contactado com a Dra. Teresa Calçada – Comissária do PNL, e posteriormente com a equipa PNL por e-mail, dado o âmbito da entrevista, foi sugerido pela Dra. Teresa Calçada, a quem agradecemos, que estivessem as duas entrevistadas presentes, a Dra. Elsa Conde e a Dra. Leonor Riscado.

Na lógica da semi-diretividade (Ruquoy, 1997), a entrevista foi conduzida a partir de um guião (ver anexo II) elaborado previamente e que elencava as dimensões sobre as quais era necessário recolher informação. As respostas aos aspetos enunciados foram obtidas através da colocação de questões, mas respeitando a lógica de encadeamento do discurso das entrevistadas, complementando com questões mais precisas quando detetada a necessidade de mais informação. Por vezes os dois elementos responderam à mesma pergunta, outras vezes decidiam quem seria mais indicada para responder a determinada temática. A entrevista durou cerca de 1h30m.

Para o tratamento dos dados recolhidos na entrevista e dos dados presentes na grelha de análise recorreu-se à técnica de análise de conteúdo, “uma técnica de

investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis dos dados para o seu contexto” (Krippendorf, 1980 citado por Vala, 1986:103)

Uma análise de conteúdo poderá recorrer a uma lógica indutiva, dedutiva ou uma mistura das duas. Numa abordagem indutiva examina-se a mensagem e identificam-se temas importantes. Por sua vez, e numa lógica dedutiva parte-se de um esquema de codificação que organiza os dados recolhidos e com base nas hipóteses definidas por um determinado enquadramento teórico, testam-se as mesmas enquanto se realiza a análise dos dados (Taylor, 2003).

Para este estudo optamos por uma abordagem dialética, que misturou as abordagens indutiva e dedutiva. Primeiro realizou-se uma incursão sobre cada livro para identificar a possível presença de estereótipos e depois procedeu-se ao registo na grelha de análise elaborada tendo em conta os objetivos definidos (Taylor, 2003).

A análise de conteúdo é uma técnica apropriada para analisar artefactos culturais como é o caso dos livros. Detetando a presença de determinadas palavras ou conceitos nos textos e imagens, vários/as pesquisadores/as utilizam este procedimento para quantificar e analisar significados e relações entre essas palavras e conceitos, tentando contextualizar os textos, autores/as, público e os aspetos culturais dos quais fazem parte, permitindo identificar padrões e semelhanças entre os livros em análise, e interpretar a informação recolhida (McAdams, 2015).

No registo e análise de conteúdo atendeu-se ao conteúdo manifesto: elementos que estão fisicamente presentes e podem ser contados (como, por exemplo, o número de personagens masculinas e femininas; o número de personagens femininas associadas ou não à esfera doméstica, etc.) e ao conteúdo latente pelos significados simbólicos presentes e que se procurou corroborar com evidências: citações do texto e imagens dos livros (Taylor, 2003).

Ainda que recorrendo a contabilização, quando pertinente e viável, a grelha foi estruturada e a informação analisada numa lógica qualitativa ao nível dos estereótipos de género e que se prendem com a caracterização das personagens, quais as suas profissões, que competências – analisando elementos de texto e, ainda que não de forma aprofundada, aspetos de imagem/ilustração.

## 2.4. Constituição do *Corpus* de Análise

Os livros infantis em análise, premiados pela SPA/RTP, são apresentados no quadro seguinte, tendo por base a listagem disponibilizada pela Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB)<sup>15</sup>. O Prémio Autores é atribuído anualmente pela Sociedade Portuguesa de Autores, desde 2010. Abrange várias áreas da literatura, música, rádio, televisão, entre outras.

Quadro 2.1. Listagem de livros premiados

Livro	Vencedor SPA/RTP	Editora
O Tubarão Na Banheira	2010	Editorial Presença
A Contradição Humana	2011	Caminho
A Casa Sincronizada – Uma História Musical	2012	Caminho
Achimpa	2013	Orfeu Negro
O Senhor Pina	2014	Assírio & Alvim
Com O Tempo	2015	Planeta Tangerina
A Palavra Perdida	2016	Arranha Céus
De Umás Coisas Nascem Outras	2017	Caminho

Inicialmente, verificando-se que os livros eram muito diferentes entre si, contendo diversos modos argumentais desde narrativa ao poético, alternando entre livros ilustrados e álbuns (Sottomayor, 2014), ponderou-se selecionar apenas os livros com o maior número de características comuns – contando uma história/narrativa de forma “tradicional” e contendo uma personagem principal sobre quem incide a história. Contudo, verificando-se que o *corpus* de análise era apenas de oito livros, e para enriquecer a investigação, procedemos à inclusão de todos os livros, ainda que alguns na sua forma e características tenham sido, inevitavelmente, mais ricos nos elementos passíveis de análise, do que outros.

O interesse pelos livros premiados pela SPA/RTP como *corpus* de análise vem da tentativa de escolher um conjunto de livros não condicionados subjetivamente pela escolha da investigadora, encontrando uma amostra pré-definida que pudesse ser considerada pertinente e adequada aos objetivos do estudo. Considerou-se que o facto de serem livros premiados e distinguidos, esta condição lhes confere um estatuto de “melhores dos melhores”, que suscitou interesse. Paralelamente, o prémio SPA/RTP,

---

<sup>15</sup>Em <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/premios/Paginas/PremioDetalhe.aspx?Premioid=389>

dentro dos prémios que distinguem literatura infanto-juvenil, surgiu como uma opção interessante pelo seu reconhecimento entre a comunidade que escreve e ilustra para o público infanto-juvenil.

A opção pela análise de livros premiados tem sido tradição desde o estudo pioneiro nesta temática, conduzido por Weitzman *et al.*, 1972 (Hamilton *et al.*, 2006). De facto, o interesse em analisar livros premiados é comum a muitos estudos internacionais que analisam a temática do sexismo nos livros infantis desde os anos setenta do século passado, pela assunção da sua elevada qualidade. Existe uma expectativa que a equipa responsável pela sua seleção possua elevados critérios de qualidade, que deveriam crivar aspetos tão “simples” como o perpetuar de estereótipos de género.

Esta opção implica ter em consideração que focarmo-nos apenas no *corpus* de livros premiados poderá não ser representativa dos livros que efetivamente se encontram numa biblioteca escolar ou nas escolhas dos/as professores/as para ler às crianças<sup>16</sup> (Naharara 1998a).

De facto, vários livros em estudo tiveram de ser encomendados, o que revela que poderão não ser de fácil acesso aos pais e mães que recorrem a grandes pontos de venda como Fnac ou Bertrand e que provavelmente alguns não serão dos mais lidos pelas crianças atualmente, em casa ou na escola. Outros talvez sejam, a julgar pela nona edição do título “O Tubarão na Banheira” de David Machado.

Mais lidos ou não, os prémios literários constituem “mecanismos de validação institucional da literatura” que importa analisar (Reis e Vivina, 1995:16).

Grande parte da pesquisa internacional realizada sobre estereótipos de género na literatura infantil tem focado os prémios “Caldecott”, “Newberry” ou “Horn”, na assunção de que estes detêm os mais altos padrões da indústria e de que um livro distinguido terá uma maior aceitação por parte dos pais e das mães, de professores/as e bibliotecários/as.

De acordo com Weitzman *et al.*, os livros “Caldecott” são tidos como inspiração e como que faróis no universo infantil. Ainda que possam não ser representativos de

---

<sup>16</sup> Alguns estudos analisaram outros livros que não apenas os premiados, como por exemplo Barnett em 1986, McDonald em 1989 e Tognoli *et al.*, em 1994, focando-se em livros disponíveis em bibliotecas (Hamilton *et al.*, 2006). Num estudo mais recente de Tepper e Cassidy em 1999, estes autores demonstraram a importância de estudar livros populares e analisaram 47 livros lidos por famílias durante o período de uma semana. Concluíram que nenhum dos 432 livros listados pelos pais e pelas mães de crianças em idade pré-escolar, eram vencedores do prémio “Caldecott” - o que indica que o corpus de estudo de muitos estudos pode não refletir exatamente o que as crianças leem ou lhes é lido (Hamilton *et al.*, 2006).

tudo o que se publica, como grupo de livros têm das maiores influências sociais do que qualquer outro (1972, citado por Yello, 2012).

Na realidade portuguesa essa influência talvez seja comparável à influência de um livro que é recomendado pela equipa de especialistas do Plano Nacional de Leitura. Seis dos oito livros premiados pela SPA/RTP somam a esta distinção a de “Livros Recomendados pelo Plano Nacional de Leitura”, o que lhes confere, de certa forma, uma dupla validação, que será com certeza importante para a sua aquisição por parte de pais e mães e outros/as agentes educativos e daí ter sido alvo de reflexão no presente estudo.

O Plano Nacional de Leitura (PNL), implementado em 2006, é uma iniciativa de política pública do Governo, cujo objetivo principal é o de elevar os níveis de literacia da população portuguesa.

No desenho da nova visão estratégica do Plano, aprovado em Conselho de Ministros por mais dez anos, até 2027, este pretende “reforçar o trabalho em relação aos vários públicos, incluindo o público mais jovem, dos zero aos cinco.” (Dra. Elsa Conde, em entrevista).

Entendendo que a “leitura é em si mesma um ato cultural, (...) um ato de conhecimento, (...) de apropriação intelectual e sensorial de uma expressão, que é a expressão escrita (...)” faz parte das novidades desta nova visão o envolvimento do Ministério da Educação, o Ministério da Cultura, bem como o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.” (Dra. Elsa Conde, em entrevista).

Para cumprir esse objetivo existem várias estratégias e uma dessas estratégias é a continuação das listagens que anualmente são emitidas de “Livros Recomendados pelo PNL”, disponíveis *online* e visíveis no selo inscrito nos próprios livros.

O Plano Nacional de Leitura é, segundo a Dra. Elsa Conde, Sub-Comissária do Plano (em entrevista): “(...) amplamente reconhecido (...) por toda a sociedade portuguesa”, referindo ainda que:

“A tal marca “Ler+” veio de alguma forma acrescentar valor ao livro, não é? Porque não é apenas um livro, é um livro validado por uma equipa que tem uma chancela, que credibiliza digamos, e acrescenta valor a esse livro, daí penso eu, também, a grande adesão que temos tido sempre dos editores, dos livreiros, dos professores..”

E acrescentando:

“É uma forma de muitos pais que desconhecem os autores, as próprias editoras, portanto têm poucas referências para fazer escolhas, verem esse trabalho parental, de alguma forma facilitado. Ao ver o selo *Ler +* sabem que se trata de um livro de qualidade.”

## **2.5. Definição das categorias de análise para codificação**

A construção de um sistema de categorias poderá ser feita *a priori* ou *a posteriori*, ou ainda, resultando da combinação dessas duas formas (Vala, 1986), esta opção última, selecionada para este estudo.

Para a definição das categorias da grelha de análise foram fundamentais a consulta de outros instrumentos já testados e utilizados, destacando-se a grelha de análise de Hamilton *et al* em 2006 (Paynter, 2011), as dimensões de análise presentes no guia “O Feminino e o Masculino nos materiais escolares” (Nunes, 2009) publicado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e algumas sugestões do documento *Tools for Monitoring Gendered Representations in Textbooks* publicado pela UNESCO (Brugeilles e Cromer, 2009).

Vários estudos analisados utilizam categorias pensadas *a priori* e, através da análise dos livros, verificam a presença ou ausência de determinados aspetos. No sentido de não limitar a análise e enriquecer a mesma com uma variedade de elementos que seria difícil pensar *a priori*, optou-se por um registo mais livre, mas levando em conta as dimensões definidas. Isto é, tendo em mente as dimensões pensadas, mediante incursão nos livros, seu texto e imagem, todos os elementos que se afiguravam importantes eram registados na grelha.

Através da informação recolhida foi possível identificar padrões e acontecimentos mais frequentes, que contrapondo com outros estudos similares, permitiram enriquecer a interpretação dos dados recolhidos. A grelha resultou na identificação das seguintes categorias de análise:

- a) Ficha Técnica dos livros (inclui idade recomendada, edição, etc.)**
- b) Representatividade de Género**
- c) Estereótipos de Género**
- d) Linguagem e Género**

### III – OS LIVROS INFANTIS PREMIADOS PELA SPA/RTP – UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Neste terceiro capítulo procedemos à análise dos livros premiados pela SPA/RTP nas quatro categorias acima definidas, engrandecendo as análises com evidências: citações e imagens/ilustrações.

#### a) Ficha Técnica dos livros

Com esta primeira dimensão, além de se identificar aspetos mais gerais de caracterização de cada livro pretendeu-se refletir sobre aspetos relacionados com o número de edições, prémios e distinções, idade recomendada e outros aspetos que permitissem relacionar os livros entre si.

Para recolher informações tais como: autores/as, editora, ano de publicação, edição, prémios/distinções e idade recomendada foram analisados os livros, bem como a informação disponível no *website* da Fnac e Wook, no *website* da editora Planeta Tangerina e da editora Orfeu Negro, consultando a informação relativa a cada livro.

Para registar os prémios e distinções, além das fontes mencionadas consultaram-se também as Listagens de Livros Recomendados do PNL (2016) disponíveis online<sup>17</sup>.

De seguida apresenta-se o quadro-resumo dos livros com os elementos necessários para comparar resultados e sua discussão.

---

<sup>17</sup> Em [http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/data/listas/57\\_todas\\_as\\_listas\\_2016\(6\).pdf](http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/data/listas/57_todas_as_listas_2016(6).pdf)

Quadro 3.1 Quadro de caracterização dos livros

Livro	Júri SPA/RT	Texto	Ilustração	Editora	Ano de publicação e edição	Idade Recomendada	Outros prémios e Distinções
O Tubarão Na Banheira	Annabela Rita, Pedro Mexia, Rita Pimenta (2010)	David Machado	Paulo Galindro	Editorial Presença	2009 / 9ª Edição de 2016	> 7 anos	Livro recomendado pelo PNL
A Contradição Humana	Annabela Rita, Rita Pimenta (2011)	Afonso Cruz	Afonso Cruz	Caminho	2010 / 4ª Edição de 2016	>10 anos	Livro recomendado pelo PNL Prémio Ler/Booktailors na categoria Melhor Ilustração Original 2011
A Casa Sincronizada – Uma História Musical	Manuel Frias Martins, Annabela Rita, Rita Pimenta (2012)	Inês Pupo e Gonçalo Pratas	Pedro Brito	Caminho	2011 / 1ª Edição	< 4 anos	Livro recomendado pelo PNL
Achimpá	Manuel Frias Martins, Annabela Rita, Rita Pimenta (2013)	Catarina Sobral	Catarina Sobral	Orfeu Negro	2012 / 2ª Edição de 2015	dos 7 aos 9	Livro recomendado pelo PNL
O Senhor Pina	Manuel Frias Martins, Annabela Rita, Rita Pimenta (2014)	Álvaro Magalhães	Luiz Darocha	Assírio & Alvim	2013/ 1ª Edição	< 7 anos	Livro recomendado pelo PNL
Com O Tempo	Manuel Frias Martins, Annabela Rita, Maria da Natividade Pires (2015)	Isabel Minhós Martins	Madalena Matoso	Planeta Tangerina	2014 / 2ª Edição de 2015	dos 7 aos 9	Livro recomendado pelo PNL
A Palavra Perdida	Luisa Mellid-Franco, Manuel Frias Martins, Rita Pimenta (2016)	Inês Fonseca Santos	Marta Madureira	Arranha Céus	2014/ 1ª Edição	dos 7 aos 9	-
De Umas Coisas Nascem Outras	Luisa Mellid-Franco, Manuel Frias Martins, Rita Pimenta (2017)	João Pedro Mésseder	Rachel Caiano	Caminho	2016 / 2ª Edição de 2017	dos 7 aos 9	-

Comparando os elementos dos vários livros, e em relação às editoras, pode constatar-se a presença de três títulos premiados pertencentes à editora - Caminho.

Relativamente ao ano de publicação e edição constata-se que o livro “O Tubarão na Banheira” é o livro com maior número de edições, estando na nona edição, seguido do livro “A Contradição Humana” que soma já quatro edições e do livro “De umas Coisas Nascem Outras” na sua segunda edição. Os livros “A Casa Sincronizada – Uma História Musical”, “O Senhor Pina” e “A Palavra Perdida” possuem uma só edição – esta situação talvez justifique alguma dificuldade em adquirir os mesmos.

Os livros em análise são destinados a um público com um intervalo de idades considerável – entre os quatro e os dez anos de idade, ainda que a maioria seja destinado a crianças com idades entre os sete e os nove anos de idade. É interessante refletir sobre o facto de que com esta idade se pressupõe uma maior autonomia na exploração dos livros e histórias, pelo que a informação poderá passar diretamente às crianças, sem necessidade de mediação.

Nos prémios e distinções atribuídos, além do prémio SPA/RTP, destaca-se o livro “A Contradição Humana” que somou também um prémio na categoria de ilustração: Prémio Ler/Booktailors na categoria “Melhor Ilustração Original 2011”. À exceção de dois livros: “A Palavra Perdida” e “De umas Coisas Nascem Outras”, os restantes seis têm em comum a distinção de “Livro Recomendado pelo Plano Nacional de Leitura”. Em entrevista quando questionámos sobre o facto de estes livros serem duplamente distinguidos pela SPA/RTP e pelo PNL, a Dra. Leonor Riscado afirmou que esta situação é normal: “(...) se os critérios são critérios de qualidade é normal que esses critérios de qualidade sejam partilhados por quem habitualmente lida com livros.”

Na mesma entrevista realizada junto da Sub-Comissária do PNL, Dra. Elsa Conde e da especialista Dra. Leonor Riscado procurou-se indagar sobre o processo de seleção dos livros, quais os critérios subjacentes e se a preocupação com as questões de género faz parte do processo de avaliação das obras a distinguir.

Sobre ao processo de seleção dos livros, segundo a Dra. Leonor Riscado, este decorre essencialmente desta forma:

O livro é lido, o livro é analisado do ponto de vista da qualidade em termos científicos, em termos literários, em termos estéticos, a nível da qualidade da tradução (...) e, então obviamente, a equipa vai trocando impressões (...) depois é sugerida uma lista e numa reunião final, vão então trocar-se algumas impressões (...).

Em relação aos critérios que sustentam a escolha dos livros recomendados e sobre se incluem ou não preocupações relacionadas com as questões de género, o entendimento segundo a Dra. Elsa Conde é:

Quisemos definir poucos critérios (...). E, portanto, se quiser, estes critérios englobam dentro critérios mais pequenos (...) depois de uma grande discussão sobre a questão dos estereótipos achámos que ela acabava por já estar no fim de contas contemplada quando se fala de critérios de rigor científico, de qualidade literária e estética (...).

A Dra. Leonor Riscado afirma ainda que:

(...) até agora não vimos necessidade de tratar essa questão como uma questão à parte, até porque essa questão faz parte, digamos, da vida (...) é um de entre muitos assuntos que nós contemplamos, obviamente, nas nossas leituras e nas nossas reflexões.

Ainda que não reconhecendo que as questões de género como devendo ocupar um lugar específico à parte das outras questões, as duas entrevistas reconheceram o papel importante dos livros transmitirem conteúdos de qualidade e não estereotipados.

## **b) Representatividade de Género**

Sobre representatividade de género afigurou-se como importante analisaram-se vários elementos, começando desde logo pelo júri do prémio SPA/RTP – qual a proporção de elementos do género feminino e masculino, seguindo-se de uma análise de elementos do livro, incidindo desde logo sobre a autoria de texto e ilustração e qual a representatividade de género. No que respeita ao conteúdo do livro, a atenção recaiu em aspetos tais como: o título e as personagens do núcleo central da história, incluindo a principal e todas as outras com elementos passíveis de registo.

Assim, procedeu-se à identificação e registo e de referências masculinas e femininas (adaptado de Nunes, 2009 e Hamilton *et al*/2006 citado por Paynter, 2011) dos seguintes elementos:

- Género dos/as elementos/as do júri SPA/RTP;
- Género dos/as autores/as do texto e ilustração;
- Género identificado no título do livro;
- Género das personagens principais e as do núcleo central.

Para identificar uma personagem como feminina ou masculina recorreremos ao seu nome, ao pronome que se refere a esta no texto e a indicadores visuais tais como vestuário, feições e outros elementos visíveis na ilustração (Hamilton *et al.*, 2006, citado por Paynter, 2011; Yello, 2012).

Apesar da fácil identificação do género na maioria das personagens, tal nem sempre aconteceu, o que podemos avaliar positivamente como um indício de

diversidade. No caso destas personagens que desafiaram estereótipos de género recorreu-se ao termo *gender bender*, tal como é usual na linguagem e literatura anglo-saxónica – para identificar personagens que concentram elementos socialmente associados aos dois géneros<sup>18</sup>.

Começamos pela composição do júri. A identificação dos membros do júri foi uma tarefa trabalhosa, devido ao facto de não existir no *website* da SPA um separador dedicado ao prémio, com uma listagem dos livros vencedores e com informação sobre os/as membros do júri para cada ano. Assim, foi necessário pesquisar nas secções de “notícias” e “destaques” do *website*<sup>19</sup> e ainda no blog da jurada Dra. Rita Pimenta<sup>20</sup>.

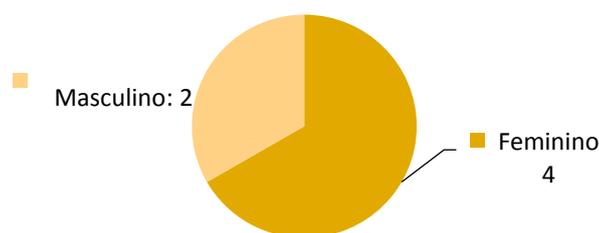


Figura 3.1. Género e Composição do Júri (n=6)

Num total de seis membros do júri observamos ao longo dos anos, desde 2010, uma maior presença feminina – quatro juradas do género feminino: Annabela Rita, Rita Pimenta, Luísa Mellid-Franco e Maria da Natividade Pires; e dois jurados do género masculino: Pedro Mexia e Manuel Frias Martins.

O júri apresenta elementos femininos e masculinos, sendo que na maioria dos anos o corpo mais constante foi constituído por Manuel Frias Martins, Annabela Rita e Rita Pimenta (ver quadro 3.1.).

No presente estudo encontramos uma representatividade de género equilibrada na autoria dos oito livros em análise: em nove escritores/as: cinco são de género masculino e quatro de género feminino (ver quadro 3.1); em oito ilustradores/as: quatro autores são de género masculino e quatro de género feminino (ver quadro 3.1).

No presente estudo encontramos uma representatividade de género equilibrada na autoria dos oito livros em análise: em nove escritores/as: cinco são de género

<sup>18</sup> Ver capítulo 1, página 18.

<sup>19</sup> Em <https://www.spautores.pt/>

<sup>20</sup> Em: <http://blogues.publico.pt/letrapequena/2010/02/09/livro-do-ano-spa-rtp/>

masculino e quatro de género feminino; em oito ilustradores/as: quatro autores são de género masculino e quatro de género feminino (ver figuras seguintes e quadro 3.1).

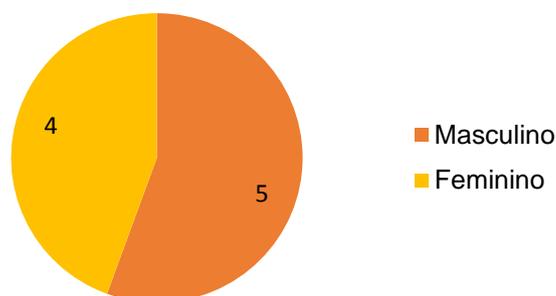


Figura 3.2. Género do/a escritor/a (n = 9)

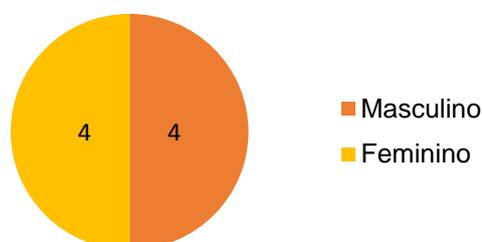


Figura 3.3. Género do/a ilustrador/a (n = 8)

Uma reflexão inevitável, apesar da proporção equilibrada na autoria constituir um aspeto positivo, é que tanto uns como outras escolhem atribuir maior protagonismo a personagens masculinas: presentes em maior número e com papéis ativos e de destaque.

Albers em 1996, refletiu sobre a predominância masculina nos livros e a autoria dos mesmos, indagando sobre se essa predominância poderia dever-se ao facto de os autores serem maioritariamente homens, ao contrário do que verificámos neste estudo, acabando por concluir também que mesmo as mulheres autoras escreviam sobre personagens masculinas. Turner-Bowker em 1996 afirmou até que as autoras femininas pareciam ter adotado a forma masculina de escrever histórias, escrevendo sobre personagens masculinas (Nahara 1998a).

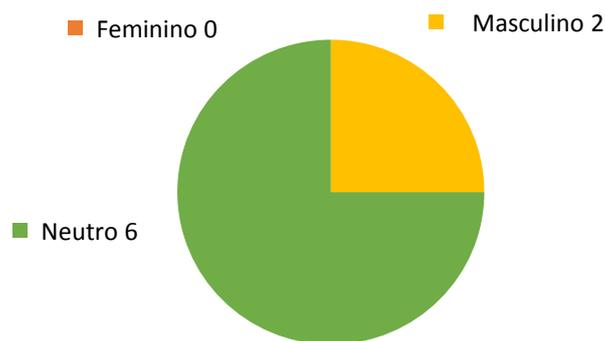


Figura 3.4. Gênero no título do livro (n = 8)

O título é o primeiro contacto do/a leitor/a ou dos/as seus pais e mães com o livro infantil, pelo que a representatividade de gênero neste elemento não é de menor importância. O título revela, desde logo, a natureza da história, sendo, a par com a ilustração de capa, elementos fulcrais quando se trata de escolher um livro em detrimento de outro.

Nos oito livros analisados, dois fazem referência ao gênero masculino: “O Tubarão na banheira” e “O Senhor Pina”. A maioria – seis livros (75%) utiliza títulos neutros do ponto de vista de gênero, o que associamos a uma melhoria face a estudos anteriores, tal como realizado por Brugeilles *et al.*, (2002) no âmbito do programa Europeu “Attention, Album!”<sup>21</sup> com a colaboração da associação *Du côté des filles*, que verificou que 77% dos títulos evocam uma personagem masculina (para 24,8% que evocam personagens femininas).

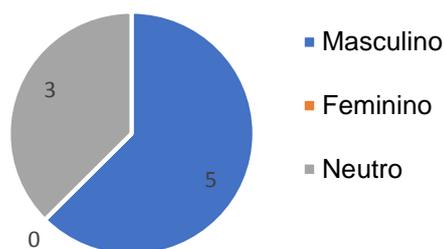


Figura 3.5. Gênero das personagens principais (n = 8)

De um total de oito livros analisados cinco apresentam uma personagem principal do gênero masculino: “O Tubarão na Banheira”; “A Casa Sincronizada”; “O Senhor Pina”; “A Palavra Perdida”; “A Contradição Humana”.

<sup>21</sup> Ver estudo em: <https://filledalbum.wordpress.com/2014/09/09/quels-modeles-dans-les-albums-jeunesse-analyse/>

Os restantes três não têm uma personagem principal: “Com o Tempo”; “Achimpa”; “De umas coisas nascem outras”.

Nenhum livro apresenta uma personagem principal de género feminino.

Considerou-se como “personagem principal” aquela que é um pilar da narrativa e é definida como algo que interage ativamente com o que a rodeia e que alteraria por completo a história se omitida; tem de se proeminente no texto e/ou nas imagens (Reis e Vivina, 1995; Hamilton e Anderson, 2005), sendo comum ser uma criança ou animal (Bastos, 1999).

Habitualmente a personagem situa-se num espaço que engloba os elementos físicos do cenário no qual a história se desenrola, bem como um espaço social e o espaço psicológico, elementos sobre os quais versa também a nossa análise (Reis e Vivina, 1995).

No que concerne à contagem de personagens e devido ao facto de os livros e suas ilustrações serem tão diferentes entre si optou-se por apresentar aqui apenas a contagem mais fiável: a contagem das personagens principais e do núcleo central das histórias de cinco livros, com exceção para os livros “Achimpa”; “Com o Tempo” e “De Umas Coisas Nascem Outras” que não possuem propriamente “núcleo central”. A título de interesse poderá consultar-se a tentativa de contar todas as personagens (texto e ilustração) dos vários livros (anexo III).

Devido ao número reduzido de livros em análise, esta foi a única categoria onde se prescindiu de utilizar os personagens secundários ou menções. Nas seguintes categorias sobre os estereótipos presentes foram tidas em conta todas as personagens e seus elementos, passíveis de acrescentar algo à investigação.

Contagem de personagens do núcleo central das histórias em análise:

Quadro 3.2. Contabilização de personagens, segundo o género e idade

	Crianças	Adultos/as	Nomes
Personagens Masculinas	7	4	Criança + avô (O Tubarão na Banheira) Valentim + 3 irmãos + pai + avô (A Casa Sincronizada) Sr. Pina (O Senhor Pina) Manuel (A Palavra Perdida) Menino (A Contradição Humana)
Personagens Femininas	2	2	Olga+ Isadora+ mãe+ avó (A Casa Sincronizada)
Personagens <i>gender bender</i>	-	-	

Várias pesquisas e autores/as defendem que o género da personagem principal é um item crucial para avaliar estereótipos de género, pois as crianças identificam-se com estas personagens e os seus feitos e formas de agir.

Podemos concluir que existe uma maior representatividade de personagens masculinas no núcleo central dos livros analisados, indo ao encontro dos resultados de outros estudos já realizados.

De facto, esta predominância masculina nas personagens que aqui se constata não é recente, Ladow em 1976 realizou uma análise de conteúdo usando uma amostra aleatória de livros de uma biblioteca pública – a “Mishawaka, Indiana Public Library” e, fazendo algumas modificações ao estudo de Weitzman *et al.*, levado a cabo em 1972, chegaria essencialmente às mesmas conclusões em relação aos estereótipos de género: as personagens masculinas humanas e não humanas apareciam quatro vezes mais do que as femininas (Gooden e Gooden, 2001).

McDonald em 1989 analisou 41 livros, metade vencedores “Caldecott” e outra metade retirados de forma aleatória e conclui que 60% das ilustrações eram de personagens masculinas e 68% das personagens principais eram masculinos (Paynter, 2011).

Tognoli *et al.* no seu estudo em 1994 revelou que tanto nas amostras de autoria masculina, como nas de autoria feminina, os papéis principais eram dominados por personagens masculinas ou neutras (*Hamilton et al.*, 2006).

### **c) Estereótipos de Género**

Para identificar estereótipos de género na forma como são representadas as personagens analisaram-se diferentes dimensões (adaptado de Nunes, 2009):

- c.1. Traços Físicos, Feições e Adornos (penteados, barba, altura, tipo de corpo, roupa e acessórios com que são representados).
- c.2. Corpo e Relações de género
- c.3. Saúde, Desporto e Género
- c.4. Personalidade (caracterização psicológica das personagens)
- c.5. Competências associadas ao masculino e ao feminino
- c.6. *Hobbies* e atividades de lazer (o que fazem as personagens - que usos do tempo)
- c.7. Profissões
- c.8. Tipos de família e quem interage com quem
- c.9. Contexto onde surgem as personagens (espaço público/privado...).

### c.1. Traços Físicos, Feições e Adornos

Para refletir de que forma são apresentadas as personagens tanto no texto como nas ilustrações procedeu-se ao registo sobre todas as personagens possíveis, sendo que algumas personagens têm descrições mais completas do que outras, até mesmo pela diversidade com que surgem apresentadas no texto e nas ilustrações.

Analisaram-se para esta categoria 67 personagens, incluindo as do núcleo central, mas também todas as secundárias ou apenas menções, com elementos passíveis de analisar. Conclui-se desse logo que a maioria das personagens são adultos/as.

Tantos os/as adultos/as como as crianças surgem, na sua maioria, com traços físicos e feições que permitem classifica-los como masculinos ou femininos.

Um dos traços que permite identificação de género da generalidade das personagens é o penteado. O penteado é tido como um marcador de género para diferenciar homens e mulheres.

A generalidade de personagens masculinas tem o cabelo curto ou é careca, enquanto as personagens femininas são representadas tanto com cabelo comprido, como como o cabelo curto. No livro “Achimpa”, por exemplo, todas as mulheres adultas usam o cabelo curto e algumas têm o cabelo pintado. Nenhum personagem masculino tem o cabelo comprido ou pintado.

Num estudo conduzido por Jackson e Gee (2005) na Nova Zelândia onde analisaram as ilustrações e livros editados ao longo de 50 anos, concluíram que em nenhuma década os homens foram representados de cabelo comprido, nem mesmo durante os anos 1960 quando era moda usá-lo bastante longo; já no caso das personagens femininas, estas variaram com representações de cabelo comprido e curto ao longo das várias décadas.

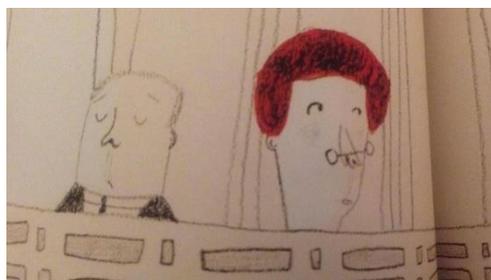


Figura 3.6 – Personagem feminina de Cabelo curto e pintado no livro “Achimpa” (2015, s/p).

Os personagens masculinos são várias vezes representados com bigode e barba. Existe menção a uma personagem feminina “a mulher barbada”, no livro “A Contradição Humana”, mas apenas porque pertencia ao circo:

“A mulher barbada, que estava a ver a cena toda, disse assim: não tem medo de leões (...) mas tem pavor de coisas minúsculas”. (s/p)

Esta associação ao circo remete os “desvios” às estéticas corporais comuns para a esfera da exceção e até do “freak show”, o que tem vindo a ser rebatido pelos “estudos transgénero” (veja-se, por exemplo, Feinberg, 1992; Bornstein, 1994; Stryker, e Whittle, 2006).

Quanto aos adornos e roupas, vemos que as personagens masculinas surgem maioritariamente de calças/calções e as femininas surgem maioritariamente de saia, excetuando uma criança que surge de calças.



Figura 3.7 – Personagem no livro “De umas Coisas Nascem Outras” (2017:7).



Figura 3.8 – Personagem no livro “A Contradição Humana” (2016, s/p).



Figura 3.9 – Personagem no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p).



Figura 3.10 – Personagem no livro “Achimpa” (2015, s/p).

A ideia de que demonstramos a nossa feminilidade ou masculinidade através das nossas expressões é especialmente verdadeira no caso da roupa (Jackson e Gee, 2005). As autoras verificaram que enquanto a roupa das mulheres sofreu algumas variações ao longo das décadas, surgindo ora de vestido ora de calças, a roupa dos personagens masculinos foi consistente ao longo das cinco décadas, variando apenas entre calças ou calções.

Também no estudo conduzido por McAdams (2015) a autora verificou que as roupas com que surgiam representadas as personagens femininas eram maioritariamente não estereotipadas, surgindo na sua maioria de calças e t-shirt.

Pode concluir-se que é mais facilmente permitido às mulheres optar por formas de expressão mais associadas ao masculino, no que diz respeito às roupas e penteados, mas o contrário raramente é permitido e tão pouco espelhado em livros infantis. Se o vestuário muito fez e faz pela libertação das mulheres, será de esperar que o efeito oposto tenha também consequências positivas em termos de liberdade de expressão e de igualdade para o género masculino (Saleiro, 2014). Não fazendo parte do conjunto de livros premiados analisados, destacamos o livro infantil “Os vestidos de Tiago” de Joana Estrela (2013), que contribui para essa alteração, pois tal como o nome indica apresenta um personagem masculino que gosta de usar vestidos e que conta com o apoio da mãe.

Ainda em relação à roupa verifica-se que apenas as personagens masculinas surgem com roupa “executiva” ou “empresarial” - de fato, sapatos de fato e de pasta,

sugerindo atividades profissionais que requerem esse tipo de indumentária. Não foi observada essa indumentária nas personagens femininas.



Figura 3.11 – Personagem de fato no livro “A Contradição Humana” (2016, s/p).



Figura 3.12 – Personagens de fato no livro “Achimpa” (2015, s/p).



Figura 3.13. – Personagem de fato no livro “De umas coisas nascem outras” (2017, s/p).



Figura 3.14 – Personagens de fato no livro “O Senhor Pina”, 2013: 20).

Reconhecendo que as mulheres são uma força de trabalho presente nos vários sectores de atividade, incluindo no ramo empresarial e de chefia (ainda que em números bem inferiores aos desejados), seria expeável que pudessem surgir assim representadas. A análise (mais à frente) das profissões com que são associadas permitirá perceber porque são representadas de forma mais “casual.”

Nos livros em análise, existiram, contudo, exceções que, de alguma forma, desafiaram as fronteiras do género pela forma como surgiram representadas.

Este é o caso de uma personagem *gender bender* no livro “Com o Tempo” (figura ao lado) que se apresenta de cabelo comprido, calças e camisola larga que não acentuam as curvas que tipicamente verificamos em personagens femininas (contorno dos seios e ancas) e com feições que levam ao questionamento do seu género. Este questionamento revela diversidade e representações não hegemónicas dos traços tipicamente femininos e tipicamente masculinos.



Figura 3.15 – Personagem *gender bender* no livro “Com o Tempo” (2015, s/p).

Também no livro “A Palavra Perdida” algumas personagens são representadas de forma criativa como que usando formas geométricas que parecem “vestidos”, pelo que fica difícil categorizar quais os masculinos e femininos, o mesmo se passa como os que se apresentam carecas ou só aparecem as suas cabeças. No entanto, no resto do livro e na maioria das vezes graças, especialmente, aos penteados e laçarotes parece intuitivo identificar o género de cada um.



Figura 3.16 – Personagens *gender bender* no livro “A Palavra Perdida” (2014, s/p).

### **c.2. Corpo e relações de género**

Na análise dos livros em estudo procurou-se registar elementos do texto e ou imagem que permitissem relacionar indicadores de género com elementos como diversidade étnica (cor da pele, nacionalidade) ou diversidade cultural (manifestações de outras culturas, costumes, tradições) e representação de pessoas com algum tipo de incapacidade (motora, etc.) ou mesmo com Necessidades Educativas Especiais, reconhecendo a importância da interseccionalidade nos estudos de género e feminismos.

Nesta dimensão incluiu-se também registos que permitissem a reflexão sobre os corpos – como são apresentados, que relações das personagens com o seu corpo, o que o corpo “diz” sobre as mesmas. Foram recolhidos elementos de seis livros.

Registámos a presença de diversidade étnica em dois livros, nomeadamente a representação de personagens negros e com tons de pele diferentes no livro “A Contradição Humana” (ver figura 3.11) e no livro “Com o Tempo” (ver figura 3.17).

A representatividade da diversidade cultural e étnica é de extremo valor e conclui-se que continua sub-representada na generalidade das personagens dos livros infantis e especificamente nos livros em análise. Se esta é uma dimensão em falta, a representação de personagens com algum tipo de incapacidade ou necessidade especial está completamente ausente.

Por seu turno, as concepções sobre o corpo e os ideais de beleza e saúde passam mensagens importantes a crianças e jovens que interiorizam esses ideais e se políam para corresponder aos mesmos.

No livro “Com o Tempo,” além da personagem *gender bender* acima, podemos verificar a presença de diferentes tipos de corpos – uns mais largos, outros mais estreitos, uns mais gordinhos, outros mais magros. Esta diversidade de corpos e formas é fundamental pois um dos tipos de



Figura 3.17 – Vários tipos de corpos nas personagens no livro “Com o tempo” (2015, s/p).

estereótipos de género mais vincados são os relativos às características físicas (ombros largos/músculos) versus formas arredondadas (Basow, 1986).



Figura 3.18 – Formas arredondadas na personagem no livro “Achimpa”, 2015, s/p)



Figura 3.19 – Formas arredondadas na personagem no livro “A Contradição Humana” (2016, s/p)

No que diz respeito a descrições sobre os corpos e relação das personagens com os seus corpos identificámos elementos relevantes em quatro livros.

No livro “A Casa Sincronizada – Uma História Musical” o personagem Valentim procura ficar elegante para agradar à pessoa por quem está apaixonado, e revela muita

insegurança em relação à sua figura, o que se associa socialmente ao feminino. Vejamos as seguintes citações:

“ (...) come bolacha integral em vez do habitual pão caseiro, que ele adora! Custa-lhe muito, é verdade, mas aceita o sacrifício...” (s/p)

“ (...) o Valentim decidiu começar uma dieta que o torne mais elegante (...) mais alto, mais belo e mais confiante!” (s/p)

“ (...) porque hei de emagrecer, se a Isadora não me quer? Então mais vale comer (...) engoli o pão p'ra esquecer a solidão...” (s/p)

“Por ter sido abandonado caí mesmo em tentação, e fiquei com esse pão que não me era destinado...” (s/p)

Este tipo de estereótipos e mensagens de que devemos preocupar-nos com o nosso corpo para sermos amados passa uma mensagem alarmante às crianças e jovens e merece total atenção.

A forma como são representadas personagens femininas e masculinas e a linguagem expressa pelo corpo vivido e pelo corpo percebido tem um impacto fundamental na forma como as crianças poderão aperceber-se de um conjunto de estereótipos ligados às suas posturas, movimentos, adornos, expressões que lhe são sancionadas, “aceitáveis” ou encaradas como “menos boas” (Pomar *et al.*, 2012).

Registámos também exemplos que fazem notar uma certa sexualização da imagem da mulher, com as referências do livro “A Contradição Humana” e sua ilustração da personagem “Carlinha” que surge apenas como a imagem das suas pernas, numa saia curta e saltos muito altos:



Figura 3.20 – Personagem “Carlinha” do livro “A Contradição Humana”, 2016

“A Carlinha é uma menina muito elegante que deixa uma cauda de perfume atrás dela.” (s/p)  
“Mora no 1º Dto e sempre que pode gaba-se da firmeza das coxas e da pele cheia de creme francês.” (s/p)

Outro registo, no livro “De umas coisas nascem outras”:

"Tempos houve em que o vento, atrevido, levantava as saias às raparigas. Hoje pouco ou nada lhe resta para levantar." (p.32)

Esta frase sugere que as roupas das raparigas são cada vez mais curtas e que “andam com tudo à mostra”, o que parece ser conotado negativamente. Já o vento, aparentemente personificado como personagem masculina, é retratado como “atrevido”.

Também no livro “O Senhor Pina” existe uma citação sobre a tesoura que personificada com características de pessoa, incita a pensamentos de cariz sexual, do “abrir e fechar de pernas” e a um aproveitamento pelas personagens masculinas das suas qualidades de estética corporal de cariz sexual. Fica também bem evidente a característica masculina de “não conseguir resistir” ou “cair em tentação”:

“ (...) a Tesoura, que é uma palavra linda, mas interesseira (agora é que eu sei), armou-me uma ratoeira. Quando eu a vi, muito elegante, com as duas pernas a abrir e a fechar, capazes de cortar ao meio uma folha bem dobrada, já não quis ver mais nada. Pedia-a logo em casamento (...)” (p.81)

Não é novidade esta sexualização do corpo da mulher, associada à objetificação dos seus corpos, tão estudada no âmbito da publicidade. Novidade foi identificar essa mesma preocupação no personagem Valentim, que inseguro com o seu corpo e com o amor da sua amada, procurava fazer dietas e resistir ao que lhe apetecia comer. Talvez seja também surpreendente encontrar estes estereótipos da relação heterossexual sexualizada nos livros infantis.

### **c.3. Saúde e Práticas Desportivas**

Esta dimensão junta dois tópicos: saúde e desporto, e procurou-se registar elementos dos mesmos, relacionando-os com indicadores de género. Foram recolhidos elementos de sete livros.

O hábito de fumar foi identificado em duas personagens:

- A personagem “Senhor. Pina” no livro “O Senhor Pina”:  
“Oh não!, respondeu o senhor Pina a acender uma cigarrilha. Quando eu morrer, quero estar, ao menos um pouco doente, não cheio de saúde”. (p. 37)

- No livro “Achimpa”, a personagem “Linguista” surge a fumar cachimbo.

A transmissão de mensagens relativas à saúde e de como devemos cuidar da saúde é de extrema importância. É interessante e algo preocupante existirem duas personagens masculinas fumadoras, muito mais quando está identificado que os homens portugueses têm hábitos de consumo menos saudáveis tais como o consumo de álcool e tabaco (Wall, 2016).



Figura 3.21 – Personagem “Linguista” no livro “Achimpa” (2015 s/p)

Também refletindo sobre questões de envelhecimento ativo podemos verificar que são as personagens masculinas a quem é conferida menor atividade – a personagem “avô” surge muito associada a “sestas” (em dois livros) e ao estar deitado/sentado, ao passo que a avó surge mais ativa.



Figura 3.22 – Personagem Avó “Estrela” no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)

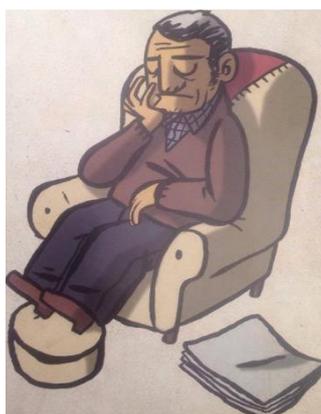


Figura 3.23 – Personagem Avô Gervásio no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)



Figura 3.24 – Todas as personagens de pé menos o Avô Gervásio no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)

Quanto à esperança média de vida, destaque para a personagem Dona Zulmira com 137 anos, no livro “Achimpa”. Os homens têm uma esperança média de vida inferior à das mulheres e têm taxas de mortalidade por acidente superiores à das mulheres (Wall, 2016), pelo que a associação a uma personagem com 137 ser feminina é bastante credível.

“Então, alguém se lembrou de perguntar à D.<sup>a</sup> Zulmira (que tinha 137 anos) se ela conhecia aquela palavra esquisita”. (s/p)

Em relação às práticas desportivas registaram-se elementos de cinco livros. Observou-se que existem modalidades diferentes para as personagens masculinas e

femininas, mas também existem outras onde são ambas representadas, nomeadamente a fazer o pino, nadar e dançar:

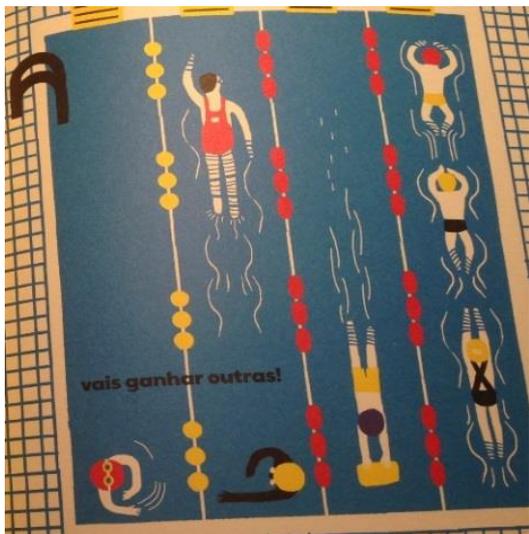


Figura 3.25 – Várias personagens a nadar no livro “Com o Tempo” (2015, s/p).



Figura 3.26 – Várias personagens a dançar no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p).

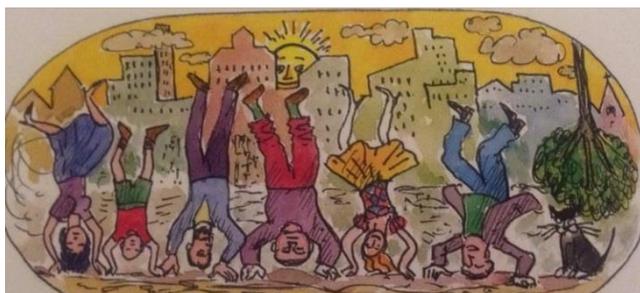


Figura 3.27 – Personagens a fazer o pino no livro “O Senhor Pina” (2013: 8).

Associadas às personagens masculinas surgem atividades tais como: correr, andar de *skate*, jogar pingue-pongue e menções relacionadas com o futebol. É possível verificar desde logo que as personagens masculinas têm ao seu dispor um leque mais vasto de modalidades do que as femininas, conjugando atividades “indoor” e que requerem coordenação (nadar, fazer o pino) com atividades “outdoor” tais como correr ou andar de skate.

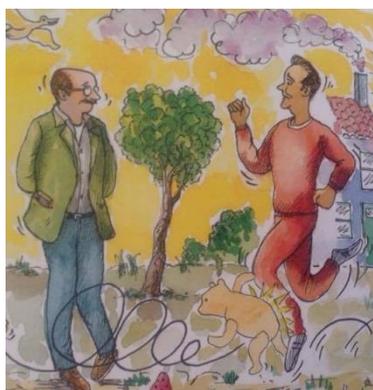


Figura 3.28 – Personagem Eng. Quaresma a correr, no livro “O Senhor Pina” (2013: 37).



Figura 3.29 – Personagens Albino e Albano no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p).

Consideramos um bom passo na direção de uma representação mais igual, existirem personagens masculinas a dançar, a fazer o pino e a jogar pingue-pongue, contrariamente às conclusões de Queirós (2004) que constatou uma sub-representação masculina nas atividades coordenação/agilidade/destreza e ténis de mesa.

No que concerne à dança, são de destacar os personagens masculinos envolvidos nesta modalidade, embora apenas identificadas num livro “A Casa Sincronizada”, onde todos/as dançam, menos o avô. Outros estudos têm demonstrado que estas atividades surgem quase sempre associadas ao feminino, como é o exemplo de um estudo de Marques, Tavares e Madaíli em 2003 sobre os manuais escolares de Educação Física do 8º ano de escolaridade, onde concluíram que raramente existia representação masculina nas modalidades de patinagem, dança e ginástica acrobática (Queirós, 2004).

As atividades físicas e desportivas são contextos onde a diferenciação binária de género é mais visível, através do reforço das conceções hegemónicas de masculinidade e rejeição das conceções hegemónicas de feminilidade. As conceções sobre os corpos e padrões de movimento associados ao masculino e feminino condicionam a perceção e a escolha das atividades desportivas para uns e outras – as conceções masculinas rejeitam e temem movimentos considerados “femininos” de dança/ritmo/movimentos finos e também, muitas vezes, as conceções femininas rejeitam movimentos agressivos que “deformem” e “alarguem” corpos que se querem esguios, estreitos, “não muito musculados” (Pomar *et al.*, 2012).

- Personagem “Tomé” no livro “A Casa Sincronizada”

O Tomé, filho do meio, dançava sapateado (...)



Figura 3.30 – Personagem Tomé no livro “A Casa Sincronizada” (2011 s/p).



Figura 3.31 – Personagem Valentim no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p).

Embora o futebol seja das modalidades mais concorridas nas escolas, surpreendentemente nenhuma personagem masculina surge propriamente a jogar à bola, mas existem menções ao futebol:

- Personagem Manuel no livro “A Palavra Perdida”  
“As minhas conversas esgotavam-se. Quase tão rapidamente como as camisolas do Benfica em época de vitória no campeonato”. (s/p)
- Personagem Germano no livro “O Senhor Pina”  
“Venho do Estádio do Dragão. Vi o Porto a ganhar ao Benfica 2-0.” (p.41)

Um das menções relaciona até o “perder da equipa” ao “não haver paz”, que lembra a tradicional associação a episódios de violência doméstica:

- Personificação do objeto “Bola” no livro “O Senhor Pina”  
“(…) sempre na sala, a ver futebol na televisão e a beber cerveja. Só se falavam quando não estava a dar futebol, mas isso nunca acontece, pois não? E então quando o Benfica perdia...Paz e sossego é que não havia”. (p.82)

No caso das personagens femininas constata-se a reduzida presença de atividades desportivas *outdoor* e de aventura, tendo-se identificado as práticas de nadar e dançar (comum a ambos os grupos), fazer ballet, ir ao ginásio e andar de bicicleta, esta a única atividade *outdoor*. Esta constatação vai ao encontro de outros estudos que referem que surgem sempre associados ao masculino desportos de maior resistência, força/contacto físico (Miguel, 2011).

- Personagem “Carlinha” no livro “A Contradição Humana”:  
“Passa a vida no ginásio, mas é incapaz de subir uns lances de escadas”. (s/p)



Figura 3.32 – Personagem Isadora no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p).



Figura 3.33 – Personagem a andar de bicicleta no livro “O Senhor Pina” (2013:57).

Urgem mais exemplos nas histórias infantis que contrariem estes estereótipos em relação às práticas e modalidades desportivas, pois estes influenciam as escolhas de rapazes e raparigas na escolha de uma modalidade a praticar.

#### c.4. Caracterização de Personalidade

Foram recolhidos elementos de seis livros para 28 personagens que continham elementos passíveis de associar à sua personalidade.

Identificaram-se as seguintes características associadas a personagens masculinos:



Figura 3.34 – Caracterização de Personalidade Masculina

Ao olhar esta nuvem de palavras, destacam-se, desde logo, o maior número de palavras, num total de 52, que se relaciona com a proporção numérica e centralidade dos personagens masculinos, embora, por vezes, estejam associadas mais do que uma palavra, ao mesmo personagem.

Surgem evidenciados os adjetivos: confiante e corajoso – isto significa que tiveram mais personagens masculinas classificadas com esta característica, neste caso: quatro personagens “confiantes” e quatro personagens “corajosas”.

Alguns exemplos:

- Personagem principal “O Tubarão na banheira”:  
“O resultado era óbvio e eu disse-o ao meu avô (...).” (p. 11)  
“Não teve outro remédio senão acreditar em mim.” (p.11)

- Personagem principal “O Tubarão na banheira”:  
“(...) eu tive de lutar sozinho contra o peixe (...)” (p. 8)  
“Travei com o peixe uma batalha feroz” (...) (p. 13)
- Personagem “pai” no livro “O Tubarão na banheira”:  
“(...) depois o meu pai deixava na borda da banheira (...) para o animal comer.” (p.22)
- Personagem “Senhor Pina” no livro “O Senhor Pina”:  
“Não tenhas medo, eu trato dela (...)” (p. 17)  
“Aqui não há perigo, disse o senhor Pina, a rir”. (p.17)
- Personagem “Investigador” no livro “Achimpa”:  
“Entretanto, o investigador, tendo pesquisado com mais afinco, veio dizer que estavam todos equivocados”. (s/p)
- Personagem “Domador” no livro “A Contradição Humana”:  
“O meu pai cumprimentou-o e louvou-o pela coragem de meter a cabeça entre as mandíbulas da fera”. (s/p)

Salientam-se também vários sinónimos relacionados com inteligência – inteligente, intelectual, sábio, erudito; ser-se importante.

- Personagem “Sr. Gomes” do livro “A Contradição Humana”  
“O Sr. Gomes é um grande erudito (...) Lê muitos livros (...)” (s/p)  
“(...) o Sr. Gomes (...) é um grande sábio”. (s/p)
- Personagem “Avô” no livro “O Tubarão na banheira” :  
“(...) o meu avô (...) sentou como se fosse um rei a cair sobre o trono” (p.6)
- Personagem “Senhor Pina” no livro “O Senhor Pina”:  
“Quando não estavam no Convívio, à espera do senhor Pina, os membros do Clube das Pessoas que Esperam pelo Senhor Pina apoiavam todos os outros, que, em qualquer lado, esperavam pelo senhor Pina”. (p.49)

Em relação aos estatutos são apenas referenciados para as personagens masculinas.

- Personagem senhor Pina no livro “O Senhor Pina”:  
“Ó sim, ela ia conhecê-lo, dizer como sempre dizia "Bom dia, senhor doutor." (p. 21)

- Personagem Eng. Quaresma no livro “O Senhor Pina”:  
“Era o engenheiro Quaresma, o meu vizinho”. (p.37)

Para as personagens femininas observámos um número menor de palavras, 23, devido à sua sub-representação:



Figura 3.35 – Caracterização de Personalidade Feminina

Ao observar esta nuvem de palavras verificamos que existem palavras com conotação negativa, nomeadamente não-sábica, amarga, sozinha, com uma entrada para cada.

- Personagem no livro “A Contradição Humana”:  
“A senhora do prédio ao lado, que sabe tudo, não é sábica nenhuma (...)” (s/p)
- Personagem Dona Assunção no livro “A Contradição Humana”:  
“Apesar de comer tanto açúcar, é uma pessoa amarga”. (s/p)
- Personagem “Prima” no livro “A Contradição Humana” (2016):  
“Mas quanto mais pessoas tem à volta dela mais só ela se sente”. (s/p)

Mas também outras com conotação positiva tais como: confiante e aventureira - com uma entrada para cada uma destas.

- Personagem Dona Zulmira no livro “Achimpa”:  
“Claro que conheço. E não é achimpa, mas achimpar, um verbo da primeira conjugação.”(s/p).



Figura 3.36. – Amigos em cima da árvore, entre eles uma menina, no livro “O Tubarão na Banheira” (2016: 27).

Os estereótipos mais difíceis de contestar são os estereótipos relativos aos traços de personalidade: independência versus docilidade - que não só alimentam a dicotomia homem/mulher, como não reconhecem variações intra-sexo (Basow, 1986).

No presente estudo a palavra que chama mais a atenção foi precisamente “delicada” com duas entradas.



Figura 3.37. – “Delicada” - personagem no livro “O Senhor Pina” (2013: 49).



Figura 3.38 – “Delicada” e mais pequena que o homem ao centro da mesa. Personagem no livro “O Senhor Pina” (2013:50).

Em 1979 Ervin Goffman chamava a atenção para a representação das mulheres na publicidade denunciando uma prática comum que evoca delicadeza e que são as mulheres a tocar na sua cara, e uma outra prática subtil que era a das mulheres surgirem mais pequenas que os homens (Goffman, 1979).

Identificou-se também a associação ao ser cuidadora e afetuosa com os/as filhos/as que reforçaremos no tópico sobre as tarefas domésticas.

É crucial desconstruir estes estereótipos usados para prescrever a homens e mulheres atributos, competências e interesses, como se decorrentes de uma diferenciação biológica, favorecendo-se a consciência de que estes resultam de

processos de interação complexos que envolvem vários agentes, entre eles os livros infantis, pelo que se deverá investir na difusão de exemplos diferenciados e personagens que apresentem personalidades não estereotipadas.

Ivone Leal no seu estudo (1982) denunciou a associação das características de insegurança e afetividade apenas às personagens femininas, que aliás, quando reproduzem comportamentos tipicamente masculinos são penalizadas no aspeto físico e/ou psicológico.

Para contrariar a regra, temos o personagem Valentim, um romântico, apaixonado, que expressa as suas emoções e chega mesmo a ser inseguro em relação ao seu corpo, características muitas vezes associadas ao feminino.

- Personagem Principal “Valentim” no livro “A Casa Sincronizada”:

“Apaixonado, triste, choroso, comalido, desgostoso; cora Valentim, ultimamente anda muito apaixonado” (s/p)

“Chegou com uma triste cara, vê-se mesmo que chorou. (...). Limpou as lágrimas todas e começou, comalido (...)” (s/p)

“Mais pareciam borboletas, a voar dentro de mim.” (s/p)

“É a carta de Isadora! O Valentim até cora!...” (s/p)

Temos também o exemplo de Isadora, uma jovem que se apresenta como focada na sua carreira, que vem em primeiro lugar, ainda que apaixonada.

- Personagem “Isadora” no livro “A Casa Sincronizada”:

“(...) mas, primeiro, a Isadora tem que trabalhar a sério: se quer ser muito famosa, se quer ficar para a história, ser lembrada na memória (...)” (s/p)

“(...) tem que ensaiar sem parar!” (s/p)

“Isadora, a suspirar, imagina o casamento; dá piruetas no altar.” (s/p)

### **c.5. Competências**

Foram identificadas, nos oito livros em estudo, competências associadas a 20 personagens.

Para as personagens masculinas surgem associadas seguintes 18 competências:



Figura 3.39 - Competências associadas ao Masculino

E associadas a personagens femininas, 8 competências:



Figura 3.40 - Competências associadas ao Feminino

Um das primeiras conclusões, comparando as duas figuras é a de que existe uma maior diversidade de competências no masculino, uma vez que é o género que detém maior representatividade.

Notamos também a confluência das atividades de leitura, o ser fluyente (embora em menor número nas entradas para o feminino 2:1) e jogar palavras cruzadas e o facto de existirem referências musicais para ambos.

Se compararmos as competências femininas, com as roupas executivas que analisámos atrás e com as profissões que veremos mais à frente, verificamos que os personagens masculinos parecem ser mais valorizados na sua atividade intelectual do que as mulheres.

Vejamos alguns exemplos de competências femininas nas ilustrações:



Figura 3.41 – Personagem no livro “Com o Tempo” a atar os atacadores (2015, s/p).



Figura 3.42 – Personagem no livro “De umas Coisas Nascem Outras” (2017:35).

No que concerne as competências associadas ao masculino destacamos a presença de “liderança” frequentemente associadas ao masculino, tal como identificado também nos personagens do estudo de Ivone Leal (1982), a par da criatividade.

- Personagem Principal no livro “O Tubarão na Banheira”:  
“As coisas não estavam a correr bem e eu tinha de fazer alguma coisa.” (p. 23)  
“Tive várias ideias para resolver o problema (...)”. (p.23)

Destacam-se também no masculino as competências associadas ao domínio das novas tecnologias e interesse por astronomia. Frequentemente decorrem iniciativas que visam atrair maior presença feminina, sub-representada nestas áreas, como é o caso do assinalar do “Girls in ICT Day”, uma iniciativa da União Internacional das Telecomunicações<sup>22</sup> e a criação de figuras LEGO de inspiração baseada em mulheres engenheiras e de outras profissões na NASA<sup>23</sup>.

- Personagem senhor Pina no livro “O Senhor Pina”:  
“Já no escritório, o senhor Pina pôs-se a trabalhar o tal poema no computador”. (p.33)
- Personagem “Sr. Gomes” do livro “A Contradição Humana”:  
“O Sr. Gomes (...) tem uma coleção de chapéus e um telescópio”. (s/p)  
“Sabe os nomes das estrelas todas e conhece um número muito comprido, cheio de zero, que-diz-ele-é a idade do Universo.” (s/p)

<sup>22</sup> Ver em <http://girlsinct.campus.ciencias.ulisboa.pt/>

<sup>23</sup> Ver em <https://ideas.lego.com/projects/388ddb3-2f0a-42fb-9f54-93bf3b5f4fe9>

Nas competências masculinas, a par com a palavra “fluyente” com duas entradas, surgem outras associadas ao saber ler, escrever, falar várias línguas. Vejam-se de seguida alguns exemplos:

- Personagem principal no livro “O Tubarão na banheira”:

“ (...) a copiar palavras difíceis do dicionário para o meu Caderno de Palavras Difíceis”. (p. 6)

“(…) uma expressão (...) que eu decifrei com uma palavra do meu caderno: Assombro.” (p.9)



Figura 3.43 – Personagem no livro “O Tubarão na banheira” (2016:10).

- Personagem “Linguista” no livro “Achimpa”:

“De acordo com uma análise minuciosa da pronúncia e da origem da palavra, achimpa só podia ser um nome”. (s/p)

- Personagem senhor Pina no livro “O Senhor Pina”:

“Estava tudo certo, ou conforme as regras do mundo, tudo menos aquele pequeno erro” (p.64)

Outras competências associadas: pesquisa na biblioteca, consultar o dicionário parecem também reservadas ao masculino.

Embora por exemplo “fluyente” também tenha uma entrada no feminino, na biblioteca a personagem feminina surge a arrumar os livros e não a consultá-los.

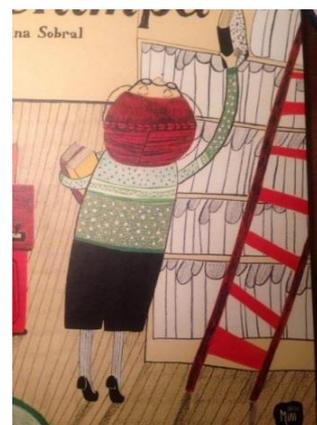


Figura 3.44 – Personagem no livro “Achimpa” (2015, s/p) a organizar os livros

- Personagem Dona Zulmira no livro “Achimpa”:

Claro que conheço. E não é achimpa, mas achimpar, um verbo da primeira conjugação. (s/p)



Figura 3.45 – Personagem no livro “Achimpa” (2015, s/p) a pesquisar na biblioteca



Figura 3.46 – Personagem no livro “Com o Tempo” (2015, s/p) a consultar o dicionário

Ainda assim, mostrar diversos exemplos de personagens associadas à leitura e escrita surge como um passo a destacar no caminho da igualdade, pois por norma existe a ideia de que estas atividades estão associadas ao feminino e de que as meninas são mais bem-sucedidas nestas atividades.

Esta ideia não é infundada. A relação dos meninos com a escola, sucesso escolar e as atividades de leitura/escrita têm estado sobre o olhar atento de várias instâncias educativas nacionais e internacionais, tais como a UNESCO e OCDE.

Verifica-se que muitas vezes existe uma escolha diferenciada de atividades, que não está relacionada com capacidades biológicas e que denota estereótipos nas escolhas vocacionais das crianças e jovens – as raparigas parecem preferir as Línguas e Humanidades e os rapazes as Matemáticas e Engenharias. Esta diferenciação poderia não ser problemática por si só, se não existisse uma hierarquização do conhecimento relativo à matemática/ciências/tecnologias que é mais valorizado do que o conhecimento relativo às humanidades, associado a oportunidades de emprego, de carreira e de salários (Pomar *et al.*, 2012).

Esta polarização é acentuada pela escola (professores/as, currículo, entre outros aspectos), como pelas expectativas de pais e mães, pela antecipação de dificuldades de sucesso e conciliação por parte das crianças e jovens e, claro está, pelos materiais pedagógicos e artísticos, ou lúdicos se quisermos, onde se incluem – os livros infanto-juvenis.

Os resultados do último programa PISA – *Programme for International Student Assessment* aplicado em 2012 (OECD, 2012) revelam que na prova de leitura há mais raparigas com elevado-desempenho e mais rapazes com baixo-desempenho nas provas de leitura – em 2012 um em cada quatro rapazes (25%) teve um baixo-desempenho nessa prova, em comparação com uma em cada oito raparigas (12,5%).

Esta constatação tem levado a uma preocupação de como se poderá incentivar os rapazes para a leitura e quais serão os assuntos que serão do seu interesse. O que não deixa de ser paradoxal se considerarmos, como este estudo mais uma vez contribui para reiterar, que são eles as personagens com maior protagonismo em todos os livros analisados.

Por sua vez, estas tentativas estão associadas a estereótipos de género presentes nas estratégias de marketing diferenciado por género – onde por vezes só se

mudam as cores azul e rosa<sup>24</sup> e outras mesmo em que se alteram os conteúdos, como no tão recente caso dos livros de atividades da Porto Editora<sup>25</sup>.

Esta ideia de “livros para meninos” e “livros para meninas” e de uma procura incansável sobre que tipo de aventuras poderá agradar mais a uns e a outras tem resultado numa representação masculina superior e numa valorização de determinados conteúdos e protagonistas genderizada e estereotipada.

Mesmo nos profissionais de educação existe a ideia generalizada que os livros “de rapazes” com aventuras sobre rapazes e “coisas de rapazes” são mais prováveis de agradar a todos e a todas, do que os livros “de rapariga” com “coisas de rapariga” que irão, por certo, afugentar os rapazes (Swanson, 2016).

Esta premissa continua a reforçar a tendência para uma maior representatividade masculina nas personagens principais dos livros sobre quem gira toda a ação, como demonstram os vários estudos e este inclusive.

Não há evidências para o facto de os livros “de rapazes” melhorem o interesse pela leitura, o que há é uma forte probabilidade de que esses livros reforcem estereótipos e concepções hegemónicas de masculinidade.

Na entrevista realizada à subcomissária do PNL, Dra. Elsa Conde e à Dra. Leonor Riscado, do painel de especialistas responsável pela seleção dos livros recomendados, esta ideia parece também verificar-se:

Enquanto leitores e enquanto professores nós percebemos que há públicos diferentes para temas diferentes e percebemos também que um leitor tem tendência para se identificar com o herói ou heroína de um determinado livro e, como tal, é normal, imagino, que uma senhora romântica se sinta particularmente atraída por um romance que não dirá nada aos adolescentes e também não dirá nada a muitos adultos, como Na a Karenina, de Tolstoy (...). (Leonor Riscado, em entrevista).

“Sabemos é que, de facto, que pelo seu conteúdo, há livros que podem interessar mais a rapazes e livros que podem interessar mais a raparigas (...)”. (Elsa Conde, em entrevista).

---

<sup>24</sup> A este propósito importa mencionar a Campanha “Let Books be Books” que luta contra o marketing diferenciado de livros para meninos e meninas em <http://lettoysbetoys.org.uk/time-to-let-books-be-books/>

<sup>25</sup> Em: <http://observador.pt/2017/08/29/comissao-para-a-igualdade-divulga-parecer-que-levou-ao-pedido-de-retirada-dos-livros-da-porto-editora-reforcam-a-segregacao-de-genero/>

Ainda assim, no que concerne às estratégias do PNL para 2027 não estão previstas medidas diferenciadas para rapazes ou raparigas ou listagens específicas para cada um dos públicos, considerando-se que o mais importante será a:

“(…) necessidade de promover a leitura junto de rapazes e raparigas ... procurando que nesses livros haja temas, haja conteúdos que suscitem o interesse, a motivação e, obviamente, a curiosidade de uns e de outros” (Elsa Conde, entrevista).

De acordo com Jennifer Dyer, do programa *Diversity Programme Leader at the Institute of Physics*<sup>26</sup>, as diferenças de género poderão nem ser as mais relevantes no que toca às diferenças na leitura, sendo que diferenças de nível socioeconómico, a par com as práticas de leitura desde tenra idade que devem ser potenciadas pelos pais e pelas mães e pela qualidade dos livros disponíveis em casa e na escola, se mostram muito mais determinantes.

Também sobre a realidade portuguesa, no Estudo “PNL: A Leitura em Portugal” (Lima *et al.*, 2007, citado por Vilar, 2016) se constatou que o contacto com livros e com a leitura na infância é de facto mais frequente nas famílias com capital escolar consolidado, sendo que os/as inquiridos/as neste grupo mencionaram que observavam elementos da família a ler muitas vezes (56%) e ainda que os pais/mães ou familiares tinham o hábito de lhes ler em voz alta muitas vezes (38%).

### c.6. *Hobbies e atividades de lazer*

Em oito livros foram registados elementos de 25 personagens.

Identificaram-se 19 menções de *hobbies* e atividades de lazer para as personagens masculinas:



Figura 3.47 – *Hobbies e Atividades de lazer no masculino*

<sup>26</sup> Em <http://lettoysbetoys.org.uk/how-do-we-get-more-boys-reading-clue-boy-books-arent-the-answer/#more-3230>

Nas personagens femininas identificámos, seis menções de atividades:

# ler-o-jornal tricotar ver-as-montras ver-tv ler-na-toalha

Figura 3.48 – *Hobbies e Atividades de lazer no feminino*

Analisando os estereótipos de género nos *hobbies* e atividades de lazer surge a conhecida dicotomia: ler o jornal (masculino) e tricotar (feminino).

Numa publicação de 1986 intitulada *Down with Stereotypes* (Michel, 1986: 40), cujo objetivo era o de eliminar o sexismo na literatura infantil, a UNESCO alertava já para este mesmo estereótipo no que respeita às atividades de homens e mulheres, que continua presente atualmente nos livros infantis em análise, mostrando o quão enraizadas são estas conceções e como se propagam geração após geração.



Figura 3.49 – Imagem da publicação da UNESCO, 1986. Tradução livre: o pai a ler, a mãe a tricotar.



Figura 3.50 – Personagem Avó Estrela a tricotar no livro “Casa sincronizada” (2011, s/p).



Figura 3.51 – Personagem Avô a ler o jornal no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p).



Figuras 3.53 – Personagem no livro “Com o Tempo” a tricotar (2015, s/p).



Figura 3.54 – Personagens feminina e masculinas a ler o jornal no livro “Achimpa” (2015, s/p).

A associação da leitura de jornais ao masculino tem sido evidenciada em muitas publicações que se debruçam sobre os hábitos de leitura de uma população, do qual é exemplo o estudo “PNL. A Leitura em Portugal” (Lima *et al.*, 2007, citado por Vilar, 2016), no qual o sexo masculino se destacou na leitura de jornais, tal como no estudo de Isabel Rosado (2011), mencionado anteriormente, ainda que na globalidade de tipologias de livros as mulheres tenham maior representatividade como leitoras.

Destaque para o livro “Achimpa” onde surge também uma personagem feminina a ler o jornal. Nunca surgem personagens masculinas a tricotar, mostrando que por vezes é mais fácil para as mulheres apropriarem-se de alguns hábitos masculinos do que o contrário.

Comum a ambos os grupos são as atividades: ver as montras, ver televisão e ler o jornal (com uma entrada cada uma e apenas presentes no livro “Achimpa”) e ler na toalha (no livro “Com o Tempo”).

Sobre este último aspeto, podemos distinguir entre a leitura por lazer/ocupação de tempos livres, a feita por prazer e/ou procura de informação - entendida aqui como prática cultural, e ainda o tipo de leitura realizada por motivos escolares e/ou profissionais (Griswold, McDonnell e Wright, 2005; Griswold, Lenaghan e Naffziger, 2011, citados por Neves, 2015).



Figura 3.55 – Personagens femininas e masculinas a ler na toalha no livro “Com o Tempo” (2015, s/p)

Se atrás se mostraram mais exemplos de leitura por procura de informação e relacionada com saberes escolares, neste campo associa-se agora a leitura de jornais e de livros no contexto de praia, piscina, etc., à leitura de lazer e destaca-se o exemplo

da figura acima no livro “Com o Tempo” na qual surgem representadas personagens femininas e masculinas.

É interessante também constatar que as atividades de descanso tais como: dormir a sesta, deitar-se no sofá e “fazer nada” surgem como privilégios reservados às personagens masculinas, denunciando uma grave desigualdade ao nível dos usos do tempo e divisão das tarefas também identificada por Brugeilles *et al* (2002).

Alguns exemplos/evidências:

- Personagem “Avô” no livro “O Tubarão na banheira”:  
“O meu avô tinha adormecido na areia, por isso eu tive de lutar sozinho contra o peixe que se encontrava do outro lado da linha”. (p.8)
- Personagem Avô no livro “A Casa Sincronizada”:  
“ (...) enquanto o avô ressonava (...)” (s/p)
- Personagem Senhor Pina no livro “O Senhor Pina”:  
“Ficaram ali, a fazer nada, o tempo passou e eles não deram por isso. Ó que manhã bem passada!” (p.19)  
“O senhor Pina mimou a gatinha Bé, que ia a passar, e, depois estendeu-se ao comprido no sofá da sala, de barriga para o ar.” (p.58)

### **c.7. Tarefas/responsabilidades domésticas**

Neste tópico procurámos registar as tarefas e responsabilidades domésticas levadas a cabo pelas personagens masculinas e femininas no âmbito doméstico e familiar, tendo sido possível identificar esses elementos em seis livros em seis personagens.

	N.º de vezes
Alimentar o cuco	1
Fazer as compras para casa	1
Pagar as contas	1
Rachar lenha	1
Tratar das finanças	1
Total de tarefas	5

Quadro 3.3. Tarefas associadas ao masculino n=5 tarefas

	N.º de vezes
Cozinhar	2
Varrer	2
Total de tarefas	4

Quadro 3.4. Tarefas associadas ao feminino n=2 tarefas

Analisando os quadros acima pode constatar-se uma maior diversidade de tarefas masculinas, ressaltando, no entanto, que três delas remetem para a mesma personagem, Sr. Pina no livro “O Senhor Pina”: fazer compras para a casa, pagar as contas e tratar das finanças.

- Personagem senhor Pina no livro “O Senhor Pina”:  
 “Cá está ele! Trouxe-o do supermercado”.  
 (p.14)  
 “E paga a conta do gás, do telefone (...)”  
 (p.68)  
 “(...) preenche o IRS., passa recibos verdes (...)” p.68



Figura 3.55 – Personagem Artur (pai) a rachar lenha, no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p)

Ao nível das tarefas domésticas e familiares o conteúdo dos livros reforça os padrões de género presentes na nossa sociedade com as mulheres a desempenharem as tarefas mais rotineiras e que decorrem no interior da casa, enquanto aos homens são associadas tarefas de exterior e de gestão financeira, como o pagamento das contas e dos impostos (Ribeiro *et al.*, 2015, citado por Coelho, 2016).

- Personagem “mãe” no livro “O Tubarão na Banheira”:  
 “(...) a minha mãe passava os dias a fritar bifes de peru e de frango (...)” (p.22)
- Personagem feminina no livro “A Contradição Humana”  
 "Apoiada na vassoura não há vida que ela não conheça." (s/p)



Figura 3.56 – Personagens no livro “Achimpa” (2015, s/p) a cozinhar.



Figura 3.58 – Personagem Celeste no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p) a varrer.

Estes resultados vão ao encontro de outros semelhantes que identificam como as personagens femininas como as principais responsáveis pelas tarefas domésticas tais como: cozinhar, limpar ou ler às crianças, sendo a ocupação mais recorrente a de mãe e doméstica, enquanto os personagens masculinos surgem maioritariamente no espaço público, em papéis relacionados com o poder, o êxito e prestígio, (Stewig, 1973 citado por McAdams, 2015; Heintz, 1987 citado por Naharara, 1998a; Martínez e Torres, 2014; McAdams, 2015).

Segundo o Inquérito Nacional aos Usos do Tempo de 2015 em Portugal as mulheres investem, diariamente, mais 55 minutos na prestação de cuidados e mais 1 hora e 12 minutos nas tarefas domésticas do que os homens, resultando numa afetação feminina diária de 4 horas e 23 minutos em relação à masculina de 2 horas e 38 minutos (Perista *et al.*, 2016).

Nos vários estudos sobre divisão das tarefas e usos do tempo é possível notar-se uma crescente participação, ainda que não suficiente, dos homens na vida familiar, pelo que os livros infantis poderiam ter aqui um papel a desempenhar ao invés de reforçar estereótipos tradicionais.

Nesse sentido e, como exceção, destaca-se o livro “Com o Tempo” e a representação livre de estereótipos que apresenta em várias tarefas domésticas como cozinhar e ir ao supermercado (ver página seguinte).



Figura 3.59 – Ilustração de uma cozinha no livro “Com o Tempo” (2015, s/p).



Figura 3.60 – Ilustração de um carro de compras no livro “Com o Tempo” (2015, s/p).

Segundo a tipologia de livros que comunicam com imagens e seus modos argumentais, elaborada por Dora Sottomayor (2014) este livro é um álbum com um modo argumental solto – isto é, pode começar a ler-se em qualquer página e de trás para a frente, não é uma narrativa propriamente dita.

Essas duas características – a de ser um álbum e de modo solto parecem favorecer a apresentação de determinados assuntos sem incorrer em estereotipia de género. Pela ausência de uma narrativa tradicional descritiva que apresenta os personagens de forma exhaustiva, este formato prima pela ausência constante de personagens – homens e mulheres nos assuntos que aborda, o que contribui para uma representação mais igualitária. O facto de ser um álbum indica que as imagens podem servir várias funções (Van der Linden, 2008) entre elas a sátira e a contradição do que está patente no texto, permitindo uma maior criatividade e possibilidades de exemplos mais igualitários.

Como visível na imagem anterior, para o texto “A cebola na frigideira, vai ficando transparente” surge a ilustração de uma cozinha que não tem referência a elementos de género (homens, mulheres cores estereotipadas, mãos com unhas pintadas, etc.) – e aqui, pela sua ausência, é um exemplo de igualdade.

Se por acaso fosse representada com uma mulher a cozinhar, isso reforçaria o estereótipo de género de que a cozinha é o espaço destinado às mulheres, bem como a tarefa de cozinhar. Se tivesse sido representado um homem a cozinhar isso iria contrariar o estereótipo e ser igualmente um bom exemplo de igualdade.

## c.8. Profissões

Neste tópico, e em jeito de ressalva, devemos distinguir entre profissões no masculino devido ao uso de masculino genérico e que não é possível confirmar se tinham intenção de englobar mulheres, e profissões associadas a personagens masculinas. Mostramos aqui alguns exemplos de uso de masculino genérico:

Quadro 3.5. Profissões no masculino genérico

Livro	Personagem	Citação
“O Senhor Pina”	Várias	“ (...) vendedor de material de escritório, o funcionário das finanças, o advogado, o jornalista, o escritor (...)” p.73
“O Senhor Pina”	Astrónomos	“ (...) eram astrónomos que nunca olharam para as estrelas.” p.42
“Achimpa”	Donos das lojas	"Os donos das lojas ligavam para os fornecedores, que ligavam para as fábricas, onde, sem saberem o que fazer, todos exclamavam: - Que achimpa!"
	Fornecedores	
“A Contradição Humana”	Cientistas	“ (...) os cientistas explicam isso tudo.”

Foi possível identificar profissões em sete livros associadas a 27 personagens masculinas e femininas dentro e fora do núcleo central das histórias (não incluindo as anteriores).

Registaram-se 20 profissões associadas masculino:



Figura 3.60. Profissões associadas ao masculino

No feminino foram identificadas três profissões:

# deputada empregada-doméstica bibliotecária

Figura 3.61. Profissões associadas ao feminino

Como se pode constatar existe uma variedade de profissões associadas ao masculino – desde dono de mercearia e administrador do prédio a picheleiro. De profissões que requerem liderança (Primeiro Ministro) a coragem extrema (Domador de Leões).

- Personagem Sr. Afonso no livro “O Senhor Pina”:  
“A caminho de casa cruzou-se com o senhor Afonso, o dono da mercearia, um homem bom, que ele bem conhecia”. (p. 21)
- Personagens no livro “Achimpa” (2015):  
“Um dia um investigador fez uma descoberta muito importante”. (s/p)  
“Até que apareceu um linguista a dizer: - Abrenúncio!” (s/p)  
“Mas no dia seguinte, no Parlamento, o primeiro-ministro respondia assim a um deputado (...)” (s/p)  
“Ora bem! - respondeu o gramático” (s/p)
- Menções no livro “De umas coisas nascem outras”:  
“Os dentes extraídos no dentista desaparecem logo do nosso olhar.” (p. 26)  
  
“(…) pomo-nos a detestar aquele verso em que o poeta japonês Bashô falava do branco no branco.” (p.24)

Cada profissão tem apenas uma entrada, exceto a de “poeta” e “taxista” com duas entradas cada:

- Personagem no livro “O Tubarão na banheira”:  
“O taxista viu o tubarão (...)” (p. 16)



Figura 3.62 – Taxista no livro “Achimpa” (2015, s/p).

No caso do personagem senhor Pina existe menção a três atividades profissionais: poeta, tropa e jornalista.

A variedade associada ao masculino contrasta com as profissões associadas ao feminino (à exceção de “deputada”), tal como evidenciado nos estudos de Hamilton *et al.*, (2006) e McAdams (2015).

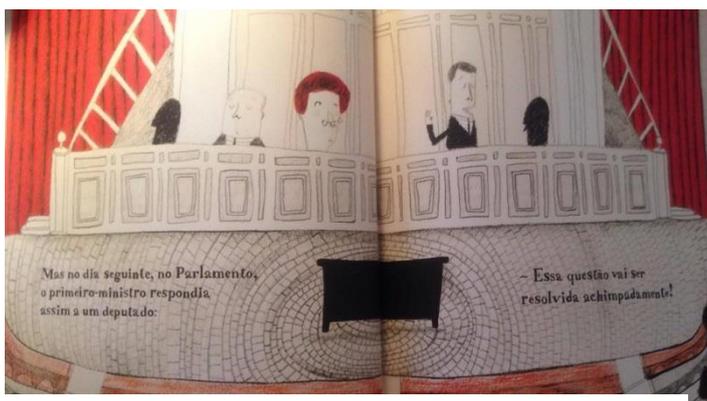


Figura 3.63 – Personagem feminina no Parlamento, no livro “Achimpa” (2015, s/p).

- Menção no livro “O Senhor Pina”:

“Já na entrada do prédio, o senhor Pina cruzou-se com a Conceição, a empregada que estava com a família há anos (...)” (p.21).

Na realidade portuguesa, e no âmbito dos estudos sobre os manuais escolares, mais recorrentes, também Fonseca (1994), demonstrou assimetrias de género nas imagens retratadas, nomeadamente o facto das profissões ligadas às funções do saber e do conhecimento representarem maioritariamente o género masculino (citado por Queirós, 2004).

Tendo em conta as assimetrias nas escolhas vocacionais e de carreira e a predominância masculina em cargos superiores e de chefia, os livros infantis poderão ser de extrema importância na apresentação de modelos e de trajetórias que contrariam esses estereótipos, pois tendo acesso a modelos de mulheres numa variedade de profissões e carreiras, as crianças e jovens colocam essas profissões no campo de possibilidades.

### c.9. Tipos de Família

O tópico sobre as famílias é importante para refletir sobre os estereótipos de género relativamente aos afetos e à diversidade das famílias representadas.

Quadro 3.6. Tipos de família

Tipo de Família			Livros
	Família Tradicional	2	“O Senhor Pina”; “De umas coisas nascem outras”; “A Contradição Humana”
Família Tradicional alargada	3	“Um Tubarão na Banheira”; “A Casa Sincronizada”; “A Palavra Perdida”	
Família Monoparental	1	“Achimpa”	

Dos oito livros, sete, permitiram selecionar elementos que denotam que as famílias apresentadas ou mencionadas remetem para famílias tradicionais (pai/mãe e filhos/a) ou famílias tradicionais alargadas, como por exemplo no livro “O Tubarão na Banheira” que tem o avô como personagem e o livro “A Casa Sincronizada” que inclui as personagens do avô e da avó.

O livro “O Senhor Pina” faz menção a um tipo de família tradicional, mas nas histórias este surge a viver sozinho. O livro “Achimpa” poderá representar uma situação de família monoparental, mencionado apenas a mãe (ou pode o pai apenas estar ausente).

Constata-se que a maioria das famílias são famílias tradicionais, não sendo representadas ou mencionadas famílias com casais do mesmo sexo.

Nos livros em análise verificámos uma maior expressão de afeto e da tarefa de cuidar exercida pelas personagens femininas.

- Personagem no livro “De umas coisas nascem outras”:  
“As mães às vezes guardam os sapatinhos de criança como recordações dos filhos pequenos”. p.26
- Personagem no livro “A Contradição Humana”:  
“(…) houve uma altura, ela e o filho só projectavam uma sombra”. (s/p)
- Personagem “Estrela” no livro “ A Casa Sincronizada”:  
“Ali mesmo ao pé os gémeos, o Albino e o Albano, ouvem esta barafunda (...), correm a chamar a mãe”. (s/p)

Um dos estereótipos de género recorrente é o de que a função de cuidar é uma atribuição das mulheres, inscrita na sua natureza feminina e interligada com a maternidade – ligação linear (mulheres e competências parentais) que tem prejudicado os homens, no estereótipo contrário de que esse papel não é o seu (Wall, 2016).

Ainda assim e para contrariar o estereótipo destacamos a proximidade registrada junto de elementos masculinos como o avô (“O Tubarão na Banheira”) e o pai (“A Contradição Humana”) É de salientar que a nível da ilustração a única interação carinhosa representada é a da mãe a afagar o seu filho, como se pode ver na figura ao lado.

Numa amostra de 200 livros Anderson e Hamilton (2005) debruçaram-se sobre a representação de homens enquanto figura paterna e concluíram que estavam muitas vezes ausentes ou eram representados como inaptos ou pouco afetuosos. Este estudo constatou que apesar de serem mais representados enquanto personagens, os

personagens masculinos são sub-representados enquanto pais – os bebés eram acarinhados dez vezes mais pelas

suas mães e os pais nunca foram identificados a beijar ou alimentar bebés. A par com o que Weitzman *et al.* identificou como “mulher invisível”, as autoras afirmam que deveríamos estar também preocupados/as com o “pai invisível” (1972, citado por Anderson e Hamilton, 2005).

Se tem havido uma evolução e mudança no papel dos homens no sentido de se envolverem mais na educação e acompanhamento dos seus filhos, como o demonstra em Portugal o aumento de número de homens que gozam das licenças parentais (Wall, 2016), com todos os benefícios que tal acarreta para ambos - é tempo de os livros infantis refletirem essa mudança ou até de serem vanguardistas, apresentando situações de igualdade.

Na reconfiguração da socialização das crianças e jovens para o exercício de novos papéis, também a entrada no universo doméstico por parte dos homens e o aumento da sua responsabilidade cuidadora poderá ter nos livros importantes aliados.



Figura 3.64 – Personagem Celeste carinhosa com o filho no livro “A Casa Sincronizada” (2011, s/p).

## c.10. Contexto

No presente estudo, as personagens femininas surgem fortemente associadas às tarefas domésticas e a contextos *indoor*.

- Personagem Celeste no livro “A Casa Sincronizada”:

“Na cozinha, a mãe Celeste aproveitava o compasso: a vassoura não parava, varria sem qualquer pausa.” (s/p)

Noutros casos, surgem também representadas em contextos públicos como a rua, o circo e ainda espaços políticos como é o caso do Parlamento.



Figura 3.65 – Personagens no livro “Achimpa” (2015, s/p).



Figura 3.66 – Personagens no livro “O Senhor Pina” (2013:49).

Destacamos a personagem Isadora no livro “A Casa Sincronizada” que emigrada em Bora-Bora surge como personagem dedicada à sua especialização enquanto bailarina, representada assim num contexto aberto, incerto e de âmbito cultural:

“Carimbo de Bora-Bora (...) É a carta de Isadora (...)” (p.21).

Na análise de Ivone Leal (1982) ficou evidente que a casa e a escola seriam comuns aos personagens masculinos e femininos, mas a rua, praia e o espaço sem limites do mundo desconhecido e de aventura seriam exclusivos dos rapazes. As personagens femininas estavam circundadas mesmo



Figura 3.68 – Apenas Personagens masculinas nos elétrico e rua no livro “Achimpa” (2015, s/p).

quando no jardim, por muros, grades ou portão, confinadas ao que viam da janela e a pedir licença e companhia para explorar novos mundos.

Posto isto, em relação a estudos anteriores talvez se possa constatar alguma mudança, ainda que haja muito espaço para melhorias, pois a maior diversidade de contextos continua a ser ocupada por personagens masculinas, protagonistas das ações.

- Personagem Principal e Avô no livro “O Tubarão na Banheira”:  
“No dia seguinte fomos até à praia” (...) (p.8)  
“Tivemos de apanhar um táxi (...)” (p.8)
- Personagem senhor Pina no livro “O Senhor Pina”:  
“ (...) tenho de apanhar um comboio daqui uma hora. Estão à minha espera em Lisboa para uma gravação; e numa biblioteca para uma inauguração; e numa escola, em Gaia, para uma comunicação; e não sei onde para uma homenagem, uma condecoração. E no café Convívio, à minha espera (...) ” (p.67)
- Personagem Valentim no livro “A Casa Sincronizada”  
“ (...) O Valentim chegou, mas só no dia seguinte!” (s/p)

De facto, o ambiente em que se apresentam as personagens masculinas e femininas pode reforçar ou contrariar a estereotipia de género, nomeadamente: o tipo de espaços físicos onde surgem - abertos/fechados, locais exteriores/interiores de rua/casa, contextos privados de casa, família, amigos/as ou públicos – económico, financeiro, associativo, cultural, etc. (Nunes, 2009).

#### **D. Linguagem**

Ao analisar os oito livros em estudo conclui-se que a maioria das expressões e linguagem utilizada recorre ao uso do masculino genérico para representar o masculino e feminino.

- Livro “O Tubarão na Banheira”:  
“moradores” (p.18); “bons amigos” (p.21); “os meus amigos” (p.24); “os verdadeiros amigos” (p.26); “dos meninos” p.25); “alunos e professores” (p.26);
- Livro “O Senhor Pina”:  
“os membros do clube” (p.47, p.49); “uns” (p.47); “outros” 3x (p.47 e 49); “os sócios” (p.47); “os intelectuais” (p.43); “adultos” (p.47);

- Livro “A Palavra Perdida”:  
“primos” (9x) (s/p); “Todos” (s/p); “Outros” (s/p);
- Livro “De umas Coisas Nascem outras”:  
“os leitores” (p.14); “poetas” (p.14); “passageiros” (2x) (p.28); “homens” (2x) (p.20 e p.26);  
“ricos” (p.30); “amigos” (p.36); “um bebê” (p.38).

Nenhum livro recorre a expressões que desafiam estereótipos de género, por exemplo: o uso de expressões no masculino e feminino, o uso de barras, o uso o plural feminino para designar todos géneros ou o uso de terminações inovadoras ou originais como, por exemplo, “todx”, “tod\_s”; tod@s,

A linguagem é um elemento primordial de transmissão da cultura impregnada das representações sociais de género dominantes que se estende aos materiais pedagógicos e didáticos (Pomar *et al.*, 2012) e aos livros infantis.

Isabel Barreno (1985) levaria cabo um estudo sobre o discurso escolar dos manuais do ensino secundário, denunciando descrições desiguais sobre homens e mulheres na sua vida profissional e social que apelidou de “falso neutro”.

A Recomendação sobre a Eliminação do Sexismo na Linguagem, emitida pelo Conselho da Europa em 1990 (Pomar *et al.*, 2012), considerou que a prevalência do masculino sobre o feminino constitui um entrave à igualdade e que o uso do masculino genérico para designar todas as pessoas gera indefinição e ocultação das mulheres, recomendando a todos os Estados-Membros um tipo de linguagem não sexista.

Em Portugal a linguagem continua a ser uma das questões mais fraturantes e que levanta oposição, verificando-se que os materiais pedagógicos continuam a perpetuar a utilização de uma linguagem que recorre ao masculino genérico e à categoria “Homem” como representante de toda a diversidade humana (Cardona *et al.*, 2015).

Segundo Graça Abranches (2009) algumas das alternativas poderão ser: a utilização de formas duplas (“pais e mães” em vez de “pais”), o emprego de barras (“os/as”) ou substituição por genéricos verdadeiros ( “as pessoas interessadas”). Esta última opção foi utilizada mais recorrentemente nos livros em estudo.

- Livro “O Senhor Pina”:  
“as pessoas” (p.9); “pessoa” (p.9); “toda a gente” (p.9); “todas as pessoas” (pág.13);
- Livro “Achimpa”:  
“ninguém” (2x, s/p); “alguém” (s/p); “gente” (s/p); “as pessoas (3x, s/p)”; “toda a gente” (s/p), “ninguém” (s/p).

## CONCLUSÕES, DESAFIOS E FOCOS DE ESPERANÇA

Esta investigação procurou contribuir para a discussão sobre a importância dos livros infantis na socialização das crianças e na perceção dos papéis e normas de género e para visibilizar os estereótipos de género presentes nos livros infantis premiados. Pretendeu ainda contribuir para o complexo exercício de análise dos estereótipos de género, através da elaboração de um instrumento para esse fim (a grelha de análise em anexo) que possa vir a ser utilizado por outros/as profissionais.

Tal como afirmou Ivone Leal (1982: 62)

(A literatura) é todo o sistema de crenças e valores, a maneira colectiva de conhecer o passado, viver o presente e antever o futuro, de aceitar o sonho e a realidade, de nos reconhecermos homens e mulheres diferentes, mas iguais na liberdade e disponibilidade para inventar maneiras novas de estar no mundo, sem bloqueamentos nem agressões.

Confrontando os resultados do estudo agora empreendido com o seu estudo, realizado em 1982, verificamos que neste século são ainda muitos os estereótipos de género que se mantêm, alguns subtis, outros nem tanto, que requerem a nossa atenção, reflexão, agência e militância para desconstruir.

Revisitamos, agora, sinteticamente, os principais resultados encontrados para as várias categorias estabelecidas, com as reflexões que os mesmos suscitam:

- Os critérios dos prémios e distinções dos livros infantis apresentam-se envoltos num desconhecimento sobre a forma como se operacionalizam em termos práticos, relegando as questões de género para o plano mais abrangente das questões de estereótipos ou desigualdades gerais, o que nos sugere a utilidade de reforçar as vantagens de incluir esta problemática nos critérios de validação das várias instituições que atribuem prémios (SPA/RTP, PNL, entre outros) e da elaboração de mais listagens feitas de forma independente e multidisciplinar, vindas de Associações e ONG's ou até mesmo por grupos de professores/as e pais e mães com interesse na temática;
- No tópico de representatividade de género verifica-se um equilíbrio em termos da autoria, que não é acompanhado pela representatividade em termos do género das personagens. A sub-representação feminina é facilmente constatada desde logo pela sua total ausência como personagens principais. Assim, urge incentivar a conceção de histórias infantis com personagens femininas de relevo e que desafiem os estereótipos de género, afigurando-se como *role-models* para outras raparigas e também para rapazes;

- No que concerne a traços físicos, feições e adornos permanece o reforço da normatividade, sendo exceções as personagens que desafiam a classificação quanto ao seu género; no entanto, também se constata que é mais frequente as mulheres/raparigas serem apresentadas com roupas ou penteados socialmente associados ao masculino, do que os homens/rapazes serem apresentados com roupas, penteados e acessórios socialmente reservados ao feminino. Esta desigualdade, que limita os homens/rapazes, deve ser igualmente fonte de atenção, no sentido de ampliação do “campo de possibilidades” para a estética masculina.
- Nas práticas desportivas verifica-se uma maior diversidade de atividades desportivas no masculino, nomeadamente atividades *outdoor* e para as personagens femininas atividades mais *indoor* e estereotipadas como a de fazer ballet. Salienta-se, no entanto, os bons exemplos de personagens masculinas representadas a dançar e a fazer o pino, contrariando o facto das expressões artísticas de dança e de agilidade/destreza serem mais associadas ao feminino;
- Na caracterização de personalidade, reforçando a maior presença e centralidade dos personagens masculinos, verificou-se também a conhecida oposição de traços de personalidade tais como “confiante” e “corajoso” no masculino e “delicada”, “dedicada”, “carinhosa” para as personagens femininas. Destaque para o personagem Valentim (“A Casa Sincronizada”) representado na sua insegurança e fragilidade de jovem apaixonado, traços mais comumente associados ao feminino;
- Sobre a temática das competências verifica-se uma maior diversidade associada ao masculino, tendo um reconhecimento mais associado à esfera intelectual do que as personagens femininas. Destaque também para o reforço de estereótipos em áreas com um défice elevado de presença feminina, como no caso das novas tecnologias e astronomia/astrofísica, ou também designadas áreas STEM (Science, Technology, Engineering and Mathematics). Em sentido contrário é de destacar personagens masculinos representados nas atividades de leitura e escrita, contribuindo para contrariar os estereótipos de que essas atividades são mais “femininas”;
- Os *hobbies* e tempos de lazer, juntamente com as tarefas e responsabilidades domésticas foram das dimensões onde mais se constatou desigualdades de género, reforçando e espelhando as existentes na nossa sociedade e não refletindo mesmo os avanços que vamos registando em prol da igualdade e da participação masculina nas tarefas da casa e no cuidar. Mantém-se, por exemplo, a dicotomia ler o jornal *versus* tricotar, os tempos de descanso e “fazer nada” reservados às personagens masculinas, e as personagens femininas na sua função maternal e responsável pelas tarefas de cozinhar, limpar e cuidar das crianças;

- As profissões apresentam uma maior variedade no masculino: de picheleiro a primeiro-ministro, todas são possíveis no masculino. Já as personagens femininas, apenas três foram associadas ao desempenho de profissões e duas delas estereotipadas: empregada doméstica e bibliotecária. Destaque, pela positiva, para uma personagem do livro “Achimpá” que surge representada no Parlamento como deputada, embora rodeada de homens
- Em relação às famílias, a maioria são famílias convencionais, não sendo representadas ou mencionadas famílias com casais do mesmo sexo. A representação de vários tipos de família tem impacto na transmissão de que todas as famílias são válidas, pelo que é sem dúvida, um tópico também a merecer reflexão e ação;
- Sobre os contextos onde se movem as personagens constata-se que parece ter havido alguma melhoria em comparação a estudos anteriores, com as mulheres a habitar o espaço público, se bem que as personagens masculinas movem-se em contextos mais diversos do que as femininas;
- O tópico da linguagem comprova o expectável, a permanência do uso do masculino genérico para representar o feminino e masculino e a quase ausência de recurso a formas inclusivas de linguagem, com exceção para as formas de “toda a gente” e “as pessoas”, que surgiram em alguns casos.

Para uma educação em igualdade é importante que meninas e meninos se vejam representados equitativamente, sem estereótipos de género limitadores. É assim premente a reflexão sobre estereótipos de género nos livros infantis premiados e não premiados, promover a análise e debate junto das equipas responsáveis pela elaboração de critérios e distinções, junto das editoras, autores/as e livreiros e a discussão junto de agentes educativos/as, tais como os/as professores/as bibliotecários/as, educadores/as e auxiliares de ação educativa; pais, mães e famílias, sem claro esquecer, crianças e jovens.

Afiguram-se como medidas necessárias a produção de mais livros livres de estereótipos de género, a seleção criteriosa, também no que respeita ao género, das coleções das bibliotecas, com destaque para a as públicas e as escolares, e a mediação dos mesmos no sentido de favorecerem a igualdade.

Além de uma boa seleção de livros e evitar o acesso a livros com estereótipos, o que seria uma tarefa muito difícil de concretizar, importa apostar na formação e em estratégias de mediação, debate junto das crianças e jovens, inventando novas resoluções, novas ações, novas personagens e novas histórias.

Importa referir que, dos livros analisados, nenhum poderá ser considerado, na sua totalidade, como instrumento de reforço de estereótipos de género. De facto, foi muito interessante verificar que num mesmo livro poderemos alternar entre mensagens estereotipadas e outras que de alguma forma contrariam o esperado em termos de representações de género.

Outra conclusão muito enriquecedora foi a de que os livros álbum e de modo narrativo solto, pela sua forma “não tradicional” de contar histórias, não tão descritiva e com uma apresentação de ilustrações mais interpretativa e conceptual, poderão ser bons aliados para desafiar os estereótipos de género. É o caso do livro “Com o Tempo” que nos mostrou que é possível ilustrar a cozinha e cozinhados sem uma referência a algum género.

Assumindo que por vezes o facto de a investigadora ser ativista nas questões de género possa ser suscetível de influenciar alguma análise, é importante reforçar que foi sempre uma preocupação corroborar as inferências aqui presentes com elementos de texto e ilustração. Posto isto, reconhecem-se algumas fragilidades e a vantagem que seria realizar esta mesma investigação com uma equipa multidisciplinar de colegas de várias áreas que pudessem reforçar as dimensões da grelha de análise e formas de garantir maior validade interna das categorias, ter vários/as codificadores/as para juntos/as debatermos resultados e conclusões.

Ainda assim, e mesmo reconhecendo as limitações, o retorno é deveras gratificante, pela constatação de algum pioneirismo nesta temática de análise e um abrir de porta para melhorias, parcerias e investimento na análise e mesmo na conceção de livros e materiais pedagógicos infantis mais promotores da igualdade de género.

## BIBLIOGRAFIA

- Abranches, Graça (2009), “Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública” (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em <http://www.igualdade.gov.pt/IMAGES/STORIES/DOCUMENTOS/DOCUMENTACAO/PUBLICACOES/LINGUAGEM.PDF>
- Amâncio, Lígia (1994), *Masculino e Feminino – A Construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento/ICS.
- Amâncio, Lígia (org.) (2001), “Sexo e Género”, *Psicologia*, XV, 1, Oeiras, Celta Editora.
- Amâncio, Lígia e João Manuel de Oliveira (2014), Ambivalências e desenvolvimentos dos estudos de género em Portugal, *Faces de Eva*, 32 (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/8956/1/publisher\\_version\\_03\\_Estudos\\_Ligia\\_Amancio.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/8956/1/publisher_version_03_Estudos_Ligia_Amancio.pdf)
- American Academy of Pediatrics (2015), “Gender Identity Development in Children”, (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <https://www.healthychildren.org/English/ages-stages/gradeschool/Pages/Gender-Identity-and-Gender-Confusion-In-Children.aspx>
- Anderson, David e Mykol Hamilton (2005), Gender Role Stereotyping of Parents in Children’s Picture Books: The Invisible Father. *Sex Roles*, 55, (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/226104545\\_Gender\\_Role\\_Stereotyping\\_of\\_Parents\\_in\\_Children's\\_Picture\\_Books\\_The\\_Invisible\\_Father](https://www.researchgate.net/publication/226104545_Gender_Role_Stereotyping_of_Parents_in_Children's_Picture_Books_The_Invisible_Father)
- Barreno, Maria Isabel (1985), *O falso neutro*, Lisboa, Edições Rolim.
- Basow, Susan (1986), *Gender stereotypes. Traditions and alternatives*, Monterey, Brooks/Cole
- Basto, Joana (2015), *A Representação de Género em Manuais Escolares do Ensino Primário do Estado Novo*, Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Artes e Design, Matosinhos, ESAD (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/9352>
- Bastos, Glória (1999,) *Literatura Infantil e Juvenil*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Bettelheim, Bruno (1996), *A psicanálise dos contos de fadas*. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra
- Block, Jeanne H. (1984), *Sex Role Identity and Ego Development*, São Francisco, Jossey-Bass Publishers.
- Bock, Gisela (1991), “Challenging Dichotomies: Perspectives on Women’s History”, em Karen M. Offen, Ruth Roach Pierson e Jane Rendall (orgs), *Writing Women’s History International Perspectives*, Londres, Palgrave Macmillan UK.
- Bornstein, Kate (1994), *Gender Outlaw: On Men, Women and the Rest of Us*, New York, Routledge.
- Bourdieu, Pierre (1994), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Brugailles, C. e Sylvie Cromer (2002), “Les représentations du masculin et du féminin dans les albums illustrés ou Comment la littérature enfantine contribue à élaborer le genre”. *Population*, 57, (2), (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em <http://www.cndp.fr/crdp-creteil/telemaque/comite/fem-masculin-Cromer.pdf>

- Brugeilles, C. e Sylvie Cromer (2009), "Promoting Gender Equality through Textbooks - A methodological guide", França, UNESCO (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001588/158897E.pdf>
- Butler, Judith (1990), *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, Nova York e Londres, Routledge.
- Butler, Judith (1993), *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*, Nova York, Routledge.
- Cardona, Maria João *et al.* (coord.) (2015), "Guião de educação Género e cidadania 1º ciclo", Lisboa, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [http://www.arteset.com/NET\\_Guiao\\_1Ciclo\\_220915.pdf](http://www.arteset.com/NET_Guiao_1Ciclo_220915.pdf)
- Coelho, Lina (2016), "Finanças conjugais, desigualdades de género e bem-estar: Facetas de um Portugal em crise", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 111 (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em <http://rccs.revues.org/6461>
- Connell R.W (2002), *Gender*, Cambridge, Polity Press.
- DeLoache, Judy, Deborah Cassidy e C. Jan Carpenter (1987), The Three Bears Are All Boys: Mothers' Gender Labeling of Neutral Picture Book Characters, *Sex Roles*, 17 (3/4) (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/226694338\\_The\\_three\\_bears\\_are\\_all\\_boys\\_Mothers'\\_gender\\_labeling\\_of\\_neutral\\_picture\\_book\\_characters](https://www.researchgate.net/publication/226694338_The_three_bears_are_all_boys_Mothers'_gender_labeling_of_neutral_picture_book_characters)
- Feinberg, Leslie (1992), *TransGender Liberation: A Movement Whose Time Has Come*, Nova York, World View Forum
- Fraga, Fernando *et al.* (2015), A alteridade na Literatura Infantil contemporânea publicada no espaço ibérico: algumas vozes e configurações na construção do género, *Elos. Revista de Literatura Infantil*, 2, (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15304/elos.2.2569>
- Goffman, Ervin (1979), "Gender advertisements, Harvard University Press" (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [http://www.publiccollectors.org/Goffman\\_Gender.pdf](http://www.publiccollectors.org/Goffman_Gender.pdf)
- Golombock, Susan e Robyn Fivush (1994), *Gender development*, Cambridge, Cambridge University Press
- Gooden, Angela e Mark Gooden (2001), Gender Representation in Notable Children's Picture Books: 1995-1999, *Sex Roles*, 45(1/2) (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/226750385\\_Gender\\_Representation\\_in\\_Notable\\_Children's\\_Picture\\_Books\\_1995-1999](https://www.researchgate.net/publication/226750385_Gender_Representation_in_Notable_Children's_Picture_Books_1995-1999)
- Green, Eli e Luca Maurer (2017), "The Teaching Transgender Toolkit" (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/magazine/2017/01/explore-gender-glossary-terminology/>
- Hamilton, Mykol *et al* (2006), "Gender Stereotyping and Under-representation of Female Characters in 200 Popular Children's Picture Books: A Twenty-first Century Update", *Sex Roles*, 55 (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/225634574\\_Gender\\_Stereotyping\\_and\\_Under-Representation\\_of\\_Female\\_Characters\\_in\\_200\\_Popular\\_Children's\\_Picture\\_Books\\_a\\_Twenty-First\\_Century\\_Update](https://www.researchgate.net/publication/225634574_Gender_Stereotyping_and_Under-Representation_of_Female_Characters_in_200_Popular_Children's_Picture_Books_a_Twenty-First_Century_Update)

- Haraway, Donna (1993), "A cyborg manifesto" em Simon During (org.), *The Cultural Studies Reader*, Londres, Routledge.
- Harding, Sandra (1991), *Whose Science? Whose Knowledge?: Thinking from Women's lives*, Milton Keynes, Open University.
- Ilga Europe, (2015), "Glossary" (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [https://www.ilga-europe.org/sites/default/files/glossary\\_october\\_2015\\_edition.pdf](https://www.ilga-europe.org/sites/default/files/glossary_october_2015_edition.pdf)
- Jackson, Sue & Susan Gee (2005), "Look Janet', 'No you look John': constructions of gender in early school reader illustrations across 50 years", *Gender and Education*, 17, 2 (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/0954025042000301410>
- Kessler, Suzanne J. e Wendy McKenna (1985 [1978]), *Gender: An Ethnomethodological Approach*, Chicago, University of Chicago Press.
- Kohlberg, Lawrence (1966), "A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes", in Eleanor E. Maccoby (Ed.), *The development of sex differences*, Stanford, Stanford University Press.
- Leal, Ivone (1982), "O masculino e o feminino em literatura infantil", Lisboa, Cadernos de Condição Feminina (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://cid.cig.gov.pt/nyron/Library/catalog/winlibimg.aspx?skey=68394629AF2347A883A99C6974F5EFE9&doc=2243&img=139258&save=true>
- Lopes, Mónica e Virgínia Ferreira (org.) (2016), "Guia para a Integração a Nível Local da Perspetiva de Género na Cultura, Desporto, Juventude e Lazer", Coimbra, CES (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [http://lge.ces.uc.pt/files/LGE\\_cultura.pdf](http://lge.ces.uc.pt/files/LGE_cultura.pdf)
- Martínez, Natalia e Cristina Torres (Asociación Mujeres Polítologas) (2014), "La Mochila Violeta - Guía De Lectura Infantil Y Juvenil No Sexista Y Coeducativa". Diputación de Granada, Delegación de Igualdad de Oportunidades y Juventud (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://www.dipgra.es/uploaddoc/contenidos/11313/Gu%C3%ADa%20de%20lectura%20infantil%20La%20mochila%20violeta.pdf>
- McAdams, Jessica (2015), *Portrayals and Presence of Adult Female Characters in Children's Picture Books: A Content Analysis of Bestsellers from the Past Five Years*. A Master's paper submitted to the faculty of the School of Information and Library Science in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Doctor of Education, Liberty University (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1500&context=doctoral>
- McCleary, Melissa A. e Michael M. Widdersheim (2014), "The Princess and the Poor Self-Image - An Analysis of Newbery Medal Winners for Gender Bias and Female Underrepresentation Leading into the Twenty-First Century", *Pennsylvania Libraries: Research & Practice*, 2 (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/274172947\\_The\\_Princess\\_and\\_the\\_Poor\\_Self-Image\\_An\\_Analysis\\_of\\_Newbery\\_Medal\\_Winners\\_for\\_Gender\\_Bias\\_and\\_Female\\_Underrepresentation\\_Leading\\_into\\_the\\_Twenty-First\\_Century](https://www.researchgate.net/publication/274172947_The_Princess_and_the_Poor_Self-Image_An_Analysis_of_Newbery_Medal_Winners_for_Gender_Bias_and_Female_Underrepresentation_Leading_into_the_Twenty-First_Century)
- Michel, Andrée (1986), "Down with stereotypes! Eliminating sexism from children's literature and school textbooks", UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural

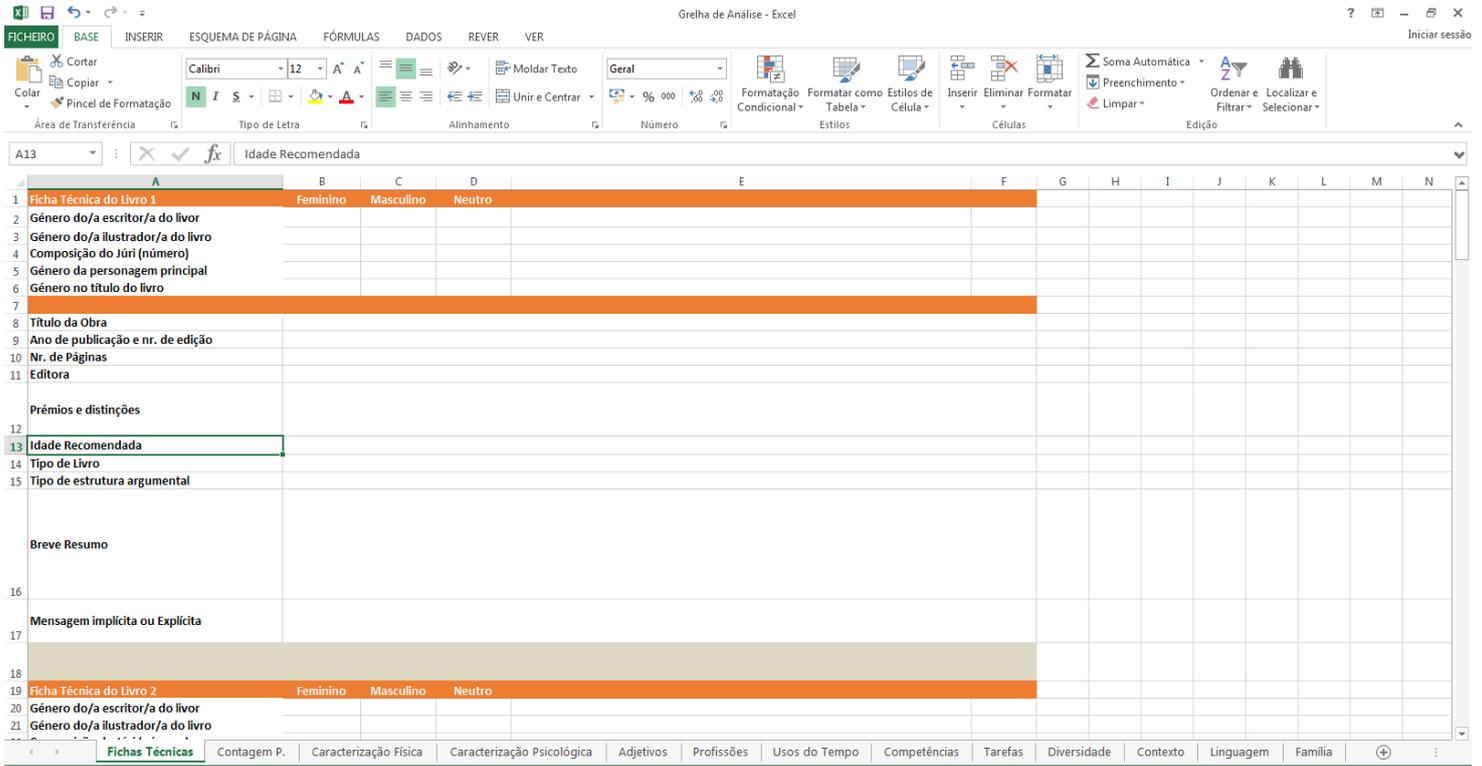
- Organization (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em:  
<http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000705/070590EO.pdf>
- Miguel, Cristina (2011), *O Conhecimento Sociocultural Nos Manuais De Português Língua Estrangeira: As Relações Entre Géneros*, Tese de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa apresentada à Faculdade De Letras, Departamento De Língua E Cultura Portuguesa, Lisboa, Universidade de Lisboa (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/6949>
- Narahara, May (1998a), "Gender stereotypes in children's picture books", *National Center for Research on Teacher Learning*, (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED419248.pdf>
- Narahara, May (1998b), "Gender Bias in Children's Picture Books: A Look at Teachers' Choice of Literature", Exit Project EDEL 570, University of California, Long Beach, (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED419247.pdf>
- Neto, António *et al.* (1999), "Estereótipos De Género: Uma Proposta De Intervenção Na Formação Inicial De Professores/Educadores", *Cadernos Condição Feminina, Coeducação – Do Princípio ao desenvolvimento de uma prática*, Atas do Seminário Internacional, 54.
- Neves, José (2015), "Cultura De Leitura E Classe Leitora Em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 78 (online), consultado em 23.10.201. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/8947>
- Nogueira, Conceição (1999), "Psicologia e construção social do género", *Coeducação: do princípio ao desenvolvimento de uma prática: Atas do seminário internacional* (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64465>
- Nogueira, Conceição e Luísa Saavedra (2007), "Estereótipos de Género. Conhecer para os transformar". *Cadernos Sacausef: Igualdade de Género*, Lisboa, Ministério da Educação (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em <http://docplayer.com.br/7635144-Estereotipos-de-genero-conhecer-para-os-transformar.html>
- Nunes, Maria Teresa (2009), "O Feminino e o Masculino nos Materiais Pedagógicos: (in)Visibilidades e (des)Equilíbrios", Comissão Para a Cidadania e Igualdade De Género (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/Miolo\\_Feminino\\_e\\_o\\_Masculino.pdf](https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/Miolo_Feminino_e_o_Masculino.pdf)
- Oakley, Ann (1972), *Sex, gender and society*, Londres, Temple Smith.
- OECD (2012), "Closing the Gender Gap: Act Now", OECD Publishing" (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264179370-en>
- Oliveira, João (2012), "O Rizoma "Género": Cartografia De Três Genealogias", *E-cadernos CES*, 15, (78) (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/media/ecadernos15/02.%20Joao%20Oliveira.pdf>
- Paynter, Kelly (2011), *Gender Stereotypes And Representation Of Female Characters In Children's Picture Books*, Dissertation Presented to the Faculty of the School of Education in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Doctor of Education, Liberty University (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1500&context=doctoral>

- Pereira, Maria do Mar (2012), *Fazendo género no recreio. A negociação do género em espaço escolar*, Lisboa, ICS – Instituto de Ciências Sociais.
- Perista, Heloisa, *et al.* (2016), “Os Usos do Tempo de Homens e de Mulheres em Portugal”, Lisboa, CESIS/CITE, (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/INUT\\_livro\\_digital.pdf](http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/INUT_livro_digital.pdf)
- Pomar, Clarinda *et al.* (coord.) (2012), “Guião de Educação Género e Cidadania, Lisboa, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género 2º ciclo”, (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/guiao\\_educa\\_2ciclo.pdf](https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/guiao_educa_2ciclo.pdf)
- Queirós, Telma (2004), *[Des] Igualdade de Oportunidades nos Manuais Escolares de Educação Física do 2.º Ciclo do Ensino Básico? - Análise das ilustrações e das percepções de professores/as- estagiários/as*. Dissertação apresentada às provas de Mestrado em Ciência do Desporto, Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/10579/7/6156\\_TM\\_01\\_P.pdf](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/10579/7/6156_TM_01_P.pdf)
- Reis, Carlos e Vivina de Campos Figueiredo (1995), *O Conhecimento da literatura – Introdução aos Estudos Literários - Caderno de Apoio*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Rocha, Natércia (1992), “Breve História da Literatura para Crianças em Portugal”, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa do Ministério da Educação (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/estudos-literarios-critica-literaria/41-41/file.html>
- Rosado, Isabel (2011), *Literatura para a Infância - Conceções e Acompanhamento Parental em Idade Pré-Escolar com Vista à Promoção de Hábitos de Leitura*, Trabalho de Projeto de Mestrado em Educação apresentado à Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra, ESEC (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/MESTRADOS\\_ESEC/ISABEL\\_ROSADO.pdf](http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/MESTRADOS_ESEC/ISABEL_ROSADO.pdf)
- Ruquoy, Danielle (1997), “Situação de entrevista e estratégia do entrevistador”, em Luc Albarello e outros, *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, pp. 84-116.
- Saleiro, Sandra (2013), *Trans Géneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de género*, Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Sociologia, Lisboa, ISCTE.
- Saleiro, Sandra Palma (2014), “Entre ‘sapos’ e ‘princesas’: modos, tempos e espaços de vivência cross-dresser”, *Atas do VIII Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia*. (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [http://www.aps.pt/vii\\_congresso/area=actas&m=1](http://www.aps.pt/vii_congresso/area=actas&m=1)
- Scott, Joan (1988), *Gender and the Politics of History*, Nova Iorque, Columbia, University Press.
- Seavey, Carol .A., Phyllis A. Katz e Sue Rosenberg Zalk (1975), Baby X: The Effect of gender labels on adult responses to infants, *Sex Roles*, 1, (103) (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF00288004>
- Silva, Paula (2012), *Influência da Literatura Infantil na Motivação para a Leitura*. Dissertação de Mestrado em Didática da Língua Portuguesa apresentado ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra, ESEC. (online), consultado em

- 23.10.2017. Disponível em:  
[http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/MESTRADOS\\_ESEC/PAULA\\_SILVA.pdf](http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/MESTRADOS_ESEC/PAULA_SILVA.pdf)
- SottoMayor, Dora (2014), "Tipologias De Livros Infanto-Juvenis: O Caso Do Prémio Nacional De Ilustração", comunicação apresentada para as Atas do 10.º Encontro Nacional de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração, Braga, CIEC.
- Stoller, Robert J. (1968), *Sex and Gender: On the Development of Masculinity and Femininity*, New York City, Science House,
- Stryker, Susan e Stephen Whittle (2006), *The Transgender Studies Reader*, Nova Iorque, Routledge.
- Swanson, Rachel (2016), "Look Who's Talking Now: Representation of Female Characters in Children's Chapter Books", *Senior Projects Spring*, 387 (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [http://digitalcommons.bard.edu/senproj\\_s2016/387](http://digitalcommons.bard.edu/senproj_s2016/387)
- Taylor, Frank (2003), Content Analysis and Gender Stereotypes in Children's Books. *Teaching Sociology*, 31, (3) (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0092-055X%28200307%2931%3A3%3C300%3ACAAGSI%3E2.0.CO%3B2-R>
- Trans Pulse (2017), "Gender Glossary" (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <https://www.transgenderpulse.com/gender-glossary/>
- Transgender Europe (2016), "Glossary" (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://tgeu.org/glossary/>
- Vala, Jorge (1986), "A análise de conteúdo". In A. S. Silva & M. Pinto (Orgs.). *Metodologia das ciências sociais* (pp.102-128), Porto, Afrontamento.
- Vale de Almeida, Miguel (2000 [1995]), *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século.
- Van der Linden, S. (2008), L'album, le texte et l'image. *Le français aujourd'hui*, 161 (2) (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: doi:10.3917/lfa.161.0051
- Vilar, Maria Isabel (2016), *O Plano Nacional de Leitura: fundamentos e resultados*, Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, especialidade em Literacias e Educação, Lisboa, ISPA (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/18465/1/Tese%20M.%20Isabel%20Vilar.pdf>
- Wall, Karin. *et al.* (coord.) (2016), "Livro Branco – Homens e Igualdade de Género em Portugal", CITE/ICS (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26649/1/ICs\\_KWall\\_LivroBranco\\_Outros.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26649/1/ICs_KWall_LivroBranco_Outros.pdf)
- West, Candace; Don H. Zimmerman (1987), Doing Gender, *Gender and Society*, 1 (2) (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0891-2432%28198706%291%3A2%3C125%3ADG%3E2.0.CO%3B2-W>
- Yello, Nicole (2012), *A Contact Analysis Of Caldecott Medal And Honor Books From 2001-2011: Examining Gender Issues And Equity In 21st Century Children's Picture Books*, Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the Honors in the Major Program in Elementary Education in the College of Education and the Burnett Honors College, Florida, University of Central Florida, Orlando (online), consultado em 23.10.2017. Disponível em: <http://stars.library.ucf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2318&context=honorsthesis1990-2015>

## ANEXO

# Anexo I – Grelha de análise e seus separadores



<b>Ficha Técnica do Livro</b>	<b>Femini no</b>	<b>Masculi no</b>	<b>Neutro</b>	
<b>Género do/a escritor/a do livor</b>				
<b>Género do/a ilustrador/a do livro</b>				
<b>Composição do Júri (número)</b>				
<b>Género da personagem principal</b>				
<b>Género no título do livro</b>				
<b>Título da Obra</b>				
<b>Ano de publicação e nr. de edição</b>				
<b>Nr. de Páginas</b>				
<b>Editora</b>				
<b>Prémios e distinções</b>				
<b>Idade Recomendada</b>				
<b>Tipo de Livro</b>				
<b>Tipo de estrutura argumental</b>				
<b>Breve Resumo</b>				
<b>Mensagem implícita ou Explícita</b>				







### Diversidade étnica, cultural, incluindo pessoas com incapacidade,

Livro	Personagem	Gênero	Diversidade	Evidências

### Contexto Representado

Livro	Personagem	Gênero	Contexto em que surge	Evidências

### Linguagem Utilizada

Livro	Tipo de linguagem	Evidências

### Tipo de Família

Livro	Características da família	Interações	Evidências

## Anexo II – Guião de Entrevista

O meu nome é Andreia Nunes e estou a realizar o Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura no ISCTE sobre a temática dos estereótipos de género nos livros infantis premiados, tomando como referente os que recebem a distinção da SPA/RTP na categoria “Melhor livro infanto-juvenil” e que são também recomendados pelo Plano Nacional de Leitura. É na condição de Comissária do PNL (Dra. Elsa Conde) e de membro do painel de especialistas (Dra. Leonor Riscado), que gostaria de as entrevistar.

Desde já agradeço o vosso tempo e disponibilidade.

Gostaria ainda de pedir-vos autorização para gravar esta entrevista, de forma a melhor registar tudo o que for dito.

1. Que balanço após 10 anos de Plano Nacional de Leitura?
2. Qual mudanças para esta nova fase 2027?
3. Nesta nova fase existirá o envolvimento de outros ministérios, nomeadamente o Ministério da Cultura. Como encaram a ligação entre o livro/leitura e cultura?
4. Que critérios estão subjacentes à escolha do painel de especialistas responsáveis pela seleção dos livros recomendados?
5. O painel de especialistas é variável em cada edição?
6. Existe “divisão de tarefas” por níveis etários ou tipo de leitura recomendada, na elaboração das listagens?
7. São as editoras que enviam os livros para vossa apreciação, correto? Como se dá o processo de seleção dos livros a partir daí?
8. Como crê que é encarada esta distinção pelas pessoas ligadas ao mundo dos livros infantis: autores/as, editoras/as, bibliotecas, escolas? Considera que existe uma valorização desta distinção? E em relação a outras distinções/prémios?
9. Crê que esta distinção “Livro Recomendado pelo PNL” influencia a escolha de pais/mães e crianças no momento de aquisição de um livro?
10. Todos os livros vencedores do Prémio SPA/RTP são também recomendados pelo Plano Nacional de Leitura. Porque consideram que isso acontece?
11. Como e de quem é a responsabilidade de definição dos critérios de avaliação dos livros?

12. O painel de especialistas participantes contribui na definição desses critérios?  
Se sim, como?
13. Existem orientações prévias fornecidas pelo PN quanto aos critérios de avaliação? E são variáveis em cada edição ou não?
14. Os critérios são formalmente aprovados e divulgados? Há a possibilidade de aceder a esses documentos, atas, etc.? (pedir explicitamente acesso)
15. Que os critérios são tidos em consideração na apreciação dos livros? Podem dar-me exemplos, por favor?
16. No *website* do PNL podemos ler são tidos em conta critérios tais como “o mérito literário das obras, bem como a sua qualidade estética e revisão gráfica da edição”. Em que termos práticos como se operacionalizam estes critérios?
17. Que alterações estão previstas para as listagens de livros recomendados nesta nova fase 2027?

Numa entrevista ao Público de 23 de Abril de 2017 realizada por Bárbara Wong e dirigida à Dra. Teresa Calçada e à Elsa Conde podia ler-se no título “Plano Nacional de Leitura vai ter medidas para pôr os rapazes a ler mais”. Nessa mesma entrevista a Dra. Elsa Conde refere que:

- “As listas [de livros recomendados] não fazem distinção entre rapazes e raparigas e acho que recomendar um livro para uma rapariga é diferente...”.
18. O PNL vai ter medidas especificamente direcionadas a rapazes e/ou a raparigas? Se sim, qual o objetivo dessas medidas e em que se concretizam?
  19. Como poderá o PNL contribuir para uma maior igualdade no acesso e sucesso da leitura entre rapazes e raparigas?
  20. As questões de género são tidas em conta no âmbito dos critérios de apreciação dos livros? (ex: existe preocupação em dar maior visibilidade a histórias com personagens principais femininas, procurar averiguar se não são reforçadas discriminações acerca do que é esperado para homens e mulheres?). É algo que já tenha sido falado ou debatido?
  21. Se sim, que aspetos sobre conteúdo (texto e imagem) são ou poderiam ser incluídos na avaliação? Se não são, consideram que seria uma boa aposta nesta nova fase? Que aspetos incluiriam?
  22. Sendo a igualdade de género uma temática presente nas recomendações do Ministério da Educação e no V Plano Nacional para a Igualdade de Género, para todos os níveis de ensino, como pensam que é/Seria encarada pelo painel de especialistas a sua inclusão nos critérios de avaliação?

23. Julga que existe/existiria adesão ou resistências? Se consideram que sim, de quem (membros do júri em geral, membros do júri mais velhos/as, membros do júri homens...)?
24. Tendo em conta que os livros infantis influenciam a socialização das crianças, lhes ensinam sobre o mundo e têm um papel fundamental na sua educação, considera importante que os critérios de avaliação de prémios que distinguem “os melhores dos melhores” possam no futuro vir a refletir sobre estas questões?

Obrigada!

## Anexo III – Contagem de todas as Personagens

Contagem de Personagens					
Livro:	Um Tubarão na Banheira				
	Crianças	Adultos/as	Animais	Outros	Nomes
Contagem de Personagens Masculinas	3	4	0	0	Personagem Principal - Criança p.8, avô p.8, taxista p.16, morador do prédio p.19, pai p.22, dois amigos p.27
Contagem de Personagens Femininas	1	3	0	0	Mãep.18, duas moradoras do prédio, p.19, amiga p.27
Personagens Gender Bender	0	0	0	0	

Contagem de Personagens					
Livro:	A Casa Sincronizada – uma história musical				
	Crianças	Adultos/as	Animais	Outros	Nomes
Contagem de Personagens Masculinas	4	3	0	0	Personagem Principal - Valentim, gémeos Albino e Albano, Tomé, Avô, Pai Artur, Cuco Alfredo, Carteiro
Contagem de Personagens Femininas	2	2	0	0	Olga, Isadora, Mãe Celeste, Avó Estrela
Personagens Neutras ou Gender Bender	0	0	0	0	

Contagem de Personagens					
Livro:	O Senhor Pina				
	Crianças	Adultos/as	Animais	Outros	Nomes
Contagem de Personagens Masculinas	0	10	1	0	senhor Pina, urso, senhor Afonso, Artur; vizinho do lado; engenheiro Quaresma (p.37); Germano (p.39); professor de literatura (p.41); Jorge (p.45) Borges (p.42); picheleiro
Contagem de Personagens Femininas	0	8	0	0	"senhora com um livro na mão" p.11; "vizinha do sexto direito" p.21; Conceição; Fátima, Ana, Sara, empregada; senhora na bicicleta p.57
Personagens Neutras ou Gender Bender	0	0	0	0	Urso que apesar de ter associado o pronome masculino, tem o nome de Joanica Puff para tradução de Winnie the Pooh

Contagem de Personagens					
Livro:	Com o tempo				
	Crianças	Adultos/as	Animais	Outros	Nomes
Contagem de Personagens Masculinas	1	6			menino da franja pág.3; 1 senhor de bigode pág. 17; 2 senhores negros pág. 17 e 18; 1 senhor careca pág.18 e 1 jovem pág.18; idoso pág.32; 2 homens p.41
Contagem de Personagens Femininas	3	7			menina a nadar pág.16; 3 senhoras de fato de baho pág. 17 e 18; 2 senhoras de bikini; senhora pág.23; menina pág. 24; menina pág.38; senhora p.41
Personagens Neutras ou Gender Bender		1			personagem pág. 41

## Anexo III – Contagem de todas as Personagens (cont.)

Livro:	Achimpa				
	Crianças	Adultos/as	Animais	Outros	Nomes
Contagem de Personagens Masculinas		14			3 homens na biblioteca; 4 homens na rua págs. 9 e 10; senhor pág.16; 2 senhores págs. 17 e 18; 4 senhores págs. 21 e 22
Contagem de Personagens Femininas	1	8			Senhora da Biblioteca (Capa); D.ª Zulmira, referida na pág. 3; criança da pág. 7; mãe da criança pág.8; senhora pág. 9; senhoras págs. 13 e 14, senhora pág.16; senhora pág. 17
Personagens Neutras ou Gender Bender					

Livro:	De umas coisas nascem outras				
	Crianças	Adultos/as	Animais	Outros	Nomes
Contagem de Personagens Masculinas	2	1			Menino p. 6 e 7; ilustração p. 13; ilustração p.15
Contagem de Personagens Femininas	3				Menina p.6, ilustração p.11; ilustração p.35
Personagens Neutras ou Gender Bender					

Livro:	A Palavra Perdida				
	Crianças	Adultos/as	Animais	Outros	Nomes
Contagem de Personagens Masculinas	18				Manuel (p.11); 2 ilustrações p. 15 e 16; António p.20 e p.27, Francisco p.20 e p.28; Rafael p.22 e p.27, Miguel p.22 e p.28 e João p.22 e p.28, Manuel p.27; Duarte, Tomás, Martim, Eduardo, Rodrigo, Henrique, Bernardo, Vasco, Pedro p. 29 e 30
Contagem de Personagens Femininas	16				2 ilustrações p. 15 e 16; Inês, Mariana, Joana, Filipa, Matilde, Francisca, Madalena, Maria, Petra, Amélia, Alice, Sara, Zoe, Raquel p. 29 e 30
Personagens Neutras ou Gender Bender	2				Pág.15 e 16

Livro:	A Contradição Humana				
	Crianças	Adultos/as	Animais	Outros	Nomes
Contagem de Personagens Masculinas	2	7			pai p. 7; vizinho p.12; ilustração p.13, Sr. Gomes p.15; Sr. Oliveira p.17, personagem principal p.23, domador de leões p.25; filho do sr.Gomes p.30
Contagem de Personagens Femininas		9			Mãe p.7, Agnese p.8, Tia p.9, Senhora p.14 e ilustração p.13; Dona Assunção p.19; Prima p.22; mulher barbada p.25, Carlinha p.27
Personagens Neutras ou Gender Bender					